



Aline Borges Moreira Dias

**FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES (AS) DE EDUCAÇÃO FÍSICA
EM CONTAGEM/MG:**

narrar a experiência, escrever a aula.

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG

2020

Aline Borges Moreira Dias

**FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES(AS) DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM
CONTAGEM/MG:**

narrar a experiência, escrever a aula.

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional, em Educação Física, em Rede Nacional – PROEF, junto à Universidade Federal de Minas Gerais e ao Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – NEAD/UNESP.

Orientador: Professor Doutor Admir Soares de Almeida Júnior

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG

2020

D541f Dias, Aline Borges Moreira
2020 Formação continuada de professores (as) de educação física em Contagem/MG: narrar a experiência, escrever a aula. [manuscrito] / Aline Borges Moreira Dias – 2020.

170 f., enc.: il.

Orientador: Admir Soares de Almeida Junior

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 167-170

1. Professores de educação física – formação – Teses. 2. Educação física – estudo e ensino – Teses. I. Almeida Junior, Admir Soares de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 371.73

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Danilo Francisco de Souza Lage, CRB: nº 3132, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL</p> <p>Mestrado Profissional Educação Física em Rede Nacional (PROEF)</p>	
--	---	--

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

MESTRANDO: Aline Borges Moreira Dias
INÍCIO DO CURSO: 2018

Às 14:30 horas do dia 26 de JUNHO de 2020, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, foi realizada a sessão pública - de forma remota (online) - da defesa da Dissertação de Mestrado de ALINE BORGES MOREIRA DIAS, com o trabalho intitulado: **FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES (AS) DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM CONTAGEM/MG: NARRAR A EXPERIÊNCIA, ESCREVER A AULA**, vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF).

A Banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: PROF. DR. ADMIR SOARES DE ALMEIDA JUNIOR (orientador), Prof. DR. GUILHERME DO VAL TOLEDO PRADO e PROF. DR. TARCÍSIO MAURO VAGO.

A candidata realizou apresentação oral de sua pesquisa por, aproximadamente, 30 minutos. Em seguida, foi arguida pelos docentes membros da Banca.

Após a arguição a banca decidiu pelo seguinte resultado:

Trabalho aprovado

Trabalho reprovado

Candidata:

Aline Borges Moreira Dias

Banca:

Prof. Dr. Admir Soares de Almeida Junior

Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado (FE/UNICAMP)

Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago (PROEF- DEF/EEFFTO/UFMG)

Belo Horizonte, 26 de junho de 2020



Mestrado Profissional Educação Física
em Rede Nacional



Parecer de Trabalho de Conclusão Final
Dissertação e Produto Educacional

Título da Dissertação: FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES (AS) DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM CONTAGEM/MG: NARRAR A EXPERIÊNCIA, ESCREVER A AULA.

Mestranda: Aline Borges Moreira Dias

Orientador: Prof. Dr. Admir Soares de Almeida Junior

Parecerista: Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago

Contextualização

O trabalho apresentado por Aline Borges Moreira Dias está muito bem estruturado e oferece significativa contribuição para a reflexão sobre o conhecimento relativo à formação continuada de Professores/as de Educação Física.

Mérito

O trabalho foi realizado com procedimentos metodológicos inovadores capazes de envolver docentes da área na cidade de Contagem mobilizando-os para produzirem escritos a respeito de suas práticas pedagógicas, movimento que resultou em uma rica coleção de textos que expressam a potencialidade do trabalho que realizam em suas escolas.

Voto

Diante do exposto, sou plenamente favorável à aprovação da dissertação de Aline Borges Moreira Dias

Atenciosamente,

Tarcísio Mauro Vago

Belo Horizonte, 10 de agosto de 2020.





Mestrado Profissional Educação Física
em Rede Nacional



Parecer de Trabalho de Conclusão Final
Dissertação e Produto Educacional

Título da Dissertação: FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES (AS) DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM CONTAGEM/MG: NARRAR A EXPERIÊNCIA, ESCREVER A AULA.

Mestranda: Aline Borges Moreira Dias

Orientador: Prof. Dr. Admir Soares de Almeida Junior

Parecerista: Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado

Trata-se de um trabalho de formação continuada realizado em cidade da grande BH, em que professores de educação física foram convidados a narrar suas experiências docentes e constituir grupo colaborativo e reflexivo com vistas ao registro e aprimoramento do trabalho pedagógico realizado no cotidiano das escolas. Ressalta-se que o mérito do trabalho está não só no conjunto de reflexões sobre a prática pedagógica da professora de educação física, autora da dissertação, como também o de ter realizado, no âmbito da investigação em 2 (dois anos), uma comunidade de práticas e de aprendizagem docente e uma rica publicação, com vistas à divulgar o trabalho docente cotidiano das professoras e professores de educação física das escolas públicas da cidade mineira, com o título: “Pipocas Contagiantes: coletivo de professores e professoras de educação física narradores de seus saberes e fazeres”. Diante do exposto, indica a **aprovação** da candidata, parabenizando-a pela rica e comprometida dissertação de mestrado com seu respectivo produto educacional.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado

Belo Horizonte, 26 de junho de 2020.





“Dedico esta dissertação a minha família, mãe e irmãs. E ao meu pai e avó, que já não mais conosco, mas tenho a certeza de que se orgulhariam da minha jornada.”

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter colocado em minha jornada experiências e pessoas tão marcantes;

À minha mãe, irmãos e sobrinha. Família que soube me acolher, incentivar e motivar em todos os momentos, mesmo não tendo clareza do que significa essa titulação para minha carreira;

Ao meu orientador, Admir, pela parceria, atenção, zelo, incentivo e exemplo. Sempre presente e mediando os caminhos dessa jornada acadêmica e profissional de forma passiva, respeitosa e cautelosa. Tenho imensa admiração por sua trajetória profissional e eterna gratidão por ter sido escolhida para receber sua orientação.

Ao Guilherme e Tatá por abrir meus olhos e minha mente mostrando inúmeras possibilidades, incentivando, não só a mim, mas todo o Coletivo de Professores de Educação Física Narradores, sendo exemplo e inspiração para a docência e para a escrita narrativa.

Aos meus amigos que foram compreensivos com toda a minha ausência, nos últimos dois anos, em especial, a Juliana que me ajudou desde o processo seletivo para o PROEF até o dia da defesa da dissertação.

Aos colegas do PROEF, turma que fez história por constituir o primeiro grupo de professores a ingressar no mestrado profissional em educação física escolar na UFMG. Dividimos experiências, felicidades e aflições, apoiamos-nos, e fomos recursos uns para os outros.

A todos os professores do PROEF, Polo UFMG, que foram extremamente atenciosos, amigos, motivadores e cúmplices na formação dos doze mestrandos. Defenderam e garantiram a permanência do programa na EEEFTO, proporcionando o ingresso de professores da rede pública no mestrado profissional de forma democrática.

Aos professores do Coletivo de Narradores por todo o acolhimento e carinho. Cada um com sua particularidade foram, e ainda são inspiração e exemplo para encarar as dificuldades diárias da docência. Que nossas trocas perpetuem por muitos anos, e que sejam muito além das Pipocas Contagiantes.



A Poliana, amiga, colega de trabalho, membro do coletivo, exemplo de vida e aos colegas de trabalho e alunos da Escola Municipal Albertina Alves do Nascimento que estiveram comigo durante toda essa pesquisa, contribuindo para a minha jornada de construção pessoal e profissional.

A SEDUC por garantir o espaço/tempo da formação continuada de Contagem para o Coletivo de Professores de Educação Física e o apoio na construção do livro Pipocas Contagiantes.



“Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição”.

(BOSI, 1979, p.39)

RESUMO

Este memorial de formação traz relatos de experiências de vida, experiências acadêmicas e profissionais de uma professora de educação física da rede Municipal de Contagem, com ênfase nos anos de 2018, 2019 e 2020: período em que foi mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física Escolar, professora de educação física na Escola Municipal Albertina Alves do Nascimento, formadora e membro do “Coletivo de Professores de Educação Física narradores de seus Saberes e Fazeres”. Parte da história narrada neste memorial são desdobramentos da constituição de um coletivo de professores de educação física da rede municipal de Contagem parte de uma ação de formação continuada que tinha como objetivo criar narrativas pedagógicas – pipocas pedagógicas (CAMPOS e PRADO 2013) - textos curtos que relatam causos/acontecimentos do cotidiano docente e trazem à tona reflexões sobre a prática de ensino, experiências, saberes e fazeres produzidos nas escolas e nas aulas de educação física. A narrativa é um convite aos docentes e gestores da educação pública brasileira a pensar nos formatos de educação continuada que vem sendo implantados, no Brasil, e sua relação com a prática docente, e como estes espaços tem se constituído como um momento privilegiado para o diálogo coletivo e troca de experiências sobre a prática pedagógica entre os pares.

Palavras-Chave: Formação continuada. Pesquisa narrativa. Memorial de formação. Pipocas pedagógicas. Educação física escolar.

ABSTRACT

This training memorial brings reports of life, academic and professional experiences of a physical education teacher from the municipal education system of Contagem with an emphasis on the years 2018, 2019 and 2020: period when she was a master's student in the Professional Master's Program in Physical Education Scholar, physical education teacher at Albertina Alves do Nascimento Municipal School, trainer and member of the "Collective of Physical Education Teachers who narrate their Knowledge and Practice". Part of the story narrated in this memorial is the result of the constitution of a collective of physical education teachers from the municipal network of Contagem, part of a continuing education action that aimed to create pedagogical narratives – "pedagogical popcorn" (CAMPOS and PRADO 2013) - short texts that they report cases / events in the teaching routine and bring up reflections on teaching practices, experiences, knowledge and actions produced in schools and physical education classes. The narrative is an invitation to teachers and managers of Brazilian public education to think about the continuing education formats that have been implemented in Brazil and their relationship with teaching practice and how these spaces have been constituted as a privileged moment for collective dialogue and exchange of experiences on pedagogical practice among peers.

Keywords: Continuing education. Narrative research. Training memorial. "Pedagogical popcorn". School physical education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Esquema de narrativas de experiência.....	19
Foto 1- Instituto de Educação.....	21
Foto 2 – Instituto de Educação I.....	23
Figura 2 – Conjunto IAPI, Belo Horizonte.....	24
Foto 3 - Ensino Fundamental, Colégio Batista Mineiro.....	27
Foto 4 – Ensino Médio, Colégio Batista Mineiro.....	28
Foto 5- Amigos.....	29
Foto 6– Intervenção UMEI Vila Antena.....	32
Figura 9 – Aulas PST no Centro Pedagógico.....	34
Foto 8- Caderno de Registros.....	35
Foto 9 - Quadra da Escola Municipal Carmem Barroso.....	36
Figura 3 – Distância entre escolas e minha casa (municípios de Lagoa Santa, Pedro Leopoldo, Santa Luzia e Contagem).....	38
Figura 4 – Distancia entre escolas do municipio de Contagem e minha casa.....	38
Foto 10 – Encontros da formação Continuada ofertada pela SEDUC de Contagem.....	42
Foto 10 – Registro do “Jogos de Integração”.....	48
Foto 11 – Álbum de figurinhas produzido em 2018 durante o conteúdo de futebol.....	50
Foto 12 – Álbum de figurinhas produzido em 2018 durante o conteúdo de futebol.....	50
Foto 13 - Álbum de Figurinhas.....	51
Foto 14 - Álbum de Figurinhas.....	51
Foto 15- Álbum de Figurinhas.....	52
Foto 16 - Diálogos temáticos em Educação Física.....	60
Foto 17 – Seminário da Formação Continuada, relato de experiência.....	64
Foto 18 e 19 - Registros pessoais.....	65
Foto 18 - Jogos Escolares 2018.....	66
Foto 19- Encerramento dos jogos escolares.....	67
Foto 20- Chá de bebê da Lara.....	68
Figura 4 - Súmula I.....	69
Foto 21– Primeiro Encontro do Coletivo de Narradores.....	76
Foto 22– 1º encontro do coletivo.....	78
Figura 5- Esquema da dinâmica.....	84
Foto 22 – Professores em dinâmica.....	85
Foto 23 – Professores em dinâmica.....	85
Foto 24- Professores alternam a experiência de escriba, ouvinte/interlocutor e narrador.....	86
Foto 25- Foto dos registros do “escriba”.....	87
Foto 26- Foto dos registros do “escriba”.....	88
Foto 27 - Professores e seus registros.....	89
Foto 28 -Professores e seus registros.....	90
Foto 29 – Professores e seus registros.....	92
Foto 30- Registros de aula do professor Matheus.....	93

Figura 5- Coletivo de Professores (as) de Educação Física Narradores(as) de Seus Saberes e Fazeres.....	95
Quadro 1-Proposta de cronograma 2019.....	96
Foto 31- Caderno de Formação	98
Foto 32- Caderno de Formação.....	98
Foto 33- Caderno de Formação.....	99
Figura 6- Print do site da prefeitura de Contagem.....	101
Foto 34 – Jogos de Integração.....	107
Figura 7- Grade Curricular PROEF.....	111
Foto 35- Formação continuada.....	112
Foto 36- Professores relatando experiências.....	113
Foto 37 Professores relatando experiências.....	113
Foto 38- Professores em dinâmica de validação das pipocas pedagógicas.....	114
Foto 39- Encontro de formação continuada: visita do Dr. Guilherme do Val Toledo Prado.....	120
Foto 40 - Mostra Pedagógica Pensando a EF Escolar.....	121
Foto 40- Mostra Pedagógica Pensando a EF Escolar.....	122
Foto 41- Mostra Pedagógica Pensando a EF Escolar.....	123
Figura 8- Print do site da Prefeitura de Contagem	127
Foto 42- Professor Rodrigo fazendo a leitura da sua pipoca para o coletivo.....	129
Foto 43 Momentos em que tornamos publicas as nossas pipocas pedagógicas.....	131
Foto 44 – Festival de Ginástica E. M. Albertina Alves do Nascimento.....	135
Figura 9- Capa do livro Pipocas Contagiantes criada por Walber da Silveira.....	139
Foto 45 - Momentos do CONBRACE	141
Foto 46- Lançamento do Livro no CONBRACE.....	143
Foto 47 – Apresentação de Poster CONBRACE	145
Foto 48- Apresentação de poster CONBRACE	145
Figura 10 Print do Intagram	146
Quadro 2-.....	155
Proposta de cronograma 2020	155
Quadro 3- Questionário.....	156
Foto 48- Proposta de avaliação da formação continuada.....	157
Foto 49 Aula disciplina Pesquisa Narrativa e (auto) biográfica em educação física.....	160
Foto 49- Aula disciplina Pesquisa Narrativa e (auto) biográfica em educação física.....	161
Foto 50- Foto grupo de pesquisa LapenSI.....	162

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFMG	Universidade Federal De Minas Gerais
CP	Centro Pedagógico
EEFFTO	Escola De Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
PROMESTRE	Programa De Mestrado Profissional Em Educação
PROEF	Programa De Mestrado Profissional Em Educação Física Escolar
UNESP	Universidade Estadual Paulista
AVA	Ambiente Virtual De Aprendizagem
FAE	Faculdade De Educação
SEDUC	Secretaria De Educação De Contagem
SMED-BH	Secretaria Municipal De Educação De Belo Horizonte
TP	Tempo Pedagógico
CONBRACE	Congresso Brasileiro De Ciências Do Esporte
E.F.	Educação Física
CENEX	Centro De Extensão
UFRGS	Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul
RN	Rio Grande Do Norte
GT	Grupo De Trabalho
CBCE	Colégio Brasileiro De Ciências Do Esporte
SAMU	Serviço De Atendimento Móvel De Urgência
UFRN	Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte
MOODLE	Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment
E.M.	Escola Municipal
GEPEC	Grupo De Estudos E Pesquisas Em Educação Continuada Da Faculdade De Educação
UNICAMP	Universidade Estadual De Campinas
EAD	Ensino A Distância
PROEB	Rede De Programas De Mestrado Profissional Para Qualificação De Professores Da Rede Pública De Educação Básica

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



PST	Programa Segundo Tempo
UMEI	Unidade Municipal De Educação Infantil
CMBH	Colégio Municipal De Belo Horizonte
IAPI	Instituto De Aposentadorias E Pensões Dos Industriários
IEMG	Instituto De Educação De Minas Gerais

SUMÁRIO

1 “NARRAR É HUMANO”	17
2 SOBRE QUEM SOU E AS ESCOLAS POR ONDE ANDEI... ..	21
3 NA UNIVERSIDADE, TORNANDO-ME PROFESSORA.....	32
4 E AGORA, PROFESSORA?	35
5 COMO CHEGUEI AO PROEF.....	43
6 EMPURRÃO INICIAL PARA OS RELATOS DE EXPERIÊNCIA: IMERSÃO CONSCIENTE NO MUNDO DA EXPERIÊNCIA.....	57
7 1º ENCONTRO DO COLETIVO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NARRADORES.....	74
8 AS ENTRÂNCIAS DA FORMAÇÃO DO COLETIVO	80
9 2º ENCONTRO DO COLETIVO: PROFESSORES ACUMULADORES.....	83
10 ENFIM, FÉRIAS!.....	95
11 2019 ANO DE TRANSFORMAÇÃO	97
12 “NARRAR É ANTROPOLÓGICO, AUTOBIOGRAFAR É CIVILIZATÓRIO”	115
13 PENSANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	121
14 NARRAR É CONTAGIANTE!	125
15 DEVAGAR ESCOLA!	132
16 RUMO AO CONBRACE	137
17 MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO.....	158
18 CHEGAMOS, TEMPORARIAMENTE, AO FINAL DE 2019	163
REFERÊNCIAS.....	168

1 “NARRAR É HUMANO”

No âmbito da formação, a abordagem (auto) biográfica perspectiva uma temporalidade alargada, para além do espaço tempo escolar a formação humana tem na vida sua territorialidade. As experiências que nos derrubam e transformam, inscritas na memória, são recriadas pela narrativa em um movimento reflexivo, potencialmente formador para aquele que narra e para os que ouvem. (BRAGANÇA, 2016, P.11)

Trabalho há 10 anos como professora “itinerante”¹ nas escolas públicas da região metropolitana de Belo Horizonte. Pelas várias escolas que passei, fui aprendendo e conhecendo muitos personagens da história que pretendo contar aqui. Uma história que será narrada para compartilhar os saberes aprendidos a partir da experiência, da reflexão, da observação da prática dos pares, da discussão coletiva, da leitura, do estudo e da pesquisa.

Os personagens principais dessa narrativa são professores e professoras de Educação Física. Pessoas com quem passo a maior parte dos meus dias há 10 anos. Adoram conversar, falar de experiências próprias, compartilhar conhecimentos. Entretanto, quando são desafiados a escreverem, a colocar no papel suas reflexões e sentimentos, sentem dificuldade, visto que essa prática não é incentivada na rotina escolar. (ZEICHNER 1993).

Professores e professoras conversam pelos corredores, quadras, recreios, reuniões. Adoram contar seus casos e dos alunos enquanto compartilham de um cafezinho e “biscoito pedagógico”.

Ao falar de professores e professoras não posso deixar de lado nosso principal ambiente de trabalho: a escola, lugar de culturas, um lugar das culturas, e um lugar entre as culturas (VAGO 2009). Lugar de culturas, pois todos que ali estão, professores, alunos, famílias, são produtores de cultura e produzidos na cultura em que estão envolvidos. Lugar das culturas, porque tem a importante responsabilidade de fazer fruir, transmitir e perpetuar o conhecimento produzido pelas diversas

¹ Nos meus primeiros anos de docência trabalhei em quatro municípios diferentes, sempre em escolas muito distantes de minha casa. Por alguns anos trabalhei em escolas diferentes, uma em cada turno, também distantes umas das outras. O termo “itinerante” é utilizado no sentido de evidenciar esse deslocamento diário que é característico da minha história docente.

culturas humanas. Lugar entre as culturas, porque a escola é o laço que une todos os lugares, onde o ser humano produz cultura (ruas, igrejas, na política, movimentos artísticos).

Nesse sentido, busco apresentar nessa narrativa, tanto o meu percurso como docente de Educação Física por entre variadas escolas, bem como a experiência de frequentar uma ação de formação continuada e constituir um coletivo de professores e professoras de educação, da cidade Contagem, para narrar seus fazeres e saberes.

Nesse percurso compartilhado com diferentes pessoas, escolas e conversas, venho realizando o duro trabalho de transcrever as histórias para o papel. Duro, porque como professora que sou, tenho muita dificuldade em falar de mim e de praticar a escrita narrativa e autobiográfica. Entretanto, com o auxílio dos meus colegas, em um trabalho coletivo, vou desvencilhando-me dos medos e sigo narrando o caminho que traçamos até aqui. Sinto-me contemplada nos dizeres de Prado, Ferreira e Fernandes (2011):

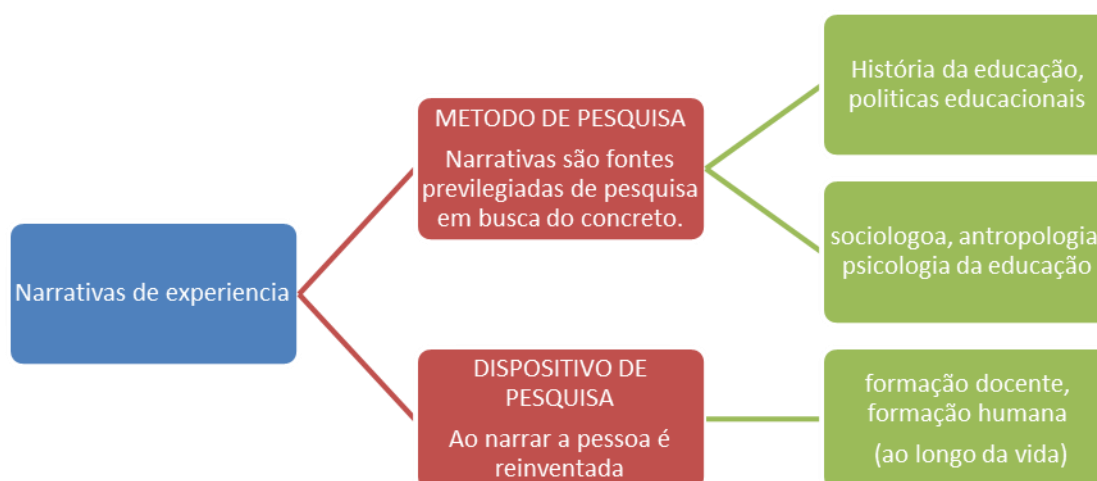
Sabemos o quanto escrever é sempre um desafio e o quanto é necessário assumi-lo com persistência. Senão por outra razão, porque a escrita pode nos ajudar a conhecer melhor quem somos nós, a refletir sobre o que fazemos pensamos, a sistematizar os saberes e conhecimentos que produzimos, a desenvolver nossa capacidade de escrever. Porque a escrita, e os diferentes modos de registro das linguagens, é uma plataforma de lançamento para múltiplas possibilidades de aprender. (P.145).

Durante os últimos dois anos, considerando a minha inserção no PROEF, e os movimentos de formação continuada que participei, tive contato com vários autores vinculados à pesquisa narrativa e (auto) biográfica. Nesse momento, tomo as contribuições de Passeggi (2010) para contextualizar um dos processos pelos quais a pesquisa narrativa tem se consolidado como um campo de pesquisa no Brasil.

Maria da Conceição Passeggi (2010) tem uma proposta de teorização da pesquisa (auto)biográfica que se desenvolve em dois eixos e quatro direcionamentos. “O primeiro eixo focaliza o ato de narrar como um dispositivo de formação e compreende dois direcionamentos: o da formação do adulto e o da formação do formador. Nesse sentido, investigamos, no primeiro direcionamento, as atividades autorreflexivas e suas repercussões nos processos de formação e

inserção na vida profissional e, no segundo direcionamento, a mediação biográfica como prática que implica a formação de formadores para o acompanhamento das escritas de si. O segundo eixo considera as narrativas autobiográficas como método de investigação e compreende, por sua vez, dois direcionamentos: o estudo da constituição e da análise de fontes (auto) biográficas e o estudo das tradições discursivas referentes aos diferentes modos de autobiografar. O objetivo desse eixo é depreender das trajetórias de vida aspectos históricos, sociais, cognitivos, multi- (inter)- culturais, institucionais da formação e da profissionalização docente” Passegi, Souza e Vicentini (2011). Os autores, também, sugerem, que na pesquisa (auto) biográfica os professores se tornem sujeitos e objeto de formação.

Figura 1- Esquema de narrativas de experiência.



Fonte: “Esquema extraído e adaptado de palestra (100 anos de pesquisa: histórias de vida e narrativas de experiência) de Maria da Conceição Passegi ao grupo de pesquisa LapenSI em 20-11-2019.”

Retomando o estrato do texto Inês Ferreira Bragança na epígrafe, fiz a opção pelo Memorial de Formação como forma e conteúdo dessa narrativa. Em diálogo com a autora e em concordância com a característica da escrita de um memorial, apresento na sequência narrativas de experiências relacionadas ao meu processo de formação docente. Busquei assumir essa forma de registro pela sua potência reflexiva e formativa e pela possibilidade de realizar uma “viagem no

tempo” a partir do ato de rememorar momentos que são singulares da minha trajetória de vida.

Em um memorial de formação o autor é ao mesmo tempo escritor, narrador e personagem da sua história. Por meio de um texto predominantemente narrativo, circunstanciado e analítico (PRADO e SOLIGO, 2005) pretendo contar o meu processo de formação, minha prática profissional e aspectos da minha vida durante os dois anos (2018 e 2019), período em que fui mestranda do PROEF-Mestrado Profissional em Educação Física Escolar, professora e membro do Coletivo de Professores de Educação Física Narradores de Seus Saberes e Fazeres.

Nesse sentido, optei como percurso teórico e metodológico pelo memorial de formação. O conteúdo, de modo geral, é a narrativa sobre a minha formação, minhas experiências profissionais e partes da história da minha vida que se relacionam com os caminhos que trilhei para me tornar professora. Dessa perspectiva, pode-se trazer elementos da formação humana que se entrelaçam com a formação profissional. É importante explicitar a relação entre formação humana e profissional e, estando já na profissão, o que contribuiu para as transformações que foram ocorrendo. (PRADO E SOLIGO, 2005)

Acredito que narrando sobre minhas experiências de vida, registrando minhas vivências, memórias e reflexões através deste memorial de formação, contribuo para difundir o conhecimento produzido no cotidiano escolar e tornar público o que pensam e sentem os professores com quem estive nessa jornada.

Início aqui a minha história dialogando com as ideias de Prado e Soligo (2005) em alusão aos dizeres de Clarice Lispector:

É na hora de escrever que muitas vezes fico consciente de coisas, das quais, sendo inconsciente, eu antes não sabia que sabia’.

Ela tinha razão.

É também por isso que nós, educadores, precisamos escrever. Para tomar consciência do quanto sabemos e nem sabemos que sabemos. E do quanto ainda não sabemos, mas podemos com certeza aprender. (P.09).

2 SOBRE QUEM SOU E AS ESCOLAS POR ONDE ANDEI...

Este relato conta a trajetória da minha vida, por todas as escolas que passei e que me levaram a escolher a profissão de Professora. Escolas em que fui aluna, estagiária, observadora e professora. Todas colaboraram na formação da minha concepção de Educação Física Escolar e, principalmente, do entendimento do sistema educacional brasileiro.

“Ainda me lembro do cheiro da minha primeira escola.”

Foto 1- Instituto de Educação.



Foto do 2º período no Instituto de Educação.
Fonte: autora.

Com quatro anos de idade, entrei na minha primeira escola. Acordava às 6h da manhã com ajuda da minha mãe, Raquel, que me vestia, me dava café, preparava minha merendeira e bem cedinho entrava no carro do meu pai. Um Opala marrom, e saíamos para a escola as 6h40m. Paulinho, meu vizinho e irmão de minha melhor amiga da rua, e eu, estudávamos na mesma escola. Meu pai, Kleber, deixava-nos na escola sempre na hora certa, e me levava até a porta sala. Poucas vezes, chorei por não querer ficar na escola, ou por saudades da minha mãe

A escola tinha um cheirinho específico. Lembro-me dele até hoje. Não é cheiro de flores, nem de comida, nem das professoras perfumadas da rede estadual,

era um cheiro que senti poucas vezes depois que saí de lá, mas sempre que o percebo sei do que se trata. O apelidei de “Cheiro de Infância”.

Aos meus olhos tudo era muito grande. O pátio era enorme, os brinquedos maravilhosos, as escadas intermináveis e o banheiro.... Esse era assustador! Era sempre escuro e tinha uma pia muito alta, não conseguia ver o que havia dentro dela, e isso me fazia não querer lavar as mãos, e até fazer xixi na roupa.

Minha sala ficava no segundo andar, havia muitos degraus e minha professora sempre me esperava na porta da sala. Na hora de ir embora, o avô do Paulinho nos buscava, o Senhor Raimundo. Ele tinha um fusquinha amarelo maravilhoso. Voltávamos para casa brincando no banco de trás do carro ou observando o trânsito agitado da região central de Belo Horizonte.

Estudei no Instituto de Educação de Minas Gerais (também conhecido como IEMG) que é uma das mais tradicionais escolas públicas de Belo Horizonte. Fundada em 1906, originalmente, preparava apenas moças para o magistério. Atualmente, atende Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Curso Normal e Educação de Jovens e Adultos. Seu quadro de funcionários conta com cerca de 850 pessoas e apresenta aproximadamente 6.000 alunos. O edifício, localizado a rua Pernambuco no bairro Funcionários, é obra relevante da arquitetura dos primeiros anos de Belo Horizonte.

Foto 2 – Instituto de Educação I



Foto 2º período Instituto de Educação.
Fonte: autora.

“Sonho de Criança”

Aos seis anos, fui matriculada no Instituto Infantil Sonho de Criança. Era uma escola bem pequena, com apenas quatro turmas, do maternal ao 3º período. Lá aprendi a ler e escrever com todas as letras (forma e cursiva), já sabia contar, colorir e brincar de várias brincadeiras que me acompanharam até a adolescência.

Minha professora, “Tia” Elaine, hoje é minha vizinha e se aposentou. A diretora da escola, “Tia” Nabirra, hoje é cliente da minha mãe no salão de cabelereiro e coordenadora de uma escola da rede estadual.

Vários dos meus colegas de sala vieram a estudar comigo de novo em outras escolas. Mantenho contato com aproximadamente seis “coleguinhas”. Foi um ano muito rico, aprendi muita coisa com a Tia Elaine. Escola pequena tem suas vantagens. Os alunos ficam mais próximos e nada parecia grande ou inalcançável. A escola Sonho de Criança fechou em 2000.

Ensino Fundamental - anos iniciais

Figura 2 – Conjunto IAPI, Belo Horizonte.



Conjunto IAPI: ao centro encontra-se a E.M. Honorina de Barros
Fonte: Google imagens.

Na Escola Municipal Honorina de Barros passei quatro anos, as séries iniciais do ensino fundamental. Vários dos meus colegas de Sonho de Criança continuaram estudando comigo nessa nova etapa. Uma professora, em especial, me marcou muito, “Dona” Rosa. Ela foi minha professora da 1ª e 3ª séries. Muito carinhosa, atenciosa e dedicada. Atualmente, ela é diretora do Honorina de Barros.

O Honorina era uma escola bem grande. Havia 8 turmas no turno da tarde (1ª e 2ª séries) e 8 no turno da manhã (3ª e 4ª séries). A escola não tinha quadra, mas ela estava situada dentro do conjunto IAPI¹. O conjunto IAPI é um complexo de 9 prédios residenciais com uma área de lazer pública ao centro.

O conjunto é cercado pela Pedreira Prado Lopes, o que torna a região perigosa por se tratar de uma das maiores favelas de Belo Horizonte. As nossas

aulas de Educação física aconteciam nas quadras e praça do IAPI² que murava nossa escola. As aulas eram sempre muito animadas. Sempre tinha bolas, cordas, brinquedos e brincadeiras e muitas pessoas e cachorros que transitavam pela aula, já que estávamos em meio a um conjunto habitacional e o espaço era público.

Bem próximo ao Honorina havia outra escola, o Colégio Municipal de Belo Horizonte (CMBH). O CMBH era uma escola tradicional em Belo Horizonte, referência em ensino público de qualidade no nível fundamental (séries finais) e ensino médio com magistério, além de, também, ser referência esportiva entre as escolas de Belo Horizonte. Os alunos do Honorina, ao completarem a 4ª série, automaticamente eram transferidos para a Municipal, porém esta realidade estava mudando, e no ano em que me formei não consegui a seguridade da vaga no colégio Municipal.

No fim da 4ª série, novamente me separei de meus colegas. Cada grupo de aluno iria buscar agora uma nova escola. Talvez o que fosse mais perto de casa, talvez uma mais longe mais que oferecia um ensino melhor ou a que houvesse vaga.

Ensino fundamental- anos finais

Da 5ª série até o ensino médio, estudei no Colégio Batista Mineiro. Muitas coisas na minha vida se definiram nesse período.

Sempre me destaquei nos esportes. Na 7ª série, a professora de educação física, Margareth, convidou-me para participar da seletiva do time de vôlei do colégio. Na equipe esportiva, dedicava-me três vezes por semana em período extraturno ao vôlei. Com a ajuda do professor de vôlei, Junior, tive oportunidade de entrar para a equipe do Mackenzie Esporte Clube e me tornar atleta ainda adolescente.

² O Conjunto Habitacional IAPI Lagoinha é um conjunto residencial localizado no bairro de São Cristóvão, na cidade de Belo Horizonte. O projeto foi desenvolvido pelo Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI), sob a égide do então prefeito Juscelino Kubitschek, refletindo sua visão modernista para a cidade, e a crescente industrialização da região.

Com a professora Cláudia Barsand, experimentávamos, também, uma concepção, até, então, diferente de aulas de educação física. Ela gostava de propiciar conversas e reflexões em aulas teóricas a respeito dos temas mais variados relacionados aos conteúdos esportivos. Conversávamos frequentemente da apropriação da escola pela educação física e como seus espaços eram demarcados culturalmente. Tínhamos o espaço das meninas que era reservada para as práticas de vôlei e queimada, a quadra de basquete que era descoberta, e atrás da escola (embora todas as quadras tivessem tabela de basquete as quadras cobertas eram culturalmente destinadas ao futebol e aos meninos) as quadras de futebol e handebol com localização central na escola.

Embora, a presença do esporte fosse muito marcada nas aulas de educação física, já havia um movimento inicial de quebra desse padrão. Os professores incentivavam que os alunos tentassem entrar para as equipes esportivas, mas também cobravam que todos os alunos participassem das aulas de educação física, cada um à sua maneira. Havia uma tentativa de ruptura com a tradição, a necessidade de reinventar o seu espaço da educação física na escola, agora com o caráter de uma disciplina escolar. Concordando com González E Fensterseifer (2009,p.12) a “EF na forma de um componente curricular, responsável por um conhecimento específico (inclusive conceitual), subordinado a funções sociais de uma escola republicana, comprometida com a necessidade que as novas gerações têm de conhecimentos capazes de potencializá-los para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.”

Todas as vivências esportivas que o colégio oferecia me chamavam muita atenção. Tive aulas muito diversificadas e professores sempre dispostos a nos mostrar algo novo. Não me interessei somente pelo conteúdo, mas pela dinâmica que meu professor, “China”, tinha em colocar todos para fazer suas aulas. Ele usava dos métodos mais malucos, e se divertia tanto dando aula, que não parecia que ele estava trabalhando. Observando o China, e vivendo uma vida intensa no esporte, já traçava o meu futuro. Já sentia vontade de ser professora e fazer igual a ele.

Além das aulas de Educação Física, duas vezes por semana, também entrei para as equipes de Vôlei e Handebol do colégio. Durante alguns períodos do ano conciliava a aula no 1º turno com os treinos de vôlei no Mackenzie no 2º turno e os treinos da equipe do colégio à noite. Por meio do esporte fiz amizade com várias

peças. Alguns colegas hoje também são professores de Educação Física e trabalham com treinamento de equipes esportivas de colégios particulares de Belo Horizonte.

Foto 3 - Ensino Fundamental, Colégio Batista Mineiro.



Equipe esportiva de vôlei do Colégio Batista e do Mackenzie.
Fonte: autora.

Ensino Médio

Foto 4 – Ensino Médio, Colégio Batista Mineiro.



Fotos das turmas do ensino médio.
Fonte: autora.

Nos meus últimos três anos no colégio, minha vida tomou rumos determinantes. No 1º ano, dediquei-me fervorosamente ao vôlei e ao handebol. Passava as tardes e as noites em treinos, e às, até nos finais de semana, consegui até um desconto na mensalidade do colégio para jogar nas equipes. O esporte tomou a frente na minha vida de uma forma que tudo acontecia em torno dele. Perdi as provas finais da escola porque era época de torneio estadual e tive que viajar para disputar, quase fui reprovada com notas baixas. No 2º ano, decidi que minha prioridade seria os estudos, e no segundo semestre acabei abandonando minha equipe de vôlei do Mackenzie. Conciliar os estudos com o esporte de alto rendimento era impossível para mim. Mas, foi uma decisão acertada. No 3ª ano, tínhamos aulas 3 dias por semana em período integral e não tínhamos mais aula de educação física e artes. A preparação para o vestibular era maçante e já tínhamos que decidir que profissão teríamos. Nossos estudos eram totalmente voltados para as provas de vestibular, e no fim, um pouco atrasada, pois, fui chamada como 5ª excedente, veio a aprovação no vestibular para Educação Física na UFMG.

No ensino médio, fiz as minhas maiores amizades, 7 delas trago comigo até hoje. Cada um seguiu uma profissão, todavia sempre nos reunimos para conversar em relação as aflições, programar viagens e saídas, diversão, relembrar velhas histórias, e fazer coisas que fazíamos quando éramos adolescentes, como, jogar “Imagem e Ação”, “Perfil”, dançar axé antigo e comer os salgadinhos de alguma mãe bem disposta a nos receber em sua casa.

Foto 5- Amigos.



Amigos dos tempos da escola.
Fonte: autora.

As experiências com a Educação Física, no Colégio Batista, foram determinantes para a escolha da minha profissão. As aulas na 5^o série eram separadas por gênero. Os meninos tinham aula com um professor e as meninas com a professora Margareth. O conteúdo das aulas era definido pelo espaço que tínhamos (vôlei na quadra onde as redes sempre estavam armadas, basquete nas quadras que haviam as tabelas, futsal e handebol nas quadras descobertas). Na 6^a série as aulas de Educação Física passaram a ser com toda a sala, meninos e meninas juntos, cerca de 45 alunos. Continuamos com a professora Margareth e ela se empenhava em fazer com que todos participassem das aulas ou pelo menos se mantivessem ativos durante os 50 minutos da aula, quem não queria participar dos jogos devia fazer caminha em torno das quadras.

De dois em dois anos, acontecia as olimpíadas do Batista. Um superevento de uma semana que precedia o recesso de julho. A escola tinha jogos em todos os espaços físicos de 7h as 18h. Contratavam equipe de uniformes, arbitragem, premiação e até apresentações culturais. As salas se organizavam e formavam as equipes de várias modalidades. Eu sempre jogava todas as modalidades possíveis, e depois disputávamos a medalha de ouro. Era o evento mais esperado do colégio. Jogar contra as turmas do turno da manhã era sempre uma delícia de rivalidade. Cada jogo, cada disputa, queimada, handebol, vôlei, futsal, basquete... parecia um Atlético X Cruzeiro.

O final da minha infância e início da adolescência teve em evidência a presença dos esportes na minha vida. Minhas melhores e mais marcantes lembranças sucedem do esporte. Seja competindo ou brincando, no clube, nas ruas, praças ou nas quadras da escola. O esporte era conteúdo hegemônico nas minhas aulas educação física, aprendíamos técnica e tática, além dos treinos físicos, e os alunos que se destacavam eram convidados a participar da equipe do colégio e os alunos menos talentosos dificilmente participavam das atividades da disciplina, ficavam afastados. Esse modelo de ensino de esportes, didático pedagógico de treinamento físico-desportivo foi criticado por KUNZ (2001) que acreditava que a educação física escolar assumia os princípios e regras básicas do esporte de rendimento, sobrepujança e comparação objetiva.

No final dos anos 90 e início, dos anos 2000, o fenômeno esportivo já havia passado por severas críticas de posições teóricas no plano social e sociopolítico. Segundo Bracht (2001) o esporte na educação física escolar passava por um debate de “renascimento”, pois o momento era de pensar a legitimidade do esporte enquanto fenômeno cultural. Percebia que meus professores tentavam trabalhar conteúdos diferentes do esporte na escola, porém esses conteúdos diferentes apareciam sempre como um evento, um sábado letivo, uma aula de experimentação com algum professor convidado.

Carlan, Kunz e Fensterseifer (2012) trazem 5 razões para a compreensão do tratamento do conteúdo Esportes na Educação Física Escolar que valia para os anos 80 e 90 e ainda valem para os dias de hoje: 1º o esporte foi e continua sendo uma expressão muito presente da cultura corporal de movimento no mundo contemporâneo; 2º o esporte é um dos conteúdos predominantes no ensino da Educação Física escolar; 3º o sistema esportivo reconhece a escola como uma instância fomentadora de valores sociais, de significados e sentidos intra e interpessoal na elaboração de hábitos, ou seja, do esporte como um princípio educativo; 4º a escola ainda é, para determinada classe social, a oportunidade ímpar de ter experiências singulares no universo dos esportes; 5º as práticas culturais do esporte foram, ao longo do século passado, sendo escolarizadas e, ao que parece, ainda se colocam como uma das expressões mais presentes nas aulas de Educação Física escolar. Para Bracht et al. (2003, p. 52),” cristalizou-se um imaginário social sobre a Educação Física, entendida basicamente como um espaço e tempo escolar

vinculados ao fenômeno esportivo: o esporte é o conteúdo central tratado nas aulas pelos professores, e é a prática corporal citada e valorizada pelos alunos.”

Toda a vivência esportiva contribuiu significativamente para minha escolha pelo curso de Educação Física como profissão. Meus professores de educação física, principalmente, os do colégio Batista, também serviram de referência para que eu optasse por trabalhar nas escolas e tentar proporcionar um pouco das emoções e saberes que eu vivenciei e tanto me marcaram, para os meus alunos. Fensterseifer e Silva (2001) entendem que a trajetória da prática pedagógica do professor de Educação Física está fortemente ligada à sua constituição profissional.

3 NA UNIVERSIDADE, TORNANDO-ME PROFESSORA...

Já no curso de Licenciatura, em Educação Física, meu primeiro contato com escolas como docente foi na UMEI- Unidade Municipal de Educação Infantil Vila Antena na disciplina Estágio. Na ocasião, lecionava para uma turma de crianças de 3 e 4 anos junto com mais dois colegas. Foi uma experiência bem interessante, pois observávamos as aulas das Educadoras e depois tentávamos fazer um trabalho direcionado ao nosso conteúdo. Passávamos uma manhã por semana na UMEI, e nas nossas intervenções buscávamos fazer atividades sensoriais com as crianças.

Nesse estágio, tive a oportunidade de conhecer a estrutura de uma UMEI da Prefeitura de Belo Horizonte. Fiquei admirada com a estrutura, o suporte e o nível profissional das pessoas que trabalhavam lá.

A UMEI Vila Antena fica localizada na região da Favela do Bairro São José, e atende ao público dessa região, em sua grande maioria, mães adolescentes que trabalham ou estudam.

Foto 6– Intervenção UMEI Vila Antena.



Banho de mangueira para turma da educação infantil.
Fonte: autora.

Em 2008, ministrei aulas, na condição de estagiária no Programa Segundo Tempo (PST) no Centro Pedagógico da UFMG. Fazia parte de um grupo de 8 estudantes da Educação Física orientados pelos professores Ricardo Sales,

Meily Asbu e Amanda Fonseca Soares. Foram 2 anos de muitas experiências significativas em um novo projeto de escola integral.

O Centro Pedagógico tem sua origem no antigo Ginásio de Aplicação da UFMG. Criada em 1946, a escola era destinada à prática docente dos alunos matriculados em seus cursos de Didática. Hoje, a escola tem como objetivo principal constituir-se como um campo de experimentação e renovação educacionais. Assim sendo, o seu papel extrapola o mero atendimento quantitativo aos alunos que nela ingressam, uma vez que se propõe a estudar e a sugerir caminhos para os desafios do cotidiano escolar. São objetivos principais da escola: a) Ministrando o Ensino Fundamental, tendo-o como base investigativa para a produção de conhecimento, de ensino e de pesquisa; b) Constituir-se como campo de reflexão e de investigação sobre a prática pedagógica; c) Constituir-se como espaço de novas experimentações pedagógicas, que subsidiem avanços e reflexões sobre a prática educativa; d) Servir de Campo de Estágio para alunos da Licenciatura e da Graduação³.

O Centro Pedagógico (CP) pode ser considerado uma escola pioneira na implantação do sistema de ensino integral na cidade de Belo Horizonte. O PST foi implantado para agregar no processo de construção de um currículo na perspectiva da educação integral. Oferecíamos várias oficinas de esportes, jogos e brincadeiras usando o espaço do Centro Pedagógico, da Faculdade de Educação e do Centro Esportivo Universitário. O Programa Segundo Tempo tem por objetivo democratizar o acesso à prática e à cultura do esporte de forma a promover o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens, como fator de formação da cidadania e melhoria da qualidade de vida, prioritariamente em áreas de vulnerabilidade social.

Considero a experiência vivida no Centro Pedagógico muito importante. Tive a oportunidade de aprender sobre os princípios do trabalho com projetos de ensino, sobre programas sociais e sobre escola integral. A vivência do PST também expandiu muito minha visão sobre a importância de uma política pública dentro de

³ DIAS, M. B. A. A escola e o esporte: uma análise das vivências e práticas pedagógicas no Programa Segundo Tempo, em uma escola pública de Belo Horizonte. Monografia apresentada a EEFETO/UFMG 2010.

uma escola com a perspectiva de integralização do ensino. No final do curso de Licenciatura em Educação Física apresentei como trabalho de conclusão de curso uma análise etnográfica dos dois primeiros anos do PST no Centro Pedagógico e de como foi o processo de integralização do ensino na escola.

Figura 9 – Aulas PST no Centro Pedagógico.



Registros de aulas do PST no Centro pedagógico (2008
Fonte: autora.

4 E AGORA, PROFESSORA?

Foto 8- Caderno de Registros.



Cadernos de Registros de 2013-2018.
Fonte: autora.

Em 2010, me formei em Licenciatura, e em 2011 já estava trabalhando na escola. Lecionei em uma escola pública na cidade de Lagoa Santa e ministrei aulas de educação física para crianças de 4 a 8 anos. Foi uma experiência singular. Inicialmente, por trabalhar em uma cidade distante e com crianças muito pequenas. Nesse período, contei com a ajuda uma colega de faculdade que trabalhava na mesma escola. Trocávamos muitas experiências.

No ano de 2012 lecionei na cidade de Pedro Leopoldo. Além da distância que enfrentava para trabalhar, 41 km da minha casa à escola, ainda sofri com muitos problemas estruturais e materiais. A escola não possuía nenhum tipo material esportivo, e o espaço físico destinado a aulas de educação física era abandonado: muito mato, bichos e lixo. A educação física não tinha nenhum reconhecimento pela direção da escola. Todas as possibilidades de projetos que tentava executar eram vistos com maus olhos pela equipe pedagógica e direção. Na tentativa de adaptar os

conteúdos para adequar a falta de materiais da escola de aulas de pipas e papagaios, brincadeiras de criança como pique esconde rouba bandeira e até tentei desenvolver aulas de educação sexual e planejamento familiar.

Foto 9 - Quadra da Escola Municipal Carmem Barroso.



E. M. Carmem Barroso a quadra se localizava fora do prédio escolar.
Fonte: autora.

Em 2013 entrei para a rede municipal da cidade de Santa Luzia. Mais uma vez tive a oportunidade de trabalhar com um colega de faculdade. Atuei com crianças de seis a oito anos. Ao comparar com os anos anteriores, penso que posso considerar o ano de 2013 como o melhor de minha iniciação à docência. Conseguimos desenvolver um bom trabalho, desenvolvendo o conteúdo da educação física e conquistando espaço e confiança da equipe escolar e assim construímos um novo olhar para a educação física na escola.

No ano de 2014 comecei a trabalhar na cidade de Contagem onde estou até os dias de hoje. Fui lotada em uma escola muito bem estruturada e que foi escolhida para ser a primeira escola de tempo integral de Contagem.

Naquele momento, era a única professora de Educação Física do quadro de funcionários da escola. Fui informada que assumiria aulas para todas as 12 turmas em período integral. A quadra era bem ampla e a escola tinha bastante material. A maior dificuldade era ministrar aulas com a quadra sendo invadida a todo

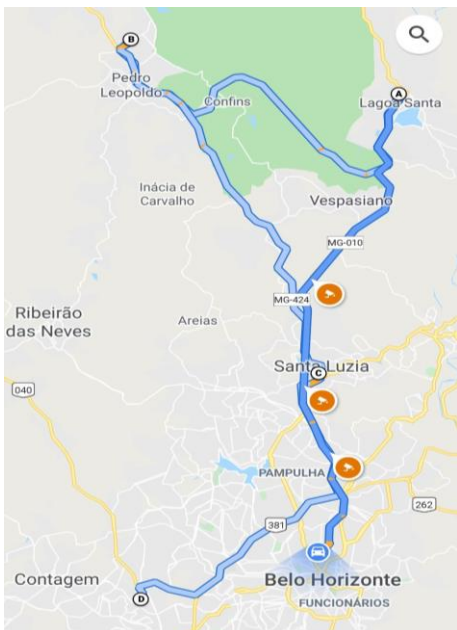
momento por alunos que se negavam a ficar em sala ou em outro espaço da escola. A escola estava inscrita no Programa Mais Educação e deveria receber mais profissionais para desenvolverem atividades relacionadas com as artes, ciências, danças e esportes. Entretanto, isso não aconteceu.

Dessa forma, a rotina conteudista e maçante fez com que muitos alunos fugissem das salas de aula e ficassem andando pela escola buscando se divertir e passar o tempo. Esses alunos viam as aulas de educação física e a quadra, o ambiente ideal para escapar das paredes da sala de aula e da formalidade do ensino.

Considero que pensar a escola de tempo integral sem reestruturar seus tempos, espaços e currículos é apenas construir uma escola regular de sistema “bancário”⁴ de 8 horas diárias. Responsabilizar a Educação Física por ser o único conteúdo que trata da corporeidade do aluno, descartando a interdisciplinaridade do tema no ambiente escolar é apostar no fracasso do sistema integral de ensino.

⁴ Na visão de Paulo Freire, esse modelo de educação parte do pressuposto que o aluno nada sabe e o professor é detentor do saber. Criando-se então uma relação vertical entre o educador e o educando. O Educador, sendo o que possui todo o saber, é o sujeito da aprendizagem, aquele que deposita o conhecimento. O educando, então, é o objeto que recebe o conhecimento.

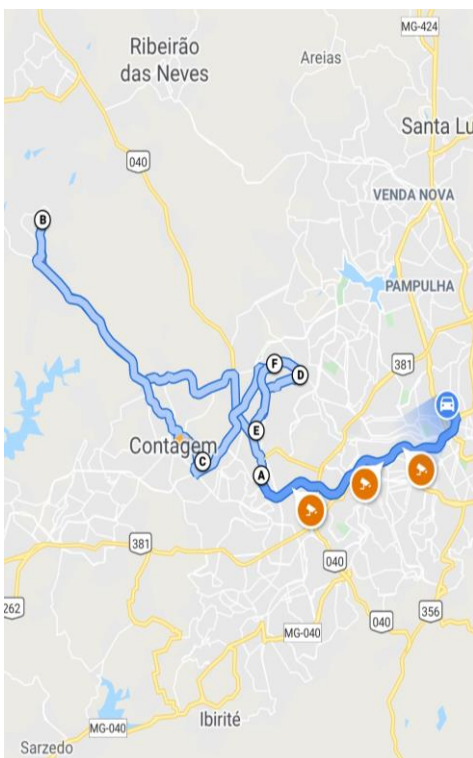
Figura 3 – Distância entre escolas e minha casa (municípios de Lagoa Santa, Pedro Leopoldo, Santa Luzia e Contagem).



- A. - E. M. Professora Claudomira, Lagoa Santa, 36 km;
- B. - E. M Carmem Barroso, Pedro Leopoldo, 41 km;
- C. - E. M Maria das Graças Teixeira Braga, Santa Luzia, 14 km;
- D. - E. M. Avelino Camargos, Contagem, 15 km.

Fonte: Google Maps.

Figura 4 – Distância entre escolas do município de Contagem e minha casa.



- A- E. M Avelino Camargos , 15 km;
- B- E. M Maria do Carmo Orechio, 36 km;
- C- E. M Dona Cordelina Silveira Mattos, 19 km;
- D- E. M. Maria de Mattos da Silveira, 13 km
- E- E. M. Albertina Alves do Nascimento, 18 km;
- F- E. M. Coronel Joaquin Antônio da Rocha, 15 km;

Fonte: Google Maps.

Desde fevereiro de 2017, atuo na Escola Municipal Albertina Alves do Nascimento, que fica localizada no bairro Oitis, região do Ressaca em Contagem. Estabeleci-me em uma escola, onde consigo desenvolver práticas inovadoras e renovadoras⁵ com o incentivo de colegas de trabalho e um grupo de alunos que, em sua maioria, demonstra muito interesse. Atualmente, temos em nossa escola 10 turmas de 2º e 3º ciclo do ensino fundamental, que têm duas aulas de Educação Física por semana. Atuo em 5 turmas, e a professora Poliana⁶, atua nas outras 6 turmas restantes. Nas quintas feiras, dia de tempo pedagógico dos professores de educação física, utilizamos o tempo para o planejamento. Momento em que eu e a Professora Poliana pensamos na nossa prática, discutimos as particularidades da nossa escola, elaboramos projetos e diferentes formas de atuação.

Além disso, participamos uma vez por mês de uma formação continuada oferecida pela Secretaria de Educação de Contagem (SEDUC), quando debatemos vários temas, conteúdos, propostas pedagógicas e as burocracias do sistema de ensino com nossos colegas de área da Rede. A formação era organizada por disciplinas e os professores se encontravam, sempre na quinta feira. Como haviam muitos professores de educação física participando a cada semana duas regionais eram contempladas e os grupos tinham uma participação de cerca de 40 professores. Ao tratar das políticas de formação, no que cabe às secretarias de educação, o documento norteador aponta algumas das responsabilidades que essas instâncias devem assumir, enfatizando “a criação de condições para que a formação continuada possa ocorrer dentro da jornada regular de trabalho dos profissionais da educação, sem prejuízo das horas de docência” (BRASIL, 2002).

O ano de 2017 a formação continuada oferecida pela SEDUC começou a sofrer significativas alterações. Inicialmente, a secretaria havia elaborado um roteiro

⁵ A Educação Física escolar estaria buscando elementos para construir uma prática pedagógica não mais centrada no exercitar-se, mas na aquisição de novos conhecimentos relacionados às manifestações da Cultura Corporal de Movimento. Em outras palavras, como componente curricular seria papel da Educação Física problematizar prática e teoricamente a cultura corporal de movimento. Práticas pedagógicas que ousam materializar essa referida concepção de EF são entendidas, neste estudo, como práticas “bem sucedidas” ou “inovadoras”. (FENSTERSEIFER e SILVA 2011)

⁶ Poliana é professora de educação física e já trabalha na E. M. Albertina Alves do Nascimento. Com a abertura de novas turmas na escola, o quadro de professores também teve que ser ampliado. A escola agora possui duas professoras de educação física para garantir que cada turma tenha duas aulas por semana.

de assuntos a ser seguido em reuniões dentro das próprias escolas. A pedagoga de cada escola ficava encarregada de repassar aos professores e toda a equipe educacional da escola os assuntos e conhecimentos abordados pelo roteiro encaminhado pela SEDUC, roteiros que quase sempre eram desvinculados da prática e das necessidades de formação dos professores.

Em meados de 2017, um novo formato de formação começou a ser desenhado. Divididos por área de conhecimento, e não mais dentro da própria escola com toda a equipe pedagógica, cada professor iria ao encontro de outros professores de áreas comuns. Nossa formadora era a professora Ohana, que havia sido escolhida para estar à frente da formação através de um processo seletivo interno na rede de Contagem. Mesmo nos encontros com os pares tínhamos um roteiro de estudos a cumprir imposto pela SEDUC e muitas vezes não conseguíamos revelar os conhecimentos que os professores traziam, suas reais necessidades, além da especificidade do contexto escolar.

Concordando com Henrique e Ferreira (2016), em trabalho de revisão bibliográfica sobre modelos e práticas de formação continuada de professores no Brasil, estávamos migrando de um modelo clássico de formação continuada onde as ações se estabeleciam “sob a perspectiva da transmissão de conhecimentos produzidos em esferas superiores e transmitidos de maneira impositiva aos professores, visando apenas atingir interesses institucionais.”

Em fevereiro de 2018, iniciamos um ano letivo que viria a ser transformador. Em função do novo formato de matriz curricular imposto pela SEDUC seria obrigatório que os alunos tivessem duas aulas de educação física por semana, em todos os anos do ensino fundamental, com professores especialistas. Minha escola, Albertina Alves do Nascimento, teria então dois professores de educação física no 1º e 2º turno.

Eu e Poliana nos dispusemos prontamente a estender nossa jornada na escola. Conseguir “dobrar” na mesma escola do cargo é coisa rara na nossa rede. Como já trabalhávamos e planejávamos juntas no 1º turno, decidimos fazer o mesmo no 2º turno. Mesmo desenvolvendo conteúdos diferentes, trocávamos muitas ideias, dividíamos experiências, espaços e assim tornávamos nossa rotina menos árdua.

A professora Poliana já trabalhava no “Albertina” há muitos anos. Conhecia bem o grupo de funcionários, os espaços e a comunidade escolar. É uma professora que conseguiu criar uma cultura escolar e reconhecimento para a educação física. Com o passar do tempo, além de colegas de trabalho, ficamos muito próximas, e no mês de março de 2018, ela me contou que estava grávida. Uma gravidez muito esperada, que pude acompanhar dia a dia, já que passávamos o dia inteiro na escola. Participávamos frequentemente (Poliana mais do que eu) da formação continuada que era oferecida pela SEDUC com todos os professores de educação física da regional Ressaca/ Nacional. Não erámos obrigados a participar da formação, mas com todas as mudanças que foram acontecendo na estrutura do modelo da formação continuada, passamos a gostar de frequentar os encontros.

A formação continuada acontecia sempre uma vez por mês, às quintas-feiras. E em 2018, ela seguiu um formato diferente. Continuamos com os encontros mensais entre os pares. A formadora, Ohana Almeida, trazia para nossos encontros oficinas de ensino de conteúdos que eram dificilmente abordados por professores nas escolas e após as oficinas professores, colegas de trabalho, faziam relatos de experiência sobre o conteúdo abordado e assim debatíamos sobre a prática pedagógica, trocávamos ideias e voltávamos para a escola entusiasmados com os novos saberes adquiridos. Henrique e Ferreira (2016) trazem a visão de vários autores que indicam caminhos para novos modelos de formação continuada que se distanciam do modelo clássico:

Autores como Novoa (1992), Costa (2004) e Oliveira e Ramos (2008), relatam a importância de se pensar a formação continuada como um processo de constante reflexão sobre a própria prática, ou seja, de uma formação reflexiva e emancipadora, realizada de maneira crítica e autônoma, que valorize não só a formação em si, mas o pensamento e a experiência do professor como elementos essenciais na construção de novos saberes e competências profissionais. **(P.02).**

Tivemos oficinas de dança, lutas, jogos indígenas e da cultura afro, avaliação, jogos eletrônicos e circo. A cada encontro, a cada relato, cada oficina, percebia os professores mais envolvidos e mais pertencentes àquele tempo/espaço.

Foto 10 – Encontros da formação Continuada ofertada pela SEDUC de Contagem.



Fotos de encontros da formação continuada no ano de 2018: modelo de formação interativo-reflexivo.
Fonte: autora.

A formação dos professores de educação física começou a se dar seguindo o modelo interativo- reflexivo compreendido segundo Henrique e Ferreira (2016), como a formação que acontece entre os pares e por aprendizagem mútua entre os participantes. Procura-se resolver problemas comuns do cotidiano de trabalho, por decisões construídas e desenvolvidas coletivamente no intuito de resolver problemas ligados não só a prática, mas também do contexto escolar em geral. A reflexão, a construção e a troca de saberes são suas características principais. O formador funciona como um mediador no processo.

5 COMO CHEGUEI AO PROEF...

23 de março de 2018, terça feira, 17h23min, fim de mais um longo dia de trabalho. Já havia ministrado sete aulas e estava na sala dos professores guardando meu material, preparando-me para pegar minha Honda Biz, encarar 18 quilômetros de BR 040, e anel rodoviário até minha casa, e ter o meu merecido descanso. No caminho entre a sala dos professores e o estacionamento peguei o celular para dar uma checada nas minhas mensagens. Vi que acabei de receber um e-mail do Professor José Ângelo Gariglio, da UFMG. Curiosa, abri rapidamente. Pronto! Em segundos transbordei de alegria:

“Prezados/as,

Depois de muitos problemas ocorridos no processo de tramitação do PROEF, estamos retomando o contato com o objetivo de dar início ao processo de inserção de vcs (SIC PASSIM) no sistema Acadêmico da UFMG. Sem essa inserção não há como iniciar as aulas. Estamos premidos pelas datas, pois há uma indicação de início das aulas em abril desse ano. Para tanto é importante que informem, de forma urgente, se ainda desejam realizar o curso, pois temos que constituir uma turma com doze alunos. Portanto, informem se vão declinar ou não da vaga para que possamos, caso necessário, chamar os demais professores aprovados, mas que estão em lista de excedentes. Aguardo retorno urgente!

Aline houve desistência de professores. Com isso, vc é a próxima no grupo de excedentes a ser chamada. Confirma sua participação no curso? Aguardo retorno urgente.

Att,

Prof. José Angelo Gariglio.”

Já havia passado dois anos do processo seletivo, fiquei em 15º lugar, eram 12 vagas. Durante esse tempo tentei por duas vezes a entrada no PROMESTRE⁷, mestrado profissional da Faculdade de Educação (FAE/UFMG); mas não passei. Sempre trabalhei em dois turnos nas escolas e enfrentava a longa distância entre o trabalho e minha casa. Fazer disciplinas isoladas ou cursos de especialização era algo impossível pela dificuldade de conciliar horários. Um mestrado em instituição particular também não era possível por causa dos altos valores das mensalidades e dos baixos salários que os professores recebem.

O PROEF faz parte de uma rede de “Programas de Mestrado Profissional para Qualificação de Professores da Rede Pública de Educação Básica” (PROEB). É um mestrado em rede nacional e apresenta um programa híbrido com carga horária presencial concentrada nos finais de semana e carga horária online para se cumprir no ambiente virtual a distância (AVA). Um dos pré-requisitos do PROEF é a obrigatoriedade de ser professor de escola pública (municipal ou estadual) e estar em pleno exercício. O PROEF da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO). E um dos polos de ensino e faz parte de uma proposta que agrega 12 Instituições de Ensino Superior denominadas Instituições Associadas, sendo uma delas a UFMG.

Em revisão de literatura feita por Matos et al (2016) foi constatado que os cursos de formato virtual ou semipresencial são alvos de vários estudos nos últimos anos, e vem sendo utilizados como forma de alcançar um público de professores cada vez maior, atendendo às especificidades e demandas do trabalho docente, devido, principalmente, às pesadas cargas horárias exigidas ao professor.

Os dois programas guardam semelhanças em alguns de seus objetivos, dentre os quais destacamos: a) articular a pesquisa científica e acadêmica à prática escolar; b) possibilitar a formação continuada *stricto sensu* dos professores e professoras em exercício na rede pública de educação básica e c) desenvolver

⁷ O PROMESTRE - Mestrado Profissional em Educação e Docência da faculdade de educação da UFMG. Embora seja gratuito, sua carga horária de disciplinas obrigatórias e presenciais demandam muito tempo e disponibilidades de seus egressos visto que várias disciplinas são diurnas. Para ingressar no mestrado os candidatos passam por um longo processo seletivo que inclui a análise de um projeto de pesquisa e uma proposta de produto final que tenha caráter pedagógico possibilitando a aproximação entre a produção científica e o desenvolvimento de tecnologia e inovação.

pesquisas, abordagens e material de ensino capazes de contribuir para a melhoria da qualidade da educação das redes públicas

Dessa forma, respondi imediatamente ao professor:

“Nossa Professor que notícia boa.

Tô (SIC) quase chorando aqui.

CLARO QUE EU QUERO PARTICIPAR!!!!!!

O que preciso fazer?

Obrigada... Muito obrigada!!”

E assim, voltei pra casa pilotando nas nuvens. Sem perceber os entraves do trânsito de fim de tarde, vi o filme da minha vida passando pela minha cabeça.

Já em casa, contei a boa nova para minhas irmãs e minha mãe. Elas já nem se lembravam desse tal processo seletivo, mas também ficaram muito felizes com a conquista, principalmente minha irmã mais velha, que também é professora.

Por volta de 20h00min recebo uma mensagem no Messenger do facebook. Era de Carolina. Colega de profissão, de aventuras de faculdade, colégio e já estava dentro das 12 vagas do PROEFE:

“Alineeee! Ta Boa?

Não quero criar expectativas... é só se acontecer para vc (SIC PASSIM) ir se organizando pq (SIC) está um caos.

Parece que o mestrado profissional possivelmente começara em abril, parece que alguém vai desistir! Pareceeee! (SIC) Aí acho que vc é a próxima da lista!”

Respondi a ela contando sobre o e-mail do professor Zé Ângelo e disse que já iria a Faculdade no dia seguinte para levar meus documentos e realizar minha matrícula.

Passados alguns dias as aulas começaram. A turma já estava formada e familiarizada, pois conversávamos muito pelo grupo do *whatts up* e as aulas no sistema virtual com as tarefas EAD- ensino a distância já haviam começado. Tínhamos encontros quinzenais, aos sábados, que dialogavam com os textos e com as atividades EAD.

A primeira disciplina que cursamos foi “Problemáticas da Educação Física”. No sistema virtual, nossa turma do polo UFMG, foi distribuída entre cinco turmas que continham alunos de todos os outros polos, o que tornou o diálogo e a troca de experiências muito ricos. Além das discussões e tarefas com a turma do ambiente virtual de aprendizado, tínhamos encontros presenciais, que além de discutir os nossos pontos de vista sobre os temas também trazíamos as curiosidades abordadas por cada turma do grupo nacional.

Entre dilemas, diálogos, compartilhamento de experiências e várias atividades avaliativas, tanto online quanto presenciais, chegamos ao final da disciplina e logo em seguida iniciamos a disciplina “Seminário de Pesquisa Científica em Educação Física” no final do primeiro semestre de 2018. Ainda não tínhamos um projeto de pesquisa e orientadores definidos, porém, com o desenrolar da primeira disciplina e com as vivências da docência, várias inquietações foram surgindo e o momento de escolha sobre o que e como pesquisar se aproximava.

As tarefas do AVA nessa primeira parte da disciplina de introdução a pesquisa tratavam especialmente do plágio e do formato epistemológico de uma pesquisa. No 1º encontro presencial dessa disciplina, o Professor Admir fez uma breve abordagem sobre os tipos de pesquisa possíveis para o formato do mestrado profissional em educação física escolar e falou um pouco da sua própria trajetória no meio acadêmico. Ele, também, abriu espaço para que nós, professores/alunos, pudéssemos falar das nossas inquietações e questionamentos dialogando ao encontro do interesse de cada um para o seu projeto. Saí desse encontro presencial muito provocada.

Diferentemente do que ouvia dos relatos sobre as formações de outras disciplinas, nossos encontros estavam sendo bem aceitos pelos professores de educação física da rede. O grupo de professores de Educação Física conseguiu compreender que o espaço da formação não deveria ser apenas um momento de enfrentamento político ou “terapias” de lamentações e queixas de problemas do cotidiano docente. Estabelecemos uma relação horizontal com a formadora e a troca de experiências e saberes sempre foi uma via de mão dupla. Os saberes emergiam também dos professores, com seus relatos do chão da escola.

Fensterseifer e Silva (2011), realizaram uma pesquisa com professores participantes de uma formação continuada e perceberam que a busca e a

materialização de práticas inovadoras guardam vínculos com a participação de professores em grupos de estudos, focados para as dificuldades pedagógicas do dia a dia, em que se relata e se ouve experiências, das quais se discute e se busca em conjunto outras possibilidades para a prática pedagógica.

Inspiradas nos relatos de experiência dos colegas e nas parcerias que tínhamos com professores de outras escolas decidimos desenvolver um projeto que denominamos de Jogos de Integração. Nosso objetivo era trabalhar com os alunos, durante o primeiro trimestre, cinco conteúdos (futsal, vôlei, handebol, peteca e badminton) abordando técnica, regras e principalmente incentivando a participação do grupo. Não somente a participação prática das modalidades, mas também participar na organização e montagem das aulas, nos diálogos e construção e sistematização das ideias. A culminância do projeto seria no dia 16 de maio, final o trimestre, onde teríamos uma manhã de “Integração” com alunos de outra escola.

Durante a manhã do dia 16, os alunos dos 8º e 9º anos, não foram para as salas de aula. Entre as atividades de integração tínhamos jogos na quadra e no pátio, campinhos de badminton improvisados pelos espaços da escola, mesas de “ping-pong” adaptadas no refeitório e oficina de *slackline* no gramado do estacionamento. Recebemos a visita de 120 alunos dos 8º e 9º anos do Centro Pedagógico da UFMG. A tabela de jogos entre as duas escolas já havia sido disponibilizada para os alunos via *WhatsApp* e nossa comissão de organização espalhou as versões impressas por todas as paredes. Alunos do 6º e 7º ano, escolhidos a dedo, ajudavam na arbitragem, organização e orientações nos espaços da escola.

Tudo correu bem, com total envolvimento dos alunos, interagindo através dos jogos, rodas de conversas, paqueras e piqueniques. Nosso diretor, que também é professor de educação física, acompanhou e ajudou em todo o processo de organização do dia do evento. A equipe pedagógica e os outros professores, como de costume, não se envolveram e aproveitaram a manhã para preencher o diário e colocar os portfólios em dia.

Foto 10 – Registro do “Jogos de Integração”.



Evento organizado e desenvolvido com a participação dos alunos em todas as esferas.

Fonte: autora.

2018 era ano de copa do mundo. Eu e Poliana, ao planejarmos as aulas do 2º trimestre, decidimos abordar o futebol e as questões de gênero no esporte. Baseamo-nos e procuramos aprimorar uma ideia do professor Hamilton que nos foi apresentada na formação continuada através de um relato de experiência. Hamilton construiu com seus alunos um álbum de figurinhas manual que foi usado no processo de avaliação das aulas práticas de educação física. Decidimos criar um álbum de figurinhas para o “Albertina” nos “padrões” FIFA para a Copa do Mundo. Durante todo o trimestre os pacotes de figurinhas eram distribuídos ao final de cada aula vinculados a participação ou não do aluno.

Criamos várias regras sobre a utilização e troca do álbum e das figurinhas. As figurinhas eram valorizadas de acordo com o grau de dificuldade para encontrá-la. Dentre todos os temas que abordamos no conteúdo futebol, a construção do álbum foi o mais trabalhoso. Tirar fotos, formatar, cortar, empacotar,

distribuir, recolher, trocar, fazer e refazer, mesmo com a ajuda do diretor que topou financiar as impressões coloridas e encadernação dos álbuns.

As aulas também tiveram suas discussões baseadas por vídeos e propagandas que tomei conhecimento por meio de colegas do PROEF. Nossas aulas também tratavam sobre a participação das mulheres nos esportes e nas aulas de educação física, os corpos, limitações e restrições impostas às meninas. Pensamos em dar ênfase ao corpo feminino porque temos o futebol brasileiro extremamente marcado pela figura masculina. O corpo então “não é, assim, algo que possuímos naturalmente. Nem é somente uma construção pessoal, mas também sociocultural: ele é suporte e expressão máxima de uma dada cultura (e são infinitas as expressões culturais de povos distintos marcadas nos corpos)”. (VAGO 2009, p.33).

Segundo Luiz et al (2015) é por meio das experiências práticas que identificamos as percepções e as apropriações enredadas por nós a partir da relação que estabelecemos com os contextos vividos de formação. Em outras palavras, os sentidos que atribuímos se constituem como uma forma de uso inventivo, consumo produtivo (CERTEAU, 1994), que potencializa os modos de apropriação dos conhecimentos ofertados pela formação continuada. Nós não reproduzimos os acontecimentos vivenciados nas formações, mas nos apropriamos (CERTEAU, 1994) desses conhecimentos de acordo com nossos interesses, necessidades individuais, coletivas e conforme a própria identidade profissional e a especificidade da Educação Física como componente curricular.

Foto 11 – Álbum de figurinhas produzido em 2018 durante o conteúdo de futebol.



Pacotes de figurinhas que eram distribuídos aos alunos após as aulas de educação física
Fonte: autora.

Foto 12 – Álbum de figurinhas produzido em 2018 durante o conteúdo de futebol.



Pacotes de figurinhas que eram distribuídos aos alunos após as aulas de educação física.
Fonte: autora.

Foto 13 - Álbum de Figurinhas.



Fonte: autora.

Foto 14 - Álbum de Figurinhas.



Fonte: autora.

Foto 15- Álbum de Figurinhas.



Cada página do álbum era referente a uma sala e equipe de trabalhadores.
Fonte: autora.

Havia concluído minha formação inicial há mais de oito anos e sentia um enorme distanciamento do mundo acadêmico com as minhas práticas pedagógicas. No meu meio social, as pessoas que pesquisavam, os acadêmicos, eram todos da área do treinamento esportivo ou da fisiologia. Frequentemente participava de palestras, mesas e conferências da área da educação: muitos discursos sobre indisciplina na escola, participação da comunidade escolar, planejamento de aulas, projetos de ensino, interdisciplinaridade... Todos aqueles temas clichês, problemas em todas as escolas. Palestrantes conceituados que pareciam falar de uma realidade muito distante do chão da escola e bem próximo da realidade acadêmica, transmitiam os conteúdos e a ênfase era somente na atualização e capacitação profissional. Os estudos de Reis e Affonso (2007), constata que a formação continuada tem sido constituída primordialmente por eventos restritos, esporádicos e de curta duração, sendo desvinculados da prática e das necessidades de formação dos professores. Assim, após, a disciplina de introdução a pesquisa, fiquei tomada por alguns questionamentos: como posso encontrar em minha prática algo relevante

para pesquisar quando tudo o que vem da academia se distancia da minha realidade?

Sem nenhuma certeza, e corroída de ansiedade, enviei um e-mail para o professor Admir pedindo socorro, uma luz, uma direção. Queria muito trazer à tona minhas experiências da escola para dialogar com o meio acadêmico. Vivia uma oportunidade única no meu trabalho, em que tinha apoio de alunos e comunidade escolar, reconhecimento da educação física como disciplina na escola e uma colega de área também disposta a executar práticas inovadoras. Estávamos criando o hábito de documentar nossas experiências de formas variadas, porém, esse ainda era um processo mecanizado. Tínhamos que cumprir exigências, preencher tabelas, imprimir folhas e mais folhas de grade curricular, chamadas e planejamentos para arquivar em um portfólio. Pensando em suavizar e dar mais sentido a tarefa de criar um portfólio anual, veio uma primeira ideia de projeto de pesquisa: A Documentação Pedagógica!

Em 30 de junho de 2018 10h03min.

“Professor,

Conversando com os colegas, lendo os textos da Disciplina no AVA e fazendo um link com tudo que vc (SIC PASSIM) expôs na aula passada, fiquei buscando um tema que tenha muita relação com meu trabalho e que me desafie a continuar trabalhando (dois turnos) e mantendo a motivação para experimentar vivências novas para meus alunos e para mim.

Na Prefeitura de Contagem, estamos sofrendo com a adaptação ao governo de Alex de Freitas, o prefeito. Junto com os novos integrantes da secretaria de educação foi imposta uma portaria que burocratizou o sistema de ensino de Contagem. São várias tabelas, gráficos, formulários, provas... Enfim, muito papel para preencher e ser arquivado. Uma das exigências desse novo governo é que cada professor construa um Portfólio anual, que nada mais é que registros das atividades realizadas pelo professor, porém essa demanda assustou aos professores, pois ninguém sabia esclarecer e nem via função na criação desses “amontoados de folhas” que se tornou o portfólio.

Como tenho colocado em nossas conversas durante as aulas e apresentei no seminário, a Formação Continuada oferecida pela prefeitura, as aulas do mestrado e o diálogo com minha colega de escola tem sido um grande motivador na construção dos nossos projetos na escola. Desenvolvemos ótimos trabalhos no ano de 2017 e esse ano de 2018 tbm (SIC) está muito legal.

E por último. Durante toda a disciplina de "Problemáticas" e principalmente com a apresentação do seminário senti muita satisfação de conseguir fazer um link entre a realidade do meu trabalho com textos científicos. Antes via a escola e as pesquisas como algo muito distante e a gora está vendo que não são, são complementares.

Enfim... Pensei em tudo isso e estou pensando em como sistematizar, mas não sei ainda: Motivação pessoal na construção de práticas renovadoras e construção de registros??? É isso professor? Eu não sei se está abrangente ou se está pouco? Acho que são três temas ao invés de dois...

Sabe aquela situação de uma mesa cheia de comidas, todos os seus pratos preferidos e vc não sabe qual come primeiro? Não sabe se podem comer todos? Não sabe se aguenta comer todos?

Desculpa o textão, mas se puder me ajudar, qualquer colocação, para tomar um rumo será ótimo!

Bom fds (SIC), abração e obrigada!"

Em 01 de julho de 2018 14h38min

"Oi Aline, bom dia!

Desculpe a demora na resposta, mas estava às voltas com a realização do VIII Seminário do PROEFE.

Veja, acho que seu tema está bastante interessante. Penso que você pode apresentá-lo como um movimento de "resposta" a esse processo de burocratização da prática pedagógica e, ao mesmo tempo, sistematizar sua prática docente e da Poliana por meio de um processo de "Documentação Narrativa". O que acha?

A Documentação poderia ser a partir da proposta de diferentes registros de sua prática, realizados por você e os estudantes...

Seguimos conversando.

Abração!

Bom domingo!

Admir."

Assim, com uma ideia inicial de construção de uma documentação narrativa sobre a minha prática pedagógica, fui imaginando como seria escrita. Os textos e atividades propostos pelo AVA, tratavam de plágio, normas da ABNT, modelos de pesquisas qualitativa e quantitativa, conselho de ética, plataformas de pesquisa e instrumentos de pesquisa. Não havia nenhum texto que considerava a pesquisa narrativa.

Tínhamos ainda mais um encontro da disciplina de Seminário de Pesquisa Científica em Educação Física do recesso de julho. Para acompanhar o calendário e as atividades do AVA precisávamos estabelecer o tema do projeto de pesquisa e o nosso orientador rapidamente. O professor José Ângelo fez a proposta

de organizar um encontro dos 12 alunos do PROEF com os 10 professores do programa, assim os professores poderiam ouvir as ideias de cada aluno e escolher um projeto que se aproximasse da sua linha de pesquisa para orientação.

A aula mais parecia um episódio do programa televisivo “Porta dos Desesperados”. Éramos as portas prestes a serem abertas. Os professores, orientadores, atentos às surpresas que poderiam sair de trás de cada “porta”.

Enfim, chegou a minha vez. Conteí minha trajetória como professora em Contagem, em especial os últimos anos no “Albertina”, a parceria com a professora Poliana, minha participação na formação continuada da SEDUC, e como isso estava sendo motivante. Falei também sobre a vontade de documentar minha prática de uma forma que fosse mais relevante do que o tradicional portfólio proposto pela SEDUC. Ao final da minha fala, recebi uma chuva de sugestões dos professores presentes. Queria muito ter gravado o áudio desse momento para ouvir repetidas vezes, porém não o fiz. Das poucas anotações que consegui fazer, todas me direcionavam a refletir sobre a formação continuada e ações coletivas e uma destacava de forma clara: “narrar os momentos de formação *“linkando”* com sua prática pedagógica”.

Após esse encontro presencial, entramos em recesso. Os professores orientadores, agora sabendo de todos os possíveis projetos de pesquisa dos doze alunos do PROEF, teriam que escolher seus orientandos baseados nas afinidades pelo conteúdo de cada pesquisa.

6 EMPURRÃO INICIAL PARA OS RELATOS DE EXPERIÊNCIA: IMERSÃO CONSCIENTE NO MUNDO DA EXPERIÊNCIA

No início do segundo semestre Ohana programou um encontro de formação continuada diferente. Ela convidou vários professores da rede para um grande seminário. Em um primeiro momento teríamos uma palestra com o professor Admir que falaria sobre a experiência docente, e em um segundo momento os professores participariam de apresentações de relatos de experiência por grupo de interesse.

Um dos propósitos do seminário era nos inserir no repertório de conhecimentos da produção acadêmica que discute o tema de formação continuada e experiência docente, assumindo um duplo movimento de procura, de produção de saberes, em que os sujeitos da escola e os pesquisadores acadêmicos vislumbram a possibilidade de se inserirem no universo do outro e adquirir um conjunto de saberes que permita, aos professores, a possibilidade de teorizarem a sua prática, e aos pesquisadores, a oportunidade de investigarem os sentidos que os professores atribuem aos seus processos formativos. Tal perspectiva requer um trabalho colaborativo, centrado na escola como espaço de desenvolvimento profissional, com a possibilidade de produzir saberes marcados pela complexidade do cotidiano (LUIZ, MELLO, VENTORIM, NETO e SANTOS, 2016).

O seminário foi organizado com muito cuidado pela Ohana e o grupo de formadores. Logo na chegada, ao prédio, havia uma exposição com vários registros de alunos feitos nas aulas de educação física. Registros fotográficos, desenhos, narrativas, todos produzidos por alunos da rede e documentados por seus professores. Essa exposição dizia muito sobre a Educação Física nas escolas de Contagem, sobre a comunidade escolar e sobre o perfil pedagógico do professor. Na entrada do auditório os professores eram encaminhados a escolher um tema para participar no segundo momento (jogos e brincadeiras, lutas, esportes com tacos, ginásticas, dança, entre outros) relatos de experiência. Em seguida, todos seriam encaminhados para a palestra do professor Admir Almeida.

O professor Admir além de ter atuado por muitos anos nas escolas públicas de Belo Horizonte, também está em diálogo com a formação de professores, atuando no curso de graduação em educação física da UFMG. Já deu

aulas em vários cursos de graduação em Educação física da região metropolitana, razão pela qual pode rever vários de seus ex-alunos nesse seminário. Em sua palestra, ele apresentou um trabalho intitulado “Narrar a experiência, escrever a aula: a Educação física em processos de formação continuada”, no qual apresentou distintas formas que ele, quando professor da educação básica, utilizou pra construir narrativas com os alunos e dos alunos. Registros fotográficos e narrativas sobre as aulas, projetos de ensino, unidades temáticas e até de situações cotidianas das aulas de educação física.

Ainda no momento de inscrição para as oficinas, vivenciávamos instantes de interação e dialogo, pois podíamos desfrutar da mostra de trabalhos pedagógicos e rever nossos colegas de trabalho da rede já que era um dia onde todos os professores de educação física de Contagem estavam presentes e não divididos por regionais como nos encontros de formação anteriores.

Às 08h30min, iniciou a Palestra. Auditório lotado, professores eufóricos como alunos no primeiro dia de aula, iam se acomodando. O professor Admir começa com a leitura de uma narrativa sobre uma aula de capoeira para alunos do ensino fundamental⁸. A narrativa entretém a todos os ouvintes como se estivessem participando da aula do professor Admir. Segundo Suárez, Dávila e Fuente (2005), muitas das coisas que ocorrem na escola estão vinculadas ao ensino/aprendizado e outras aos aspectos burocráticos e assistenciais do sistema escolar. Entretanto, grande parte dessas vivências também se relaciona com o afeto, com a troca de sentimentos, significados e valores, com o passado, o presente e o futuro dos personagens que ali transitam. Os docentes, ao contarem suas histórias, de seus alunos e de tantos outros sujeitos que compõem o cotidiano escolar, realizam um importante exercício de reflexão que, ao mesmo tempo, permite que os sentidos da docência e da escolarização sejam revisitados e se reconheçam como autores e autoras das diversas tramas e enredos de sua pratica profissional. (SUÁREZ, 2007)

Situações corriqueiras do cotidiano do professor, mas quando narrada ganha outra vida, outros significados. E assim Admir vai mostrando a importância de

⁸ JUNIOR, A. S. A. Foto e grafias: narrativas e saberes de professores/as de educação física. Tese de Doutorado. Unicamp, 2011.

produzir registros sobre nossas aulas, documentando nosso trabalho. Mesclando as ideias de Josso (2004), Aragão, Prado e Ferreira (2015, p.207), as narrativas representam processo de reflexão que “caracteriza-se pela mobilização da memória, pelo jogo discriminativo do pensamento e pela ordenação por meio da palavra, da atividade interior do sujeito”, ou seja, “como passagem de um vivido, no qual se encontra uma aglutinação de emoções, sentimentos, imagens e ideias, e uma ordenação desses componentes, para que a narrativa seja inteligível”. A narrativa possibilita ao professor identificar e compreender o caráter formador de suas vivências.

De uma forma mais peculiar de narrar as experiências docentes, Admir nos apresenta as Pipocas Pedagógicas (PRADO e DAMASCENO, 2007) produzidas por seus alunos e orientandos, e nos conduz ao caminho de refletir a nossa prática docente por outro ponto de vista.

Mas, afinal, o que são Pipocas Pedagógicas? O termo foi criado por um grupo de professores do ensino fundamental participantes do GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada da Faculdade de Educação da UNICAMP.

A pipoca pedagógica passou a ser a expressão metafórica usada por nós, integrantes do grupo de Terça, para denominar uma narrativa curta – um caso – cujo conteúdo são as questões da educação de crianças e jovens que nos inquietam enquanto educadores; são retratinhos 3x4, em branco e preto ou à cores, feitos por fotógrafos-professores-contadores de casos seus e de seus alunos. As Pipocas mostram as margens possíveis no dia-a-dia dos professores, as brechas “estouradas” (descobertas), que deixam o exílio das ausências, para ampliar nosso presente, e as cavadas à unha, respostas ao movimento das emergências. (GEPEC-FE-UNICAMP, 2008. p.106)

Na condição de pipocas, as narrativas elaboradas pelos professores/as de Educação Física precisam ser saboreadas, sentidas e apreciadas como “causos” do cotidiano que, ao serem lidas, instigam-nos a ler outra e outra. O exercício da escrita de si é uma tarefa complexa, pois exige que, além do registro da própria trajetória profissional, cada autor/a reflita sobre o que viveu- o que nem sempre é prazeroso e habitual-, mobilizando conhecimentos, saberes, crenças, emoções e o estabelecimento de relações não necessariamente percebidas (CAMPOS e PRADO, 2013).

Ao final da sua apresentação, Admir fez um convite ao grupo de professores presentes: “Que tal constituirmos um grupo de professores de educação física narradores de suas práticas?” Deixou todos os seus contatos para que os professores que já tivessem alguma familiaridade com a narrativa e quisessem compartilhá-las e pudessem lhe enviar. Muitos professores de Contagem já conheciam o professor Admir, pois ele já atuou em alguns cursos de formação inicial na região de metropolitana de BH.

A seguir, anexe a reportagem, que foi publicada no site da prefeitura de Contagem, referente ao seminário organizado pela formadora Ohana, parte do processo da formação continuada oferecida pela SEDUC.

Foto 16 - Diálogos temáticos em Educação Física.



Publicado em 30 de outubro de 2018.

Fonte: disponível em: <<https://programadeformacao.azurewebsites.net/2018/10/30/dialogos-tematicos-educacao-fisica/>> acesso em 22/06/2019 às 17h.

No dia 16 de agosto, os professores de Educação Física da Rede Municipal de Educação de Contagem participaram do 5º encontro de formação continuada, na faculdade Una Contagem. Nesta ocasião, o encontro recebeu o nome de “Diálogos Temáticos” e foi organizado em dois momentos. O primeiro momento, aconteceu no auditório da instituição, e contou com a participação do prof. Dr. Admir Soares de Almeida Júnior, da escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, que compartilhou com os presentes seus conhecimentos, saberes e práticas acerca de narrativas feitas a partir das aulas de Educação Física. No segundo momento, os professores puderam escolher entre quatro salas com

temáticas diversas, que tiveram a participação de professores da Rede Municipal de Educação apresentando suas experiências e práticas, por meio de Relatos de Experiência.

Buscando trazer o olhar dos estudantes sobre as aulas de Educação Física, foram montados painéis para exposição de diversos tipos de registros iconográficos na entrada do auditório. Os registros estiveram em exposição durante todo o encontro.

Abaixo o nome dos professores e professoras que apresentaram no encontro “Diálogos Temáticos”, bem como o título da apresentação e instituição escolar a qual estão vinculados:

Prof. Dr. Admir Soares de Almeida Júnior – Narrar a experiência, escrever a aula: professores(as) de Educação Física em Processos de Formação Continuada – Universidade Federal de Minas Gerais.

Manhã

Aline Borges Moreira Dias e Poliana Barreto Fernandes – O resgate de jogos, brinquedos e brincadeiras – E.M. Albertina Alves do Nascimento.

Vinícius Gomes Cambraia – A formação continuada e seu reflexo na prática docente – E.M. Dona Gabriela Leite Araújo.

Paulo Henrique de Almeida – Projetos na escola – “Maratoninha” e Esportes adaptados: a superação em jogo – E.M. Professora Julia Kubitschek de Oliveira.

Renata Dias Fernandes Caetano – Formação: Aplicações e vivências – E.M. Ivan Diniz Macedo.

Plínio de Paula Cruz e Calazans Junio da *Silva* – Esportes e atividades adaptadas voltadas para o lúdico – E.M. Eli Horta Costa.

Matheus Marques da Silva – Judite: A apropriação da contação de histórias aliadas aos jogos e brincadeiras nas aulas de Educação Física – E.M. Deputado Jorge Ferraz.

Hamilton Gonçalves Barbosa – Adaptações possíveis para a prática de esportes com taco no ambiente escolar – E.M. Deputado Jorge Ferraz.

Gustavo Lúcio Gonçalves *Torquato* – A Educação Física através das novas tecnologias – E.M. Nossa Senhora Aparecida.

Tarde

Gizele Aparecida Pereira de Castro – Práticas corporais de aventura – E.M. Professor Wancleber Pacheco.

João Marcelo Becari Moreira – Benefícios do xadrez escolar – E.M. Paulo César Cunha.

Eduardo Vieira de Rezende – Processo didático para ensino de xadrez – E.M. Carlos Drummond de Andrade.

Leonardo Teodoro da Silva – Aspectos positivos da competição escolar – E.M. Heitor Villa Lobos.

Waldizar Pinto Ferreira e Angelina Solange Silva de Oliveira – Projeto Copa – E.M. Walter Lopes.

Patrícia Valéria Lima de Souza e Jean Santos Machado – Ginástica Artística – E.M. Vereador Jésus Milton dos Santos.

Paola Oliveira da Fonseca – Dança nos anos iniciais do ensino fundamental e o ciclo junino – E.M. Vereador José Ferreira de Aguiar.

Aline Borges Moreira Dias e Poliana Barreto Fernandes – O resgate de jogos, brinquedos e brincadeiras – E.M. Albertina Alves do Nascimento.

Após um breve intervalo para lanche, os professores seguiram para as salas para assistir os relatos de experiência. Eu e Poliana apresentamos um relato sobre jogos brinquedos e brincadeiras, que executamos na nossa escola em diferentes faixas etárias. Apresentamos nos dois turnos porque tínhamos disponibilidade, já que dobrávamos na rede. No turno da manhã, compartilhamos o espaço com os professores Plínio e Calazans, que falaram de “Esportes e atividades adaptadas voltadas para o lúdico”, e no turno da tarde compartilhamos com a professora Angelina e o professor Waldizar que apresentaram o “Projeto Copa”.

Falar das experiências próprias era algo novo para mim. Há até pouco tempo achava que tornar pública nossas experiências era uma forma de querer

sobressair na profissão. Mas com os relatos dos colegas durante a formação continuada, com as discussões com Poliana durante o nosso planejamento e, principalmente, com minha entrada no mestrado, percebi que estava equivocada. Concordando com Prado e Soligo (2005) falar das vivências e experiências, memórias e reflexões, é imprescindível, não só para tornar público o que pensam e sentem os professores, mas também para difundir o conhecimento produzido em seu cotidiano.

Expondo minhas experiências, podia refletir muito mais sobre os projetos, sobre os pontos positivos e dificuldades, compreendendo melhor minha atuação e vislumbrar novas experiências a partir de sugestões do grupo. Dialogando com Luiz et al (2015), ao rememorar os sentidos produzidos pelos processos formativos por meio do relato, nós damos visibilidade às nossas experiências e, ao mesmo tempo, revelamos os sentidos atribuídos a esses processos e suas práticas de apropriações

Foto 17 – Seminário da Formação Continuada, relato de experiência.



Eu e professora Poliana relatando a experiência do projeto de ensino de jogos, brinquedos e brincadeiras.

Fonte: autora.

Apresentamos o projeto de ensino de Jogos e Brinquedos e Brincadeiras que se subdividia em várias etapas e a melhor e mais encantadora delas é a construção de brinquedos. Construíamos bilboquê, barangandão, pé de lata e carrinho de rolimã. Este último era um sucesso nas aulas da escola e na apresentação do seminário. Por demandar um material difícil de encontrar e mão de obra especializada, com ferramentas e marcenaria, muitos professores pensam em fazer, mas desistem por achar que dará muito trabalho. Explicamos o nosso método e ouvimos várias sugestões de colegas, que já executaram projetos parecidos, ou tiveram boas ideias, que somariam com as nossas experiências. Saímos de lá com muitas possibilidades para incrementar nosso projeto de ensino de jogos, brinquedos e brincadeiras.

A participação no seminário foi como um ponta pé inicial, encorajador para mim, e para muitos professores que comecem a relatar suas experiências. Concordando com Prado, Ferreira e Fernandes (2011) o profissional prático reflexivo é aquele que dispõe de um processo de reflexão que implica a *imersão consciente no mundo da sua experiência*.

Após o encontro “Diálogos Temáticos”, os encontros de formação seguiram o cronograma proposto no início do ano. A cada encontro, Ohana, trazia um conteúdo específico da educação física, como oficina, e mais algum tema relevante para a rede. Praticamente todos os conteúdos, que foram abordados durante a formação, foram levados para a escola.

Foto 18 e 19 - Registros pessoais.



Registros da aula de educação física abordando conteúdos que foram “copiados” de relatos de experiência de outros professores da rede durante a formação continuada.
Fonte: autora.

Durante o mês de agosto, exausta e com sensação de não estar dando conta do trabalho na escola, em dois turnos, e dos estudos no mestrado, resolvi tomar uma decisão drástica. Precisava largar a dobra. Passar o dia inteiro na escola, embora fosse um trabalho que me preenchia, estava me esgotando. Quando chegava em casa no fim do dia só queria descansar, não tinha motivação para leitura, nem mesmo para cumprir tarefas do mestrado, fazer alguma atividade de lazer ou física para cuidar da minha saúde.

Busquei alguma atividade que não consumisse todas as minhas tardes e que financeiramente valesse a pena, já que não recebia bolsa no mestrado e não tinha condições financeiras de me sustentar apenas com um salário de professora. Participei de um processo seletivo no SESI para trabalhar com ginástica laboral na

indústria. Fui aprovada, e após todas as etapas do processo, trabalhava cerca de 10 horas semanais e com alguns plantões nos finais de semana.

A tristeza de largar a dobra, deixar de dar aulas para os pequenos, junto com as incertezas de um novo emprego me tomaram. Vários colegas deram muito apoio, inclusive, Poliana, que já estava no sexto mês de gravidez. Acreditava que trabalhando menos teria mais disposição para os estudos, e para minha surpresa essa não foi uma verdade absoluta.

No turno da manhã, continuamos a desenvolver nossas atividades, sempre planejando e executando em conjunto. Vieram os jogos escolares, os jogos de tabuleiro e os jogos eletrônicos.

Os jogos escolares aconteceram nas duas semanas que antecedem o recesso de outubro. Organizamos a tabela com seis modalidades, e pontos corridos, para que houvessem mais possibilidades de jogos. Durante a execução, os alunos são completamente envolvidos no torneio. Eles participam de toda organização, arbitragem, divulgação e participação nos jogos.

Foto 18 - Jogos Escolares 2018.



Alunos que ajudaram na organização dos jogos escolares.
Fonte: autora.

Foto 19- Encerramento dos jogos escolares.



Após o encerramento dos jogos escolares fizemos um lanche com bolo e sorvete para os alunos que ajudaram na organização como arbitros, mesários, seguranças e secretários.
Fonte: autora.

Já em novembro, Poliana, estava de 32 semanas de gravidez, Lara podia nascer a qualquer momento. Junto com alguns professores, organizei seu chá de bebê. Poliana já iria sair de Licença Maternidade, e só retornaria em junho de 2019. Para 2018, teríamos um final de ano tranquilo, pois faltavam poucos dias para o término do ano letivo. Entretanto, para 2019 já sofria com o medo e as incertezas de quem seria minha nova companheira de trabalho e se iríamos ser parceiras também.

Lara, nasceu no dia 16 de novembro, recesso na escola. Poliana trabalhou durante os nove meses da gravidez, durante dois turnos. Acompanhamos a barriga crescendo, as dores e incômodos aumentando, as mudanças hormonais repentinas... e assim toda a escola criou um grande carinho pela criança que nascia.

Foto 20- Chá de bebê da Lara.



Chá de bebê organizado pelos trabalhadores da escola para Poliana.
Fonte: a autora.

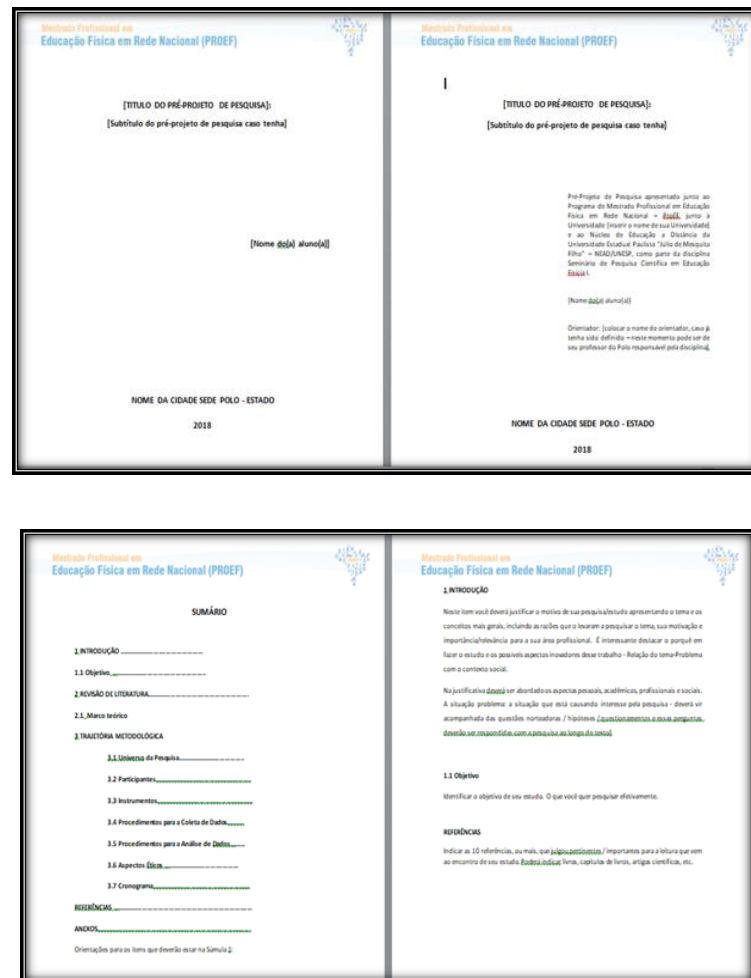
No início de agosto, recebemos um e-mail do professor José Ângelo, informando-nos, que os professores já haviam feito as escolhas pelos orientadores. Meu orientador seria o professor Admir. Fiquei bastante satisfeita, pois via proximidades nos interesses pela educação física escolar, pela narrativa e pela documentação.

A primeira tarefa do AVA, no segundo semestre, Disciplina de Seminário de Pesquisa Científica em Educação Física, era a construção da SÚMULA 1. Tratava-se de um documento, que traçava as primeiras diretrizes para um projeto de pesquisa. Essa Sumula já tinha um parâmetro a ser seguido com vários itens para se preencher: Título, orientador, introdução, objetivo geral, objetivo específico, metodologia de pesquisa, instrumento de pesquisa, considerações finais e referências. Fiquei bem confusa com o item “instrumento de pesquisa”. Todas as orientações e os textos que discutimos no AVA9 citavam questionários de entrevista, diário de campo, roteiro de observação, encaminhando a nossa organização para a produção de uma pesquisa quantitativa.

⁹ DEL-MASSO, Maria Cândida Soares. *Percurso investigativo*. São Paulo: AVA Moodle Unesp [EDUTECH], 2018. Trata-se do texto 4 da disciplina 2 do curso Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF).

DEL-MASSO, Maria Cândida Soares; SANTOS, Maria Aparecida Pereira; COTTA, Maria Amélia de Castro. *Instrumentos e técnicas de pesquisa*. São Paulo: AVA Moodle Unesp [EDUTECH], 2018. Trata-se do texto 5 da disciplina 2 do curso Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF).

Figura 4 - Súmula I.



The figure shows two pages of a research proposal form. The top row shows the cover sheet (left) and the first page of the proposal (right). The bottom row shows the table of contents (left) and the introduction page (right).

Cover Sheet (Left):

- Header: Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)
- Field: [TÍTULO DO PRÉ-PROJETO DE PESQUISA]
- Field: [Subtítulo do pré-projeto de pesquisa caso tenha]
- Field: [Nome do(a) aluno(a)]
- Field: NOME DA CIDADE SEDE POLO - ESTADO
- Field: 2018

First Page of Proposal (Right):

- Header: Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)
- Section: I
- Field: [TÍTULO DO PRÉ-PROJETO DE PESQUISA]
- Field: [Subtítulo do pré-projeto de pesquisa caso tenha]
- Text: Pré-Projeto de Pesquisa apresentado junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - PROEF, junto à Universidade (insira o nome da sua Universidade) e ao Núcleo de Educação e Docência da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - NUCLED/UNESP, como parte da disciplina Semestre de Pesquisa Científica em Educação Física I.
- Field: [Nome do(a) aluno(a)]
- Text: Orientador: Inscolocar o nome do orientador, caso já tenha sido definido - neste momento pode ser de um professor da Fala responsável pela disciplina.
- Field: NOME DA CIDADE SEDE POLO - ESTADO
- Field: 2018

Table of Contents (Left):

- Header: Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)
- Section: SUMÁRIO
- 1 INTRODUÇÃO
- 1.1 Objetivo
- 2 REVISÃO DE LITERATURA
- 2.1, Menor técnica
- 3 TRADIÇÃO METODOLÓGICA
- 3.1 Universo da Pesquisa
- 3.2 Participantes
- 3.3 Instrumentos
- 3.4 Procedimentos para a Coleta de Dados
- 3.5 Procedimentos para a Análise de Dados
- 3.6 Aspectos Éticos
- 3.7 Cronograma
- REFERÊNCIAS
- ANEXOS
- Orientações para os itens que deverão estar na Súmula 2.

Introduction Page (Right):

- Header: Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)
- Section: 1 INTRODUÇÃO
- Text: Nesse item você deverá justificar o motivo de sua pesquisa/estudo apresentando o tema e os conceitos mais gerais, incluindo as razões que o levaram a pesquisar o tema, sua motivação e importância/relevância para a sua área profissional. É interessante destacar o porquê em favor o estudo e os possíveis aspectos inovadores desse trabalho - Relação do tema/Problema com o contexto social.
- Text: Na justificativa deverá ser abordados os aspectos pessoais, acadêmicos, profissionais e sociais.
- Text: A situação problema: a situação que está causando interesse pela pesquisa - deverá vir acompanhada das questões norteadoras / Problemas / Questionamentos a serem investigados, devendo ser respondidas com a pesquisa ao longo do tempo.
- Section: 1.1 Objetivo
- Text: Identificar o objetivo de seu estudo. O que você quer pesquisar efetivamente.
- Section: REFERÊNCIAS
- Text: Indicar as 10 referências, ou mais, que julgar mais importantes para a leitura que vem ao encontro de seu trabalho. Exemplos: livros, capítulos de livros, artigos científicos, etc.

SÚMULA UM.
Fonte: AVA UNESP.

Assim foram surgindo minhas primeiras inquietudes a respeito da narrativa: por que não houve nenhum texto do AVA, que abordasse a pesquisa narrativa? Será que a narrativa não se configura como uma pesquisa? O que poderia ser um instrumento de pesquisa em um projeto que se configura como uma documentação narrativa?

Enviei um e-mail para Admir pedindo um amparo, para pensar um instrumento de pesquisa para a minha narrativa e fazer a atividade da súmula 1. A princípio, havia pensado em desenvolver um questionário para os professores de educação física de toda a rede que abordasse a visão do grupo sobre a formação continuada que estava acontecendo em Contagem. Questões como: quais as vantagens de participar? Quais temas abordados eram relevantes? O local de formação era apropriado? Aos que não participavam, por que não iam aos

encontros? Entre outras perguntas, que serviriam para interpretar o modelo de formação continuada que estava sendo desenvolvido.

Marcamos, então, nosso primeiro encontro de orientação. Primeira quinzena de setembro. Admir ouviu todas as minhas ideias e questionamentos e resolvemos, que iria realizar a tarefa do AVA seguindo os padrões de projeto de pesquisa esperado, mas que a pesquisa narrativa não se encaixava nesse modelo.

Admir falou das dificuldades, que não só ele, mas vários pesquisadores têm encontrado para tornar a narrativa em um modelo de pesquisa reconhecido no país. Apresentou-me várias revistas científicas, congressos e periódicos que publicam apenas pesquisas narrativas e autobiográficas¹⁰. Como inspiração me passou uma relação de 15 trabalhos, entre artigos, dissertações e teses¹¹, para que eu pudesse ler na busca de referências para minha escrita.

Após ler boa parte do material, que Admir disponibilizou, comecei a acalmar meus tormentos e não ficar mais tão aflita para preencher “todos os pré-requisitos” para minha pesquisa. Botía (2002) faz uma reflexão de dois modos de conhecimento científico: paradigmático e o narrativo. O modo paradigmático de conhecer e pensar, de acordo com a tradição lógico-científica herdada, é expresso em um conhecimento proposicional, geralmente, regulado por regras, máximas ou

¹⁰ CIPA- Congresso Internacional de Pesquisa auto biográfica, é um fórum internacional de debates em Educação sobre pesquisas realizadas com narrativas biográficas e autobiográficas, abordadas sobre três enfoques: enquanto disposição humana para narrar a vida, como método de pesquisa qualitativa e como dispositivos de pesquisa-formação.

BIOgraph é uma Associação Científica sem fins econômicos, registrada como pessoa jurídica de direito privado, fundada em 16/10/2008, tem como objetivos: congregar os profissionais brasileiros que pesquisam (auto)biografias, memória, histórias de vida e práticas de formação; promover e coordenar estudos e pesquisas, eventos e ensino no âmbito da pesquisa (auto)biográfica, memória, histórias de vida e práticas de formação; dialogar com associações congêneres, especialistas nacionais e internacionais e desenvolver ações interdisciplinares no campo de pesquisa-ensino; estimular a divulgação e informação das produções na área de pesquisa (auto)biográfica, memória, histórias de vida e práticas de formação; promover a crítica e pluralismo teórico na área em suas diferentes produções e atividades.

¹¹ GIANNELLA, B. M. E. Uma câmera na mão: a fotografia como fonte de reflexão do cotidiano escolar. Dissertação de mestrado. 2009.
FARIA, J. B. O naufrágio, o baile e a narrativa de uma pesquisa: Experiências de formação de sujeitos em imersão docente. Tese de doutorado. 2018.

JUNIOR, A. S. A. Foto e grafias: narrativas e saberes de professores/as de educação física. Tese de Doutorado. Unicamp, 2011.

princípios prescritivos. O modo narrativo, caracterizado por apresentar a experiência humana concreta como uma descrição de intenções, mediante a uma sequência de eventos em tempos e lugares, onde as histórias biográficas narrativas são os meios.

Se no primeiro há procedimentos de racionalidade e verificação pública e compartilhada, o modo narrativo é qualitativamente diferente, concentrando-se em sentimentos, experiências e ações, dependendo de contextos específicos. Esse conhecimento narrativo é também outro modo legítimo de construir conhecimento, que não deve ser confinado ao domínio das expressões emocionais: Os dois modos (embora sejam complementares) são irredutíveis entre si. Tentativas de reduzir uma modalidade à outra ou ignorar uma à custa da outra inevitavelmente perdem a rica diversidade de pensamento. Além disso, essas duas formas de conhecer têm seus próprios princípios funcionais e seus próprios critérios de correção. Eles diferem fundamentalmente em seus procedimentos de verificação. (BOTÍA 2002, p. 9).

As disciplinas do mestrado não nos davam nenhum alívio. Tínhamos tarefas semanais para cumprir no ambiente virtual, conciliando com os encontros e tarefas dos encontros presenciais. Tivemos no segundo semestre: Escola Educação Física e Planejamento, Seminário de Pesquisa Científica em Educação Física II, Metodologia do Ensino de Educação Física, Dança Contemporânea e Ginásticas.

Como o Professor Admir ministrou parte da disciplina de Metodologia do Ensino da Educação Física, acabamos conversando muito do andamento da ideia de pesquisa durante os encontros presenciais. Nessas conversas espaçadas, Admir sugeriu a retomada do convite que havia feito aos professores de Contagem para criar um coletivo de professores narradores de suas experiências. Como eu participava da formação continuada em Contagem, e tinha certa proximidade com Ohana, fiquei encarregada de organizar uma reunião entre nós três, para podermos idealizar a formação desse coletivo dentro da carga horária de serviço dos professores de Contagem que se interessasse em aderir ao coletivo.

Até, então, estava muito animada com a criação do coletivo. As discussões do grupo de professores de educação física eram muito interessantes. Sempre retornava para escola com muitas ideias e motivada a colocar em prática as diversas maneiras de ensinar os conteúdos que aprendia com meus colegas. Imaginava que o coletivo enriqueceria minhas experiências práticas e tornaria minhas narrativas pedagógicas bem mais interessantes para a minha dissertação.

Eis que conseguimos marcar um encontro com Ohana na EEFFTO, no início de outubro. Ela foi muito receptiva e abraçou a ideia de tornar o Coletivo de

Professores Narradores uma realidade articulada à formação continuada de Contagem. Encarregou-se de criar um *link* para que os professores de toda a rede que se interessassem pudessem se inscrever e participar dos encontros do coletivo. Esse *link* seria nosso primeiro ponto de contato com os professores narradores.

Durante nossa conversa, Ohana expôs, também, as mudanças que, estavam acontecendo na organização interna da SEDUC e sua preocupação com um novo modelo de formação que estava sendo idealizado. Temia pelo fim desse formato participativo e interativo, com a qual conduzia nossos encontros e também falou abertamente das dificuldades de estar à frente de um grupo, na condição de formadora.

Conversando um pouco da equipe gestora, que estava chegando à SEDUC, tivemos a feliz coincidência de ter como secretária Adjunta uma colega de trabalho de Admir, Dagmar Brandão, que posteriormente seria uma grande aliada na trajetória do meu projeto de pesquisa.

Saímos dessa reunião com a intenção de fazer dois encontros do Coletivo ainda em 2018: dia 8 de novembro e dia 13 de dezembro. Ohana ficou responsável por fazer a divulgação e as inscrições dos professores que se interessassem e organizar o espaço para o nosso encontro. Eu e Admir ficamos responsáveis por organizar toda a dinâmica da recepção dos narradores para o primeiro.

Saí do prédio da EEFFTO com Ohana e paramos no estacionamento conversando sobre as dificuldades de vivenciar um mestrado, vivenciar a posição de formadora dentro em um contexto político conflituoso e vivenciar a educação pública em tempos tão complexos. Conversamos por mais de uma hora e pude perceber que minha colega estava muito aflita com os caminhos que a nova gestão trilhava para a educação e a formação continuada dos professores de Contagem.

Antes do primeiro encontro do Coletivo de Narradores me encontrei com o Professor Admir na UFMG para organizar um roteiro. Ficou combinado que eu daria início a formação com uma breve apresentação minha, do mestrado profissional e do objetivo do meu projeto de Pesquisa, também falaria sobre a importância da narrativa reforçando o convite do professor Admir aos colegas. Posteriormente Admir falaria sobre a concepção de narrativas pedagógicas e pipocas pedagógicas e leria algumas pipocas para os colegas endossando o convite à escrita. Ele encerraria

propondo que no próximo encontro os colegas levassem registros de alguma aula ou projeto que tivessem os marcado.

7 1º ENCONTRO DO COLETIVO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NARRADORES

Já estava ansiosa há vários dias. Noites sem dormir direito, horas no computador montando *slides*, e várias inquietações. Tive medo dos professores não se interessarem pelo convite, medo deles não entenderem o propósito do coletivo, medo de acharem que a ideia seria apenas para meu benefício. Tivemos 20 inscrições para o turno da manhã, e 22 para o turno da tarde.

Enfim, chegou o dia 8. Tudo pronto. Com a ajuda da Ohana, organizamos a sala em círculo e colocamos a apresentação dos slides no ponto. Os colegas foram chegando e sentando. Suava frio. Os professores de Contagem entravam e se acomodavam. Já tinha visto a maioria deles fazendo relatos de experiência ou interagindo durante discussões na formação. Alguns mais velhos, que carregavam uma bagagem de experiência. Todos já formados há muito tempo e com longas estradas percorridas. Pensando assim, minha insegurança só aumentava.

Os docentes foram chegando, e no turno da manhã se formou um grupo de 20 colegas. Admir começou nosso encontro e propôs uma rodada de apresentação dos professores para que falassem o porquê de terem aceitado o convite. De forma geral, percebemos que todos falaram que “toparam” o convite, pois achavam que aquele momento seria um momento de formação profissional e, principalmente, de troca de experiências. Os professores presentes participavam da formação continuada desde seu início, em 2017, quando ela ocorria em um modelo tradicional. Concordando com as observações da pesquisa de Fensterseifer e Silva (2011) os professores também demonstraram que a formação continuada era de extrema importância para repensar suas práticas pedagógicas em Educação Física.

Alguns professores se apresentavam brevemente falando o nome próprio, a escola, onde trabalhavam e resumiam em uma ou duas frases seus interesses pelo grupo. Já outros professores nos envolviam em histórias das trajetórias de vida, casos do cotidiano escolar, experiências vividas na formação continuada ou relatos de abandono da docência que traziam as emoções à tona por vários momentos.

Após a rodada de apresentações, eu iniciei minha fala: contextualizei para os colegas da minha trajetória como professora na rede municipal de Contagem; da entrada e participação no PROEF; sobre meu projeto de pesquisa; o processo de

escolha do tema do projeto; o encontro das ideias do projeto com as ideias do Admir para a criação do coletivo de professores que debatessem a prática. Encerrei tentando pontuar as vantagens de trocar experiências em grupos, debater a respeito da prática,, e a produção registros, e conversamos, brevemente, sobre a força política e pedagógica que poderíamos construir com o movimento de criação desse coletivo e o reconhecimento que essa união poderia trazer para a disciplina de Educação Física que muitas vezes é tratada como um conteúdo marginal. As dúvidas que surgiram durante minha fala eram em relação aos tipos de mestrado profissional que eram oferecidos pela UFMG, às formas de entrada, processo seletivo e desenvolvimento e muitos professores corroboraram com a ideia de fortalecer esse coletivo, inclusive, politicamente, para tentar garantir a continuidade dos encontros em tempos e espaços de formação continuada.

Foto 21– Primeiro Encontro do Coletivo de Narradores.



Início do Primeiro Encontro do Coletivo de Narradores. Apresentação e contextualização.
Fonte: autora.

No segundo momento, o professor Admir falou da narrativa pedagógica, citando algumas referências, e trouxe trechos da sua tese, que narrou um momento das suas aulas de capoeira na escola. Em seguida, ele deu uma rápida explicação do que eram as pipocas pedagógicas, e iniciou a leitura de uma sequência de pipocas. Uma mais saborosa que a outra, quentinhas e crocantes. Eram pipocas escritas pelos seus ex-alunos da disciplina de Pesquisa Narrativa e (Auto) Biográfica em Educação Física, que ele ofertava no curso de Mestrado Profissional em Educação na FAE-UFMG.

Uma das pipocas lidas por Admir foi “Pegar o ratinho”, que a professora Ohana Almeida havia escrito ainda quando cursava o mestrado:

Pegar o ratinho.

“Era o ultimo horário das 08 aulas do dia. Eu já me encontrava cansada, e os alunos bem agitados. Tratava-se de uma turminha de 28 estudantes do 1º ano do 1º ciclo, que após fazerem uma atividade com bola, estavam com energia total e ainda faltavam alguns minutos para o término da aula.

Pedi a eles que assentassem no círculo, e que faríamos uma brincadeira. Eles logos assentaram, e a curiosidade falou mais alto. Expliquei que seria um

telefone sem fio, e grande parte deles já havia brincado. Como ainda estavam bem agitados, informei quealaria uma frase e eles teriam que fazer o que eu dissera.

Iniciei a brincadeira com a seguinte frase:

- Ficar caladinho.

Eis que a mensagem foi passando, a curiosidade os acalmando e o clima amenizando, e eles pareciam ter realmente ouvido e entendido, até que noto que alguns estudantes faziam uma cara de espanto misturado com dúvida e risos. Logo pensei: o que será que estão ouvindo.

Ao final da roda, o último estudante tinha que dizer a mensagem que foi passada:

- Pronto Isaque, qual era a frase?

Eis que Isaque nos diz com grande empolgação:

- Pegar o ratinho.

Pronto, a frase chata e sem brilho havia se tornado em uma comédia que irradiou a turma. Não tinha quem não estivesse rindo da situação, afinal, era para fazer o que a frase dizia, e com grande alívio pensei, “ainda bem que ninguém se levantou para procurar o ratinho”.

(Ohana Almeida).

Ao final da leitura, vinham reflexões da prática pedagógica, que acometia a todos os professores: tentar manter o controle da turma de crianças do primeiro ciclo após um longo dia de trabalho; pensar em alguma atividade que tomasse os últimos minutos da aula retomando a calma e proporcionando o descanso; surpreender-se com a reação dos alunos ao ouvir a frase no telefone sem fio e, enfim, um final inesperado e divertido para essa trama, em que todos esperavam uma reação diferente dos alunos.

Cada pipoca tinha seu momento de interpretação, dialogo e reflexão. A leitura da pipoca é uma estratégia inicial para que os professores refletissem as suas aulas e compartilhassem suas experiências também. As pipocas traziam tanta reflexão e possíveis interpretações que ficávamos 20, 30 minutos conversando das questões levantadas. Assim ao final, do nosso primeiro encontro, os professores foram despertados a pensar os momentos marcantes, que esses também tinham nas escolas. E como tarefa para um segundo encontro, cada um ficou incumbido de

trazer alguma memória ou documento que havia lhe marcado nas suas vivências pedagógicas.

Apesar de ser final de ano letivo, propomos aos colegas que tivéssemos um segundo encontro no dia 13 de dezembro. Tanto no grupo que se formou pela manhã, quanto no grupo da tarde percebemos uma receptividade muito grande. Boa parte dos professores já conhecia o professor Admir e demonstravam muita admiração pelo trabalho dele e com a forma que ele trazia o conhecimento científico para a nossa realidade escolar. O encontro era mais que uma formação: os professores se sentiam acolhidos, ouvidos e parte do processo.

Foto 22– 1º encontro do coletivo.



1º encontro: retomada do convite para a constituição de um coletivo de professores narradores.

Fonte: a autora.

Por que você vem à formação?

” Depois de quatro longos dias cobertos de ansiedade, insônia e preocupação, chega a 5ª feira. Temos uma lista de 18 inscritos no turno da manhã e 22 no turno da tarde. Admir insiste que como Formadora devo conduzir nosso encontro. Falar para colegas de profissão, para mim, é novidade. Sinto-me recém-formada, no primeiro dia de aula, a frente de uma turma de 3º ano do ensino médio.

Começa nosso encontro e me pergunto o que traz todos esses professores aqui? Não são obrigados a participar desse encontro.

No momento da apresentação individual, percebo, que, em geral, professores são tímidos, tem muita dificuldade em falar de si, engasgados, mal falam o nome e de qual escola veem. A turma é bem heterogênea. Tem gente nova e gente velha, efetivo e contratado, recém-formados e gente quase aposentando.

Em comum, todos buscando qualificação.

Chega a minha vez de me apresentar e falar por que estou aqui. Fiz uma apresentação de slides, afinal, sou a formadora. Entre todas as explicações os professores me questionam sobre o PROEF. “O que é isso?” “Como faço pra entrar?” Queria tanto fazer um mestrado, mas trabalho em dois horários! “Nossa são só 12 vagas!” “Sou professor há 12 anos em escola pública, mas sempre trabalhei por contrato, não tenho chance!”

No intervalo e no final dos encontros, novamente, os professores me perguntam e tiram dúvidas sobre as possibilidades de cursar um mestrado. Eu tinha uma visão estereotipada que professor de Contagem vinha para a formação para rever os colegas, passar o tempo. Feliz surpresa a minha!”

(Aline Borges).

8 AS ENTRÂNCIAS DA FORMAÇÃO DO COLETIVO

Na primeira reunião, que tivemos com Ohana, ela havia nos falado sobre os novos papéis e personagens que estavam surgindo na SEDUC para o ano de 2019. Teríamos uma nova equipe e parecia que novos rumos para a formação continuada seriam traçados. Ohana não sabia o que a nova equipe estava programando, mas não via abertura para diálogo também. Conhecendo alguns nomes da nova gestão, o professor Admir tratou de entrar em contato com Dagmar para tentar uma aproximação, e pedir a ela a garantia do espaço da formação para a continuidade do coletivo de professores de educação física narradores.

Ao que tudo indicava, a nova formação política da SEDUC, já trazia um modelo de formação continuada pronto. Modelo que já havia sido executado em outras redes municipais pelo mesmo grupo de gestores. O mal estar entre as frentes políticas estava instalado. De um lado havia um grupo de professores, conhecedores da rede municipal de Contagem, que já estavam executando um trabalho há mais de 18 meses. De outro lado, tínhamos uma nova gestão disposta a executar um “novo” modelo de formação continuada, que embora tenha tido êxito em outras redes, não se enquadrava com a realidade dos moldes praticados em Contagem.

Admir conseguiu agendar uma reunião com Dagmar para a manhã do dia 10 de dezembro. A ideia era contar a ela a iniciativa da formação do Coletivo, fruto dos encontros de formação Continuada proporcionados pela SEDUC, com a união do meu projeto de pesquisa pensando na possibilidade de consolidar o tempo e espaço desse coletivo na rede de formação continuada de 2019. Fomos nós três para a reunião: Admir com o vínculo entre a UFMG e a Dagmar; Ohana como representante da SEDUC e atual formadora dos professores de educação física; e eu como orientanda e narradora do processo de criação e desenvolvimento do coletivo.

Conseguí negociar junto à direção da minha escola que saísse mais cedo, deixei à escola as 10h00. Recebi uma mensagem do Admir que, dizia que, talvez fôssemos atendidos mais cedo, e então, tentei me apressar no trânsito carregado de manhã de segunda feira. Chegando a SEDUC encontrei com Admir e Ohana já iniciando a conversa. Ohana estava visivelmente abatida, eu ainda não sabia o

porquê, e Admir colocava o assunto em dia com Dagmar, falavam sobre os rumos que suas vidas tomaram depois que passaram pela SMED-BH.

Quando cheguei e sentei, Admir me apresentou e logo começou a tratar do assunto, o qual nos levou até ela. Ele situou Dagmar sobre o PROEF e sua situação como professor do núcleo de Educação Física da UFMG, falou da minha condição de mestranda e as possibilidades de pesquisa, e falou, também a respeito da sua participação, a convite da Ohana, no seminário de formação de educação física da rede. Em seguida contou sobre o convite, que havia feito aos professores de Contagem, o andamento do primeiro encontro e os planos para o segundo encontro do grupo que já estava agendado para 13 de dezembro.

Eu observava, em silêncio, as expressões dos três tentando não demonstrar a explosão de ansiedade e nervosismo que me corroíam. Dagmar com um semblante sempre sério e pouco expressivo, com as mãos apoiadas sobre a mesa redonda, fazia pouquíssimos e delicados gestos com a cabeça demonstrando que estava entendendo todo o processo exposto. Ohana se mostrava atenta e interessada no desenvolvimento da conversa, interviu algumas vezes para esclarecer fatos do andamento da formação de 2018, quase não se movimentava também, porém, expressava preocupação e tristeza no olhar. Admir falava com muita calma, gesticulando com as mãos e buscava articular as palavras, parecia até que sabia o que Dagmar gostava de ouvir e estava certo que sairíamos contemplados daquela reunião.

Por fim, após todas as contextualizações, Admir perguntou a Dagmar: havia alguma possibilidade, dentro do que ela estava pensando para a formação continuada de 2019, de garantir o tempo e espaço das quintas feiras para os professores de educação física continuar se encontrando?

Mantendo a mesma expressão facial, e com as mãos ainda apoiadas sobre a mesa, ela respondeu que sim! Comentou superficialmente que a formação para 2019 não seguiria o mesmo modelo de 2018, mas que iria assegurar o tempo pedagógico dos professores de educação física na quinta-feira. Pediu, ainda, que elaborássemos um cronograma com a previsão dos encontros de 2019, e um pequeno texto, que apresentasse a proposta do Coletivo. Essas informações seriam a descrição de uma proposta de formação continuada para os professores de educação física de Contagem em 2019, a qual o professor Admir e a UFMG seriam

os responsáveis pela oferta do curso em parceria com a SEDUC. Encerramos a reunião com a tarefa de enviá-la esse material dentro de no máximo sete dias.

Saímos do 3º andar da SEDUC, e entramos no elevador em silêncio, parecia que nos três estávamos surpresos com o resultado na reunião. Saindo do prédio, começamos a conversar, e era notória nossa satisfação com a certeza da continuidade dos encontros do coletivo. Estávamos ainda intrigados com o novo formato de formação continuada, que seria proposto, e em meio a estes questionamentos e suposições, Ohana, contou- nos, que a pouco menos de 2 horas atrás ela e outros professores formadores haviam sido convocados para uma reunião, na qual foram todos demitidos, devendo retornar para a escola, onde eram lotados nos próximos dias. Assim, sem explicações, sem analisar nenhuma etapa de todo trabalho que havia sido feito desde o início da formação continuada em Contagem, sem ouvir a opinião dos professores participantes do processo, sem considerar as experiências vividas, os dados levantados... Os professores formadores voltariam a suas funções nas escolas e uma nova equipe se responsabilizaria por dar continuidade à formação continuada da rede.

Essa era a razão da tristeza que Ohana não conseguiu camuflar desde o momento que a vi quando entrei na sala no início da reunião. Um filme de todos os nossos encontros passou pela minha cabeça, principalmente, tudo que vivemos em 2018. O processo de construção curricular, as múltiplas oficinas do nosso conteúdo, os inúmeros momentos de discussão entre os pares, conhecer os colegas de área da rede e compartilhar nossas experiências, os inúmeros debates que falavam de política, metodologias de ensino, avaliação... acabou. Ohana, ficou 18 meses à frente dos professores de Educação Física de Contagem, planejando cada minuto dos encontros de formação. Além, de ser responsável pela formação continuada, Ohana, também era assessora em várias escolas e conhecia a demanda dos professores e trabalhadores da rede de Contagem. Parecia-me absurdo, loucura, nem ao menos ouvi-la para traçar novos rumos para a educação de Contagem.

Retornei para casa feliz por saber que iríamos tentar construir um Coletivo dentro do espaço de formação, porém, ao mesmo tempo chateada.

9 2º ENCONTRO DO COLETIVO: PROFESSORES ACUMULADORES

Na terça feira, véspera do nosso segundo encontro, encontrei-me com o professor Admir para planejarmos a dinâmica para o Coletivo. Já havíamos avisado aos professores que deveriam levar algum arquivo, documento, registro ou qualquer coisa que os fizessem lembrar-se de algum momento, aula ou conteúdo marcante que tivessem vivenciado em algum momento da carreira docente. Ohana se encarregou de enviar um e-mail aos professores inscritos no encontro para lembrá-los do “para casa”. Nossa ideia era criar uma dinâmica de fala, escuta, interpretação e escrita entre os professores, um primeiro incentivo rumo a produção de narrativas.

Tomamos como referência para esses processos guiados ou documentação narrativa autorregulada, as contribuições de Suárez (2012). Com a dinâmica em pequenos grupos os professores iriam contar suas histórias e ouvir outras e durante a escuta e a fala investigar reflexivamente os mundos escolares, recriar seus conhecimentos, problematizar suas experiências, visar transformar suas práticas e projetá-los para outros horizontes.

Ao estimular processos entre professores, escrita pedagógica, leitura, conversação, reflexão e interpretação em torno das histórias de suas próprias experiências pedagógicas, eles esperam não apenas coletar, legitimar e difundir documentos que não sejam os habituais, mas também possibilitar experiências treinamento horizontal entre pares e, assim, contribuir para a melhoria e transformação democrática das práticas pedagógicas da escola. (SUÁREZ, 2012 p.15)

Em um primeiro momento os professores se agrupariam em trios, e em rodadas de 5 minutos, cada um passaria pela função de narrador, escriba e interlocutor: cada um narraria o fato marcante do qual trouxe o registro; escreveria as interpretações de uma narrativa; ouviria e questionaria, como um interlocutor, uma outra narrativa.

Figura 5- Esquema da dinâmica.



Dinâmica das tríades onde participantes alternam funções de narrador, interlocutor e escriba.
Fonte: autora.

Ao final da dinâmica faríamos um diálogo expondo quais as nossas percepções de ter passado por cada função no trio. No segundo momento do encontro, faríamos uma grande exposição dos materiais trazidos pelos professores, e cada um falaria o motivo da escolha da recordação trazida.

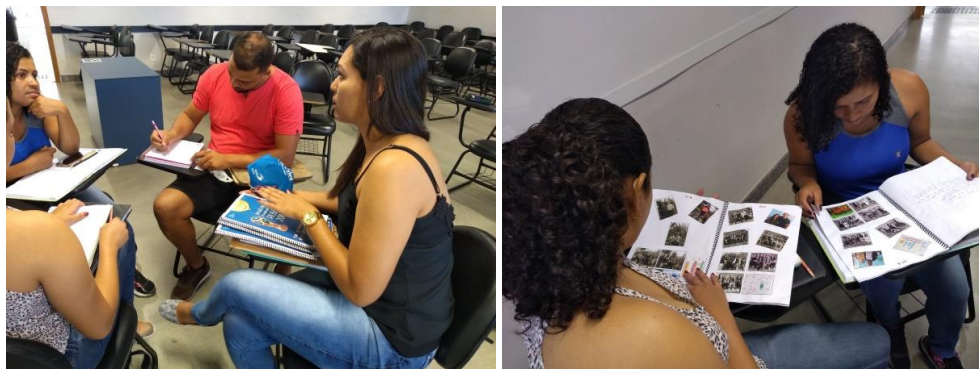
Eis, que, chega a quinta feira. Pela listagem de inscritos teríamos um número um pouco menor de participantes em relação ao primeiro encontro. Alguns professores justificaram a ausência, pois estavam atarefados com as demandas de fim de ano nas escolas (lançamento de notas, diários, relatórios e muita papelada para ser preenchida).

Os professores vão chegando. Três pessoas me chamam atenção. Os professores responsáveis pela formação de Artes, Geografia e Português vieram participar do nosso encontro para tentar entender um pouco da dinâmica do nosso coletivo. Ninguém chegou de mão vazia. Traziam pastas, cadernos, álbuns, cartazes, livros, muita “sucata”, *ecobags* e caixas cheias. Eu, curiosa, queria mexer em tudo, mas “vamos seguir o nosso cronograma”.

Expliquei como seria o movimento das Tríades. Em seguida, dividimos os grupos e iniciamos a dinâmica. Meus parceiros eram a professora Thais e o professor João. Na nossa primeira rodada, eu fui a escriba, e fiz uma pequena síntese do relato da Thais. Na segunda rodada, eu fui a interlocutora e dialoguei com o relato do João. Na terceira rodada, eu fui a narradora e relatei um projeto de

ensino de futebol, que tínhamos feito na escola Albertina, que culminou em um álbum de figurinhas similar ao da Copa do Mundo, porém com figurinhas dos alunos e funcionários da escola.

Foto 22 – Professores em dinâmica.



Professores alternam a experiência de escriba, ouvinte/interlocutor e narrador.
Fonte: a autora.

Foto 23 – Professores em dinâmica.



Professores alternam a experiência de escriba, ouvinte/interlocutor e narrador
Fonte: a autora.

Foto 24- Professores alternam a experiência de escriba, ouvinte/interlocutor e narrador.

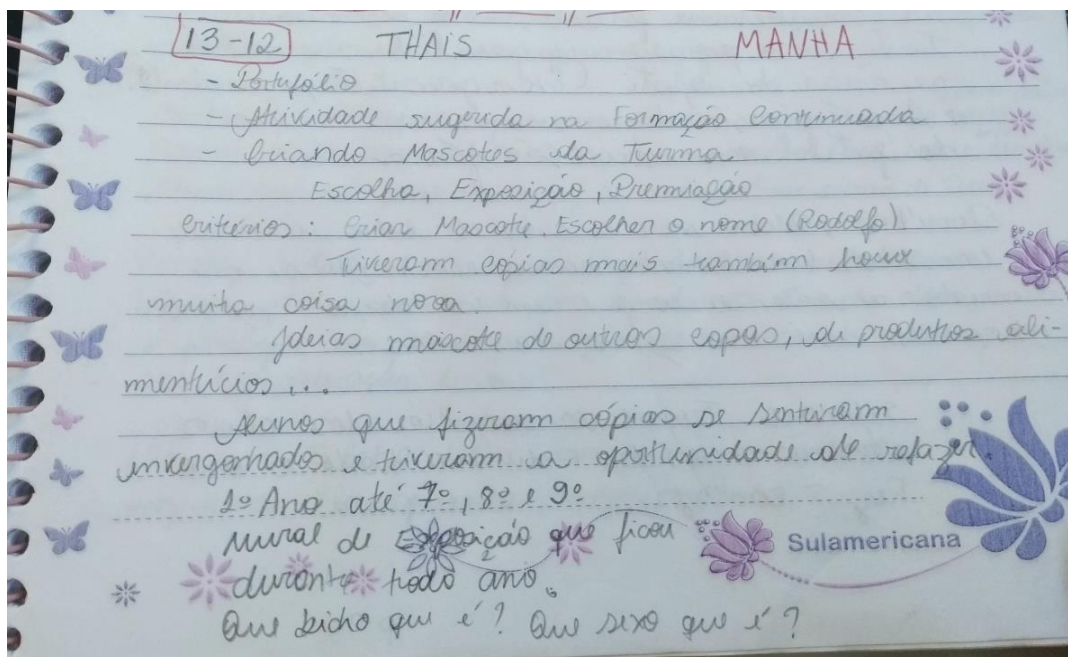


Fonte: a autora.

Vários trios se estenderam, extrapolaram o tempo, se emocionaram com as narrativas. Ainda nos trios, trocamos as nossas escritas, o que causou grande surpresa para cada um que lia o que havia sido escrito sobre o seu relato. Partimos, então, para uma roda de conversa, em que iríamos discutir as percepções da dinâmica.

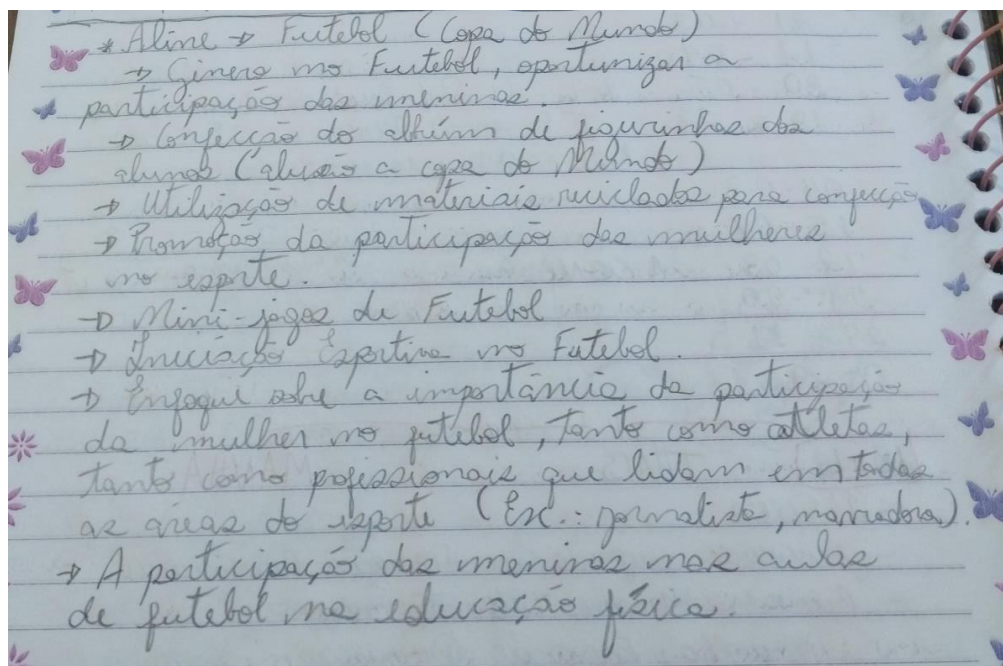
Como narradores, chegamos ao consenso do quanto é difícil sistematizar e ser fiel a cronologia dos acontecimentos. Ao narrar nossas experiências transbordamos sentimentos, e muitas vezes, fica difícil segurar a emoção. Como interlocutores, percebemos que nem sempre a nossa dúvida aparece no momento em que o narrador quer dar ênfase. Ficamos questionando o método, o percurso, e o narrador estava aflito por contar seus resultados. Finalmente, no papel de escribas, percebemos que tínhamos muita dificuldade com o registro escrito. Ninguém conseguiu transcrever o relato narrado pelo colega com a devida intensidade de sentimentos e emoções. Nossos relatos de projetos que levaram meses de execução, pesquisa, alegrias e tristezas eram transcritos em no máximo 15 linhas.

Foto 25- Foto dos registros do “escriba”.



Meus registros sobre o projeto Copa do Mundo da professora Thais e criação do mascote- Professores alternam a experiência de escriba, ouvinte/interlocutor e narrador te Rodolfo. Fonte|: a autora.

Foto 26- Foto dos registros do “escriba”.



Registros do “escriba” João Paulo sobre o meu relato sobre o projeto de ensino de futebol e álbum de figurinhas.
Fonte: a autora.

Após o intervalo fizemos uma grande roda com todos, o material que havíamos trazido expostos ao centro, no chão. Assim cada um pôde relatar, agora para todo o coletivo de professores, o que significava o seu registro. Tínhamos vários portfólios, cartazes, sacolas ecológicas e caixas cheias de registros. Registros que de certa forma marcaram a vida docente dos professores do coletivo.

Ao contar suas histórias de ensino, os autores dos professores descobrem significados pedagógicos parcialmente ocultos ou ignorados, questões pedagógicas ainda não nomeadas ou nomeadas de maneiras inadequadas. E quando conseguem se posicionar como "arqueólogos" ou "antropólogos" de sua própria prática, quando conseguem distanciar-se dele para torná-lo um objeto de pensamento, podem documentar alguns de seus aspectos e dimensões "não documentados", percebem o que sabem e entendem, e o que eles não sabem ou não podem nomear. (SUAREZ 2012, P.16).

Iniciamos a rodada com a professora Silmara, contratada da rede, e que vivia um ano cheio de projetos bem sucedidos na escola. Ela conseguia se relacionar muito bem com sua diretora, que a apoiou em vários projetos de ensino. No final do ano Silmara fez uma atividade para que seus alunos registrassem com desenhos as experiências vividas nas aulas de educação física durante o ano de 2018.

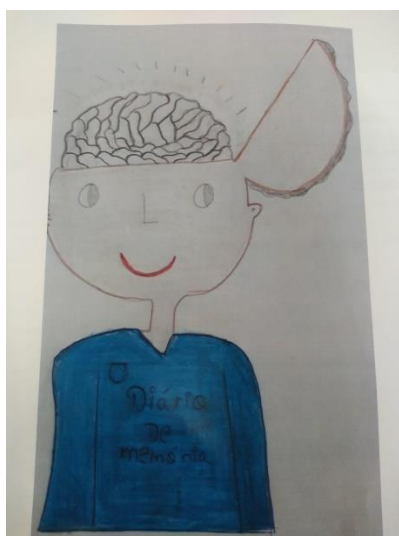
Foto 27 - Professores e seus registros.



Silmara apresenta registros produzidos pelos alunos que ilustram aulas com pipas.
Fonte: autora.

Em seguida, a professora Gisele trouxe um relato emocionante. Ela construiu com os alunos um portfólio durante o ano. A cada fim de conteúdo, os alunos registravam as aulas com desenhos no portfólio. No início do ano, Gisele perdeu um aluno, Alex, com câncer, e no fim do ano, a equipe da escola foi informada que a irmã de Alex também estava com leucemia, e por isso havia parado de frequentar a escola. Entre todos os portfólios, que Gisele trazia, o de Alex e sua irmã, mesmo inacabados, despertaram nossas emoções.

Foto 28 -Professores e seus registros.



Vinicius e Gisele apresentaram registros que futuramente foram tema de suas pipocas pedagógicas.
Fonte: a autora.

O professor Vinicius trouxe seu próprio caderno de relatos e nos mostrou as anotações, que tem o hábito de fazer diariamente. Uma das anotações era o relato de um dia em que ele chamou a atenção de uma aluna que era bastante ativa e agressiva. A aluna sempre resolvia os problemas nas aulas com agressividade, distribuindo socos e chutes. Um belo dia, Vinicius disse a ela que, ela estava se comportando “como um menino”. No desenrolar da história rimos muito do *causo*, mas no dia Vinicius foi ameaçado e por pouco não foi agredido pelo pai da garota.

A professora Paola, assim como Vinicius, também trouxe seu caderno de campo. Ela tem o hábito diário de escrever a respeito das suas aulas. Faz desde pequenos lembretes a grandes narrativas dos acontecimentos do dia a dia. Seus caderninhos de campo e a caneta (sempre atrás da orelha) são acessórios indispensáveis.

O professor Walber, o dono de 2 *ecobags*, tem o habito de criar jogos com os alunos. Ele não só inventa novas brincadeiras como tem o habito de fazer todo o designer das figuras e personagens que compõem os jogos. Ele cria tabuleiros, peças de jogos, representação visual para os personagens, e tudo mais que podemos imaginar. O material que ele produz vai muito além de brinquedos com material reciclado. Ele investe recursos próprios para criar seu material, além de

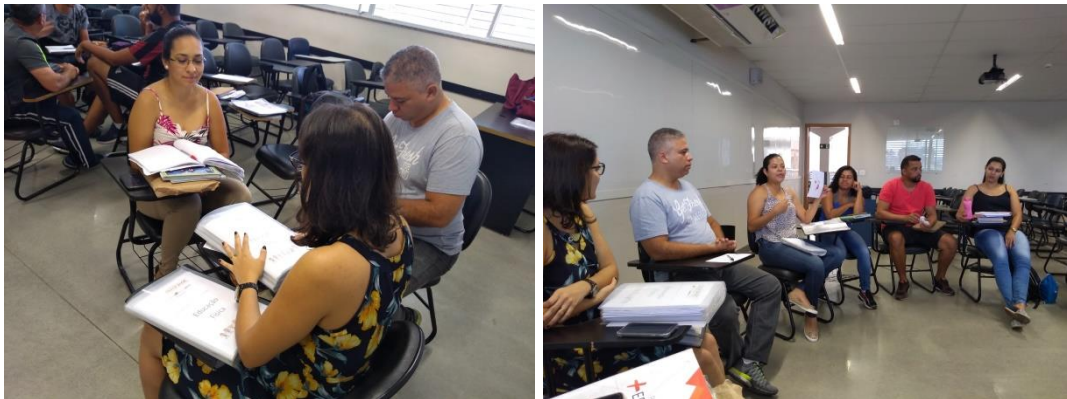
contar com muito incentivo da direção da escola. Ele apresentou para nós uma queimada, que criou com os alunos baseado no conteúdo de qualidade de vida.

A professora Angelina trouxe para nós dois registros divertidíssimos. No primeiro, ela conta da sua estratégia de negociar 5 minutos livres da sua aula desde que os alunos fizessem todas as atividades que ela havia planejado. No segundo relato, ela conta da quebra de paradigmas religiosos que vivenciou trabalhando em uma escola que fica na Comunidade dos Arturos¹².

A professora Ohana trouxe para o encontro cerca de 3 pastas cheias de registros da formação continuada. Tudo o que ela estudou para montar as oficinas dos encontros, as listas de chamada, fotos, relatos de professores...ela guarda absolutamente tudo. Ela também mostrou uma pasta só com o material, que ela havia usado para a oficina de circo, pois ela também não havia conhecimento prático e teórico para lhe dar com o tema.

¹² A comunidade oferece um retrato da identidade cultural e das tradições dos negros africanos trazidos para o Brasil no período escravagista, bem como da miscigenação com a cultura portuguesa, que deu origem a um sincretismo que ora se comemora isoladamente, ora em companhia das comunidades que vivem a seu redor. Entre as celebrações dos Arturos, destacam-se o Batuque (reconhecido como forma de expressão artística pelo Ministério da Cultura, que nomeou Dona Conceição Natalícia como mestre no batuque), a festa da capina denominada "João do Mato", a folia de Reis, a Festa da Abolição da Escravatura e, principalmente, o Reinaldo de Nossa Senhora do Rosário, festa popularmente conhecida como Congado. Eles também formam o grupo artístico Arturos Filhos de Zambi (deus dos negros da nação banto) que trabalha percussão, dança afro e teatro em torno da história dos negros. Considerado um dos mais originais do Brasil, constitui grande e importante patrimônio histórico e cultural de Contagem.

Foto 29 – Professores e seus registros.



Professores falam sobre seus registros em grupos pequenos e para todo o grupo.
Fonte: a autora.

A professora Thais trouxe o mascote Rodolfo. Criado por um de seus alunos do 2º ano, após um longo projeto de “Copa do Mundo,” que envolvia jogos de futebol, desfile de abertura, criação de bandeira, grito de guerra e mascote. Rodolfo tem traços de uma gata e usa roupas femininas, porém, quando o criador foi questionado sobre o sexo do Rodolfo ele respondeu: “Pode ser o que você quiser professora”.

O professor Matheus também trouxe registros das aulas educação física feitos pelos alunos. Ele nos contou sobre a experiência que teve com o jogo “Just Dance” e os embates religiosos nas turmas de 1º ano. O “Just dance” foi uma prática que vivenciamos na oficina de jogos eletrônicos em um dos encontros da formação continuada.

Foto 30- Registros de aula do professor Matheus.



Registro da aula de Just dance produzido pelos alunos do professor Matheus.
Fonte: a autora.

A professora Renata apresentou seu portfólio que foi criado com os alunos contendo textos, questionários e desenhos. Durante todo o ano de 2018, Renata, professora contratada da rede, se orientou nos parâmetros curriculares de Contagem. Sofreu, e sempre trouxe para as formações relatos da condição de ser professora de educação física contratada em uma escola que não reconhece a legitimidade da disciplina.

A professora Patrícia trouxe fotos da apresentação final de Ginástica Artística que produziu na escola junto com o professor Jean. Os dois trabalharam juntos em 2018. Patrícia está prestes a aposentar em Contagem, mas demonstra muita motivação, e afirma que irá continuar trabalhando. Jean é professor contratado e recém-formado. Os dois juntos contaram das dificuldades e alegrias de planejar e executar projetos com os pares na escola.

O professor Carlos nos relatou um projeto de Jogos, Brinquedos e Brincadeiras, que desenvolveu em sua escola. Dentre as várias reflexões trazidas, ressaltamos a dificuldade que as crianças do século XXI têm em conhecer e vivenciar brincadeiras antigas.

Ao fim da nossa rodada de conversa e apresentações, Admir, reforçou nosso propósito do encontro: queríamos formar um Coletivo de Professores de Educação Física narradores de seus saberes e fazeres. Aprofundando um pouco

mais o que seria a escrita narrativa, e as “pipocas pedagógicas” deixamos um para-casa para o Coletivo; tentar produzir uma Pipoca Pedagógica para fevereiro de 2019, contando sobre alguma experiência docente de 2018.

Sugerimos que os professores escrevessem o que eles haviam relatado no encontro. Após a dinâmica da Tríade, o próximo passo seria que cada um produzisse sua própria narrativa. O primeiro passo já havia sido dado. Os professores conseguiam verbalizar suas práticas. Estávamos sensibilizados por toda a dinâmica do encontro e certos que tínhamos que dar visibilidade ao trabalho dos professores de educação física de Contagem. Visibilidade essa, que, imaginávamos ter um alcance um pouco maior do que aos integrantes do coletivo. Pela narrativa das experiências pedagógicas, visávamos publicar um livro produzido pelos professores de educação física de Contagem. Um livro de pipocas pedagógicas para “disponibilizar ao público, enfatizar e criticar os sentidos, entendimentos e interpretações pedagógicas que os professores constroem, reconstroem e negociam quando escrevem, leem, refletem e conversam entre colegas sobre suas próprias práticas educacionais” (SUÁREZ, 2012, P.13).

Fiquei encarregada de criar e compartilhar com o Coletivo uma pasta no *DRIVE* para que todos pudessem postar e ler as pipocas que seriam escritas. Também criei um grupo de *WhatsApp* para o Coletivo, para podermos conversar dos próximos encontros, e os rumos que, seriam traçados para a formação continuada dos professores de educação física de Contagem em 2019.

Fim do 2º encontro do Coletivo de 2018. Suspiro de alívio. Já estamos com quase tudo encaminhado para dar continuidade com os encontros do Coletivo no espaço da formação continuada em 2019. Volto para casa com a tarefa de produzir uma pipoca, e narrar toda a trajetória que nos trouxe até aqui. Começar o meu memorial de formação, trabalhar na minha dissertação.

10 ENFIM, FÉRIAS!

Fim de ano letivo, faltam poucos dias para as férias. Já em clima de descanso, fico me questionando, se os professores vão mesmo escrever. Será que eles entenderam a ideia do Coletivo?

Em reunião de orientação com Admir, ficamos pensando e vislumbrando possibilidades das dinâmicas dos encontros de 2019. Montamos uma proposta de calendário, ações e uma pequena ementa sobre o Coletivo, como Dagmar havia solicitado. Pensamos que se os professores, realmente, se envolvessem com a nossa ideia, poderíamos publicar um livro para fazer circular nosso conhecimento produzido no chão da escola. Decidimos, também, que manteríamos a dinâmica de dar visibilidade para a prática pedagógica dos professores e professoras com os relatos de experiência, assim como Ohana havia realizado. Abaixo apresento o texto que foi elaborado para a SEDUC.

Figura 5- Coletivo de Professores (as) de Educação Física Narradores(as) de Seus Saberes e Fazeres.



Fonte: Google Imagens.

“O Coletivo de Professores(as) de Educação Física Narradores(as) de Seus Saberes e Fazeres, se constituiu a partir de um convite do Professor Admir Soares de Almeida Junior aos professores da rede pública de Contagem, participantes da formação continuada oferecida pela Seduc, para que estes narrem suas experiências docentes, e escrevam suas aulas como forma de refletir e fazer circular um conjunto de saberes produzidos na prática pedagógica.

A Escola está repleta de histórias. A infinidade de projetos e conteúdos desenvolvidos, no interior das escolas, está atrelada ao afeto, à troca de

sentimentos, significados e valores, com o passado, presente e futuro dos personagens (professores/as e estudantes) que constroem o cotidiano escolar. Assim, acreditamos que a constituição de um “Coletivo de Professores(as) de Educação Física Narradores(as)”, voltado ao desafio de narrar experiências de ensino e aprendizagem vividas no dia a dia, pode se configurar como um espaço/tempo privilegiado para o diálogo coletivo onde se discuta e se busque novas possibilidades para a prática pedagógica em Educação Física.”

Quadro 1-Proposta de cronograma 2019.

21-02-19	Primeiro Encontro do Ano. Socialização da narrativa pedagógica elaborada a partir da prática pedagógica do ano de 2018.
21-03-19	Relatos de Prática. Elaboração de Narrativas.
11-04-19	Relatos de Prática. Elaboração de Narrativas.
30-05-19	Visita do Professor Guilherme de Val Toledo Prado (UNICAMP). Apresentação e discussão das narrativas já elaboradas.
19 à 22-06-19	Participação do Coletivo com apresentação de trabalhos no II Encontro Pensando a Educação Física Escolar (BH)- “Práticas de Ensino e aprendizagem na Educação Física Escolar.”
04-07-19	Elaboração de Narrativas. Definição do Esboço do Primeiro Volume do Livro de Narrativas Docentes.
18-08-19	Relatos de Prática. Elaboração de Narrativas.
15 à 20-09-19	Participação do Coletivo com apresentação de trabalhos e lançamento do Primeiro Volume do Livro de Narrativas Docentes no XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) e VIII Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE) – UFRN/Natal/RN. Tema do Evento: “O que pode o corpo no contexto atual? Controle/regulação e perda de direitos como desafios da Educação Física e Ciências do esporte.”
24-10-19	Relatos de Prática. Elaboração de Narrativas.
28-11-19	Relatos de Prática. Elaboração de Narrativas. Definição do Esboço do Segundo Volume do Livro de Narrativas Docentes.

11 2019 ANO DE TRANSFORMAÇÃO

Fim de férias de janeiro, professores ansiosos com a volta as aulas, em dezembro, cada escola já havia determinado seu calendário letivo com início das aulas no dia 2 de fevereiro. Inesperadamente, a Prefeitura de Contagem solta um decreto determinando que todas as escolas só iniciem as aulas as vésperas do Carnaval, 15 dias depois, com a justificativa de igualar o calendário letivo da rede estadual.

Eu estava descansando da escola, porém não tirei férias do SESI. Entre os atendimentos na indústria e os finais de semana de plantão de clube tirava tempo para visitar parentes e amigos. Em uma dessas visitas, fui rever a pequena Lara, já estava com quase três meses. Frequentemente conversava com Poliana da rotina, os prazeres e temores da maternidade.

Com o início do ano letivo, tive o prazer de conhecer Nayara, minha nova colega de trabalho que viria a substituir a Poliana durante a licença maternidade. Conversamos sobre a escola, materialidades, espaço físico, alunos e projetos da escola e formação continuada. Já na primeira semana de aula, planejamos dar continuidade ao planejamento, que fazia junto com Poliana e organizar o “Jogos de Integração” para o primeiro trimestre.

Na semana seguinte, já teríamos o primeiro encontro do Coletivo de Professores de Educação Física Narradores de 2019, que estava inserido na rede de formação continuada de Contagem. Eu e Admir planejamos como seriam as ações de retomada com os colegas nos preparando para possíveis surpresas, visto que a secretária de educação havia aberto 40 vagas para cada turno.

Foto 31- Caderno de Formação.



Foto da capa do caderno de formação.
Fonte: a autora.

Foto 32- Caderno de Formação.

Sumário	
1. EDUCAÇÃO INFANTIL	11
1.1 APRESENTAÇÃO.....	11
1.2 TEMAS.....	11
1.3 EMENTAS.....	12
2. ENSINO FUNDAMENTAL	19
2.1 APRESENTAÇÃO.....	19
2.2 TEMAS.....	20
2.3 EMENTAS.....	20
3. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	31
3.1 APRESENTAÇÃO.....	31
3.2 TEMAS.....	31
3.3 EMENTAS.....	32
4. EDUCAÇÃO INTEGRAL	43
4.1 APRESENTAÇÃO.....	43
4.2 TEMAS.....	43
4.3 EMENTAS.....	43
5. PROFESSORES DO AEE PROFISSIONAIS DE APOIO À INCLUSÃO	49
5.1 APRESENTAÇÃO.....	49
5.2 TEMAS.....	49
5.3 EMENTAS.....	50
6. PEDAGOGOS DO ENSINO FUNDAMENTAL (1º AO 9º ANO)	57
6.1 APRESENTAÇÃO.....	57
6.2 TEMAS.....	57
6.3 EMENTAS.....	58
Curso de Formação dos Dirigentes ESPAÇO ESCOLAR: GESTÃO DE PESSOAS E PROCESSOS	
1. SEMINÁRIOS COM A SECRETÁRIA	65
2. REUNIÕES DE AVALIAÇÃO DA GESTÃO	65
3. REDE DE FORMAÇÃO DIRETORES	66
4. ORGANIZAÇÃO DAS FORMAÇÕES	66
4.1 TEMAS.....	66
4.2 HORÁRIO.....	67
4.3 TEMAS/EMENTAS.....	67
4.4 CRONOGRAMA.....	72
4.5 TURMAS.....	74

Foto do sumário do caderno de formação.
Fonte: a autora.

Foto 33- Caderno de Formação.

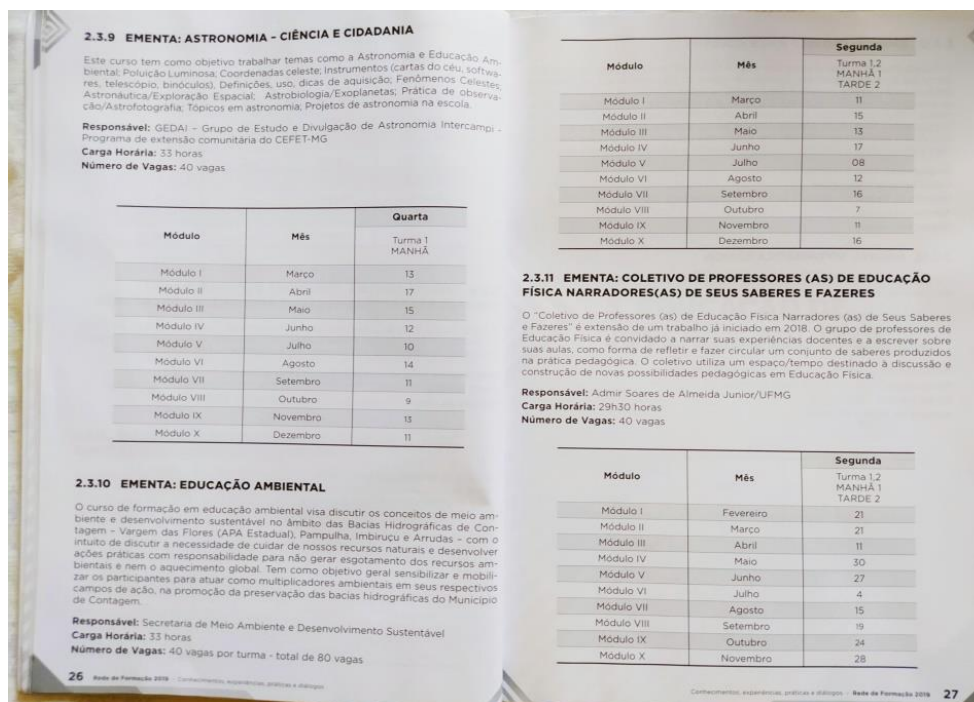


Foto da página onde se encontra a ementa da formação continuada “Coletivo de professores (as) de educação física narradores (as) de seus saberes e fazeres.
Fonte: a autora.

Para 2019 a SEDUC, havia pensado um novo modelo de formação continuada para os servidores da educação. Foi entregue aos servidores um catálogo com todas as propostas de cursos que seriam ofertadas, com suas respectivas cargas horárias e ementas. Ao invés do modelo adotado anteriormente, em que os cursos por interesses em pequenos módulos. Entre todas as opções do “cardápio” de cursos estava o Coletivo de Narradores, sua ementa, a proposta de 10 módulos e 40 vagas. Por um *link* os servidores se inscreveriam para o curso que quisessem, e se esse não coincidissem com o dia de planejamento do servidor, a escola teria que se organizar internamente para que o servidor pudesse realizar a formação.

Em uma reunião, as vésperas do primeiro encontro do coletivo, eu e Admir, definimos uma pauta. Iríamos retomar os andamentos de 2018, desde o convite para a constituição do coletivo, até a criação do espaço na *DRIVE* para arquivar e disponibilizar as narrativas escritas pelos integrantes. Admir faria uma breve explicação sobre narrativas pedagógicas, pipocas pedagógicas e faríamos a leitura e interpretação de pipocas que já haviam sido escritas pelos integrantes do

coletivo no período das férias. Buscamos também incentivar a escrita de novas pipocas, a participação dos colegas com relatos de experiência para os próximos encontros e a utilização dos aparatos tecnológicos, que contávamos para aproximar nossas relações (grupo de *whats app* e *Drive*).

O encontro do coletivo foi a primeira formação da Rede de Formação a se iniciar. Para a nossa surpresa tivemos dois encontros bem cheios, turno da manhã e turno da tarde. Além dos colegas que mantivemos contato por um grupo de *WhatsApp*, tínhamos novos colegas professores de Educação Física, que se inscreveram no intuito de participar de uma formação continuada específica para professores de educação física. Recebemos, também, a visita de algumas figuras da SEDUC, entre elas, Cristiane, que em uma rápida conversa nos solicitou que abrissemos mais vagas para a formação. E, Admir, rapidamente, informou que não seria viável, visto as dinâmicas do coletivo. Posteriormente, Cristiane registrou o momento com uma foto, que no dia seguinte já estava na página da prefeitura de Contagem.

No ano de 2018, os encontros de formação continuada aconteciam mensalmente, a cada quinta feira com o grupo de professores de educação física de uma regional de Contagem diferente, visto que o espaço destinado aos encontros de formação não comporta mais de 60 pessoas. Para o modelo de formação que foi pensado para 2019, certamente mais da metade dos professores que participavam da formação no ano anterior não conseguiriam vaga nos cursos específicos de educação física, e por isso Cristiane estava tão preocupada para que abrissemos mais vagas para o Coletivo.

Figura 6- Print do site da prefeitura de Contagem.



Matéria publicada no site da prefeitura de Contagem divulgando o início das formações.
Fonte: disponível em: <<http://www.contagem.mg.gov.br/estudacontagem/seduc-da-inicio-a-nova-rede-de-formacao/>> acesso em 22/06/2019 às 18h.

Ao fim do primeiro encontro, em que retomamos conceitos da importância das trocas de experiência, as produções das narrativas (pipocas pedagógicas), e fizemos a leitura e interpretação de algumas pipocas, que já haviam sido produzidas por colegas do coletivo, conversei com alguns colegas que me ajudaram com algumas impressões acerca da constituição do coletivo e da formação continuada. Paola, professora antiga de rede e ativa nos assuntos que dizem respeito a categoria de professores, já consciente que estávamos constituindo um coletivo e não seguiríamos um modelo clássico de formação continuada, me atentou a respeito do quantitativo de professores de educação física na rede e sua relação com a quantidade de vagas oferecidas nas formações. Para o Coletivo de Professores Narradores foram oferecidas 20 vagas para cada turno e posteriormente aumentamos para 30. Não permitimos um número maior, pois a dinâmica dos encontros com leitura e interpretação de pipocas, relatos e trocas de experiência pelos professores seria comprometida.

Nos encontros, que se sucederam, deixamos bem delimitada a proposta de organização dos nossos encontros: um primeiro momento com relatos de experiência trazidos pelos próprios professores do grupo, e em um segundo momento dinâmicas para incentivar a produção de narrativas.

Tínhamos duas turmas bem distintas. No turno da manhã, o grupo era um pouco menor, cerca de quinze integrantes, bem consolidado e o qual eu tinha mais familiaridade, pois participava das reuniões de formação continuada no turno da manhã. A maioria de professores eram efetivos, poucos professores contratados, e um colega que já não trabalhava mais na rede de Contagem, mas pediu para participar dos nossos encontros como ouvinte. Alguns dos colegas tinham o hábito de produzir narrativas, pois já haviam sido alunos de graduação do professor Admir, e, portanto, tinham familiarização com as Pipocas Pedagógicas.

No turno da tarde, contávamos com quase trinta integrantes. Cerca de quinze professores, entre efetivos e contratados, também já conheciam o Admir e sua trajetória docente e estavam engajados na constituição do coletivo. Outra parte do grupo ainda estava um pouco deslocado. Tínhamos professores que se inscreveram para participar da formação com o intuito de ganhar horas de certificação, esperavam um formato clássico de formação continuada, acreditavam que estávamos ali (eu e Admir), como ministrantes do curso, alçados à condição de produtores do conhecimento, e do outro lado os professores e professoras receberiam o conhecimento com a tarefa de aplicá-los.

Outra coisa me deixava muito aflita nos encontros do grupo da tarde: durante os relatos de experiência dos colegas, e por vários minutos após os relatos, nossas reflexões sempre se desvirtuavam para as lamentações. Havia uma parte do grupo que parecia se sentir incomodado com os relatos dos colegas e logo começavam a ver empecilhos nas práticas. Queixavam-se da escassez de material nas escolas, o espaço físico inadequado, a autoridade da direção escolar, que impunha o currículo da educação física, o desinteresse dos alunos e outros vários fatores que são encarados por todos os professores de educação física do Brasil.

González (2018) fez uma pesquisa mapeando os tipos de atuação docentes presentes nas escolas: práticas caracterizadas pelo abandono do trabalho docente (ou desinvestimento pedagógico), as práticas tradicionais e as práticas inovadoras.

As práticas tradicionais são entendidas como forma de trabalho que tem como centralidade o ensino do esporte na perspectiva do rendimento, do desenvolvimento da aptidão física e da saúde orgânica. As práticas inovadoras são caracterizadas por atuações docentes, que se empenham em ensinar conteúdos

específicos da disciplina, junto com rupturas em um ou mais elementos em relação a tradição, em direção a uma educação física pautada pelos parâmetros de um componente curricular. É nesse local, de professor inovador, que vejo muitos dos meus colegas do coletivo, trazendo relatos do dia a dia, do chão da escola, superando todas as limitações e dificuldades da educação pública do Brasil. Em terceiro lugar, vem a prática do desinvestimento pedagógico, em que o professor não demonstra ter grandes pretensões com suas aulas; a falta de empenho reduz a ação do professor em administrar o material didático sem qualquer pretensão de ensino.

Ainda dialogando com o trabalho de González 2018, ele parte que o pressuposto para a origem dessas atuações docentes é heterogêneo. Ele sugere que, tanto as práticas inovadoras, quanto o abandono do trabalho docente “não pode ser entendido como uma dimensão exclusivamente individual, e sim produto de uma complexa configuração de elementos micro e macrosociais, sincrônicos e diacrônicos entrelaçados e forma singular”. Por fim, o autor faz uma síntese compreensiva de quatro dimensões que concorrem para originar e impedir, estimular e inibir processos de abandono de trabalho docente e práticas pedagógicas inovadoras de professor de educação física: o processo de transformação da área; as condições objetivas de trabalho; a cultura escolar e sua relação com a disciplina e as disposições sociais do professor atualizadas no contexto de trabalho.

O Coletivo de Professores de educação física Narradores, mesmo não tendo sido objeto de pesquisa de Fernando Jaime González representa com clareza os dados dessa investigação realizada pelo autor. Um coletivo, o qual os professores trabalham em uma mesma rede de ensino, seguindo o mesmo parâmetro curricular e com situações semelhantes de espaço físico e material, ou seja, todos atuam com condições semelhantes das quatro dimensões propostas por Gonzáles como pontos de compreensão para a forma de atuação docente do professor, e alguns professores conseguem ter uma atuação docente inovadora, enquanto, outros, acabam caindo no desinvestimento.

Os anos mudam, mas as escolas...

“Início de ano de letivo, é meu 3º ano seguido na mesma escola. Após um café da manhã reforçado, rever os antigos professores colegas de trabalho, conhecer os novos contratados que estão chegando, vamos iniciar nosso primeiro dia escolar. Desta vez devemos aproveitar nossas poucas e valiosas horas de reunião pedagógica para discutir adaptações curriculares, desenvolvimento de projetos, algum novo recurso educacional que iremos implantar. Parece que está todo mundo tão descansado!

Ganhamos um kit escolar para professor de boas-vindas da direção. Assim como os alunos, os professores, também, adoram um material novinho. A professora de português, embora tenha ganhado 3 pincéis, já veio pedir para que eu ceda os meus para ela, porque segundo ela “Educação Física não escreve no quadro”.

Começa a reunião, os ânimos já estão exaltados:

- Não quero meu TP (Tempo pedagógico) na sexta! Tudo acontece na sexta. Esse ano tem 8 feriados na sexta.

*- E o celular? Eu não uso celular na escola. Aluno também não pode usar.
- disse aquela que tem seu aparelho como parte do corpo.*

- Pode usar boné? E o uniforme, como iremos obrigar que os alunos usem?

- Teremos 3 alunos de inclusão! – todos ouviram, mas não se importaram.

- O que fazer com as turmas quando o professor faltar? – discutimos por 40 minutos, e não chegamos a nenhuma conclusão.

11:30 da manhã. Chegamos ao fim de 3 horas de reunião, e tudo o que tenho definido é que terei 9 turmas de 8º e 9º anos com duas aulas por semana. Ah, também garanti meu TP na quinta feira. Talvez essa tenha sido a única reunião que faremos durante os 200 dias letivos para conversar os assuntos próprios da escola. Amanhã, às 7h00, irei rever alguns alunos e conhecer os novos, estabelecer combinados e mandar ver com os meus projetos e planos que tracei pra 2019.

“Aline Borges.”

O primeiro trimestre de 2019 não tem sido nada fácil! Poliana está de licença maternidade, e como já é meu terceiro ano no Albertina, sinto muita falta dela nos momentos de conversa, planejamento, enfrentamento e representação. O reconhecimento da disciplina Educação Física e relevância do saber do professor têm sido questionados diariamente. Minha colega Nayara, substituta da Poliana, apesar de ter pulso firme e ser apaixonada pela profissão, já disse que não está disposta a bancar tantos enfrentamentos, visto que ficara por pouco tempo na escola, e é contratada pela prefeitura. Imposições ao uso do espaço físico da escola, desqualificação das aulas, apropriação do material da Educação Física para ocupar o tempo dos alunos na falta de professores e dispensa de conselhos de classe ou reuniões pedagógicas foram algumas das atitudes tomadas pelos gestores, que foram me entristecendo e criando mal estar entre colegas de trabalho por causa dos frequentes embates.

As aulas que antecedem o grande dia dos “Jogos de Integração” estão sendo desenvolvidas em meio a esse turbilhão de acontecimentos. Nesse trimestre, trabalho com os alunos os cinco conteúdos que iremos desenvolver no dia dos “jogos de integração”: vôlei, futsal, queimada, handebol, badminton. Eles aprendem como jogar, regras básicas, apitar os jogos, preencher súmulas, organizarem-se como time e a jogar cooperativamente. Diariamente, relembro aos alunos da importância da participação deles em todos os momentos do evento, já que que tudo é organizado contando com a participação e colaboração deles.

Os “Jogos de Integração” é um evento que vem se tornando característico de nossa escola. No ano de 2017, fomos convidados pelo professor “Farinha” do Centro Pedagógico da UFMG para viver uma manhã de interação com nossos alunos do 9º ano em sua escola. Junto a nós, outros três professores de escolas diferentes aceitaram o mesmo convite, e assim, por jogos, brincadeiras e esportes, nossos alunos interagem durante toda a manhã. Vislumbrada com a ideia, combinei com Poliana de fazer um evento parecido na nossa escola, dentro das nossas limitações, e convidar os alunos do Centro Pedagógico para visitar nossa escola também, sendo que o professor “Farinha” havia relatado que a realização do Jogos de Integração era uma iniciativa apenas do Centro Pedagógico, e que eles também sentiam vontade de passear para conhecer e interagir com outros espaços escolares.

Diante dessa inspiração em 2018 eu, Poliana e nossos alunos conseguimos organizar uma versão do evento em nossa escola. O desafio era grande: tentar envolver nossos alunos em todas as fases do projeto, estruturar o dia da interação, convidar e receber os alunos externos, pensando em todas as demandas que o anfitrião tem. Conseguimos! A experiência foi tão positiva que estabelecemos fazer mais, e maior em 2019.

Para 2019, foi pensado em um projeto com culminância no evento. Os jogos envolveriam todos os alunos da escola, do 6º ao 9º ano. Convidamos os alunos do 6º e 7º anos da E. M. Padre Joaquim (Aproximadamente 100 alunos) que fica localizada bem próximo a nossa, e tem um professor de educação física que já conhece a ideia do projeto. Convidamos também os alunos dos 8º e 9º anos do Centro Pedagógico da UFMG (aproximadamente 100 alunos também). Nossos alunos tinham a incumbência de ajudar na organização e participação de todo o evento: arbitrar os jogos, orientar os visitantes dentro do espaço escolar, organizar as equipes de cada esporte, incentivar os colegas e visitantes a participar dos jogos e da merenda. Pensamos em conseguir realizar um dia, em que, nós, professores de educação física, passeássemos despercebidos. De certa forma, conseguimos, os alunos souberam conduzir tudo o que lhes foi pedido. Eu e Nayara ficamos por conta de resolver pequenas desavenças dos alunos, rixas entre as escolas e desentendimentos na escolha dos times. Infelizmente, não conseguimos fazer com que os professores das outras disciplinas da escola, coordenação e direção se envolvessem. Como já é comum, nos dias de eventos da educação física, os professores se recolhem tomando café, ocupa-se com fazeres aleatórios e não têm interesse em saber o que acontece fora do alcance da disciplina de cada um.

Foto 34 – Jogos de Integração.



Jogos de Integração na E. M. Albertina Alves de nascimento: dia em que recebemos 200 alunos de outras escolas.
Fonte: a autora.

Durante todo o primeiro trimestre, eu e Nayara, também tivemos que conciliar nossas aulas com a execução de outros projetos. A guarda municipal de Contagem há dois anos organiza um torneio entre as escolas da regional Ressaca. Organizamos nossos alunos e participamos do torneio, mais uma vez sem contar com a colaboração do resto da equipe escolar, e também participamos das ações do projeto de mediação de conflitos, que estavam sendo desenvolvidas na escola pela iniciativa do disciplinário Ricardo e da professora de ensino religioso Jaqueline.

Faria e Brecht (2014) publicaram um artigo pretendendo compreender como as relações estabelecidas na cultura escolar entre os professores e demais sujeitos dessa comunidade se unem no processo de formação das identidades docentes. Um dos fatos percebidos no estudo da cultura da escola, foi uma série de indícios acerca da existência de um processo conflituoso/tensão entre a necessidade dos professores de se sentirem equiparados, ou seja, membros de uma determinada coletividade, e, ao mesmo tempo, se perceberem como seres individuados, nos quais cabem determinadas propriedades e capacidades

específicas e singulares. Em virtude dessa condição, os sujeitos se mobilizavam para a promoção de ações de resistência contra uma cultura de individualismo das práticas pedagógicas e denegação do reconhecimento solidário na comunidade de valores da escola, pois em tal cultura vinculava-se uma espécie de reconhecimento limitado, no qual é atribuído aos professores apenas a tarefa de manter a organização da escola, a “disciplina” entre os alunos, não produzir muitas reprovações ao final do ano - para citar apenas as mais aparentes e que não necessitam nada além das condições objetivas e materiais para desenvolvimento do trabalho. Questões mais fundamentais para os professores, como objetivos sociais da educação, problemas de ensino aprendizagem, projeto coletivo da escola, entre outros, não eram pautados e discutidos, conseqüentemente, os professores não sentem que seu fazer é reconhecido e valorizado pela comunidade da escola. Esse incômodo foi percebido, especialmente, pelos professores de Educação física, Artes e Língua Inglesa.

Assim, como o estudo de Bracht e Faria (2014), pude me perceber dentro do ambiente da minha escola. Apesar de todo o comprometimento com a educação física e as ações escolares, sentia-me invisível dentro do ambiente escolar, tanto pelos meus colegas professores, quanto para a coordenação pedagógica. A produção de autonomia e reconhecimento solidário parecem ser condições necessárias para a efetivação do trabalho docente. A análise desenvolvida pelos autores é a de que, faltam na cultura da escola ações que permitam a produção de relações de estima mútua entre os professores.

Para o segundo trimestre, já tínhamos o desafio de organizar as danças da festa junina, como de praxe, sempre fica por conta dos professores de educação física. Incentivada por uma disciplina que tive no mestrado e pelos relatos de experiência de meus colegas na formação continuada estava decidida a trabalhar o conteúdo de ginástica com meus alunos. Poliana também já estava prestes a retornar da licença maternidade e ela tinha muita facilidade em trabalhar o conteúdo, o que seria mais um ponto motivador.

Tivemos quatro disciplinas que foram ofertadas pelos professores do polo UFMG, que foram grandes motivadores para nós professores, que estamos atuando com a educação física na educação básica: ensino de dança, ensino de ginásticas, ensino de lutas e atividade física e saúde. Tive todas essas disciplinas e outras mais

durante a minha graduação, porém, agora que já sou professora a mais de 10 anos, tenho outra compreensão desses conteúdos que foram abordados. Entre tudo que vi e revi, com a ajuda dos professores e de meus colegas de turma, consegui refletir sobre como tem sido a minha abordagem com os conteúdos da educação física nas minhas aulas, como me planejar e preparar as minhas aulas, e principalmente, como o processo de formação continuada tem me motivado a seguir inovando na profissão.

Em uma pesquisa, Fensterseifer e Silva (2011) se propuseram a “dar voz” a professores que tentam e conseguem tratar a Educação Física como um componente curricular articulado com o projeto político-pedagógico da escola. Nesse sentido, a escuta dos professores se deu com o objetivo de saber onde buscaram/buscam inspiração, saberes e fazeres de aprendizagem para pensar e sustentar práticas pedagógicas inovadoras. O grupo de professores investigado possuía uma formação inicial semelhante e se originou de uma pós-graduação que fizeram juntos.

Lendo o artigo “Ensaando o “novo” em educação física escolar: a perspectiva de seus atores”, destaquei algumas observações feitas pelos pesquisadores: a participação das pessoas em um grupo de estudos de professores de formações semelhantes contribuiu sensivelmente para o estudo de outras maneiras possíveis de se realizar a prática pedagógica em educação física; entre os conhecimentos discutidos e adquiridos nesses encontros, consideram-se o planejamento participativo como dos mais importantes. Também, percebi essas duas características motivadoras nos grupos de estudos que eu vinha fazendo parte: o mestrado profissional e o Coletivo de Narradores de Contagem. Fica claro, para mim, assim como para os participantes investigados na pesquisa que a participação em um grupo de estudos, focado nas dificuldades pedagógicas do dia a dia, em que se relata e se ouve experiências, que se discute e se busca, em conjunto, outras possibilidades para a prática pedagógica, constitui-se numa excelente ferramenta de apoio, e até, de motivação para a mudança pedagógica.

Vivemos no PROEF a experiência de ser a primeira turma de um mestrado profissional em rede nacional. Fizemos disciplinas onde participávamos de turmas com integrantes de outros 12 polos espalhados pelos Brasil. Nas tarefas *online*, tínhamos a oportunidade de dialogar e ver as tarefas que os professores de

todo o Brasil fazia. Essa diversidade de ideias, pensamentos, opiniões e versões da educação física escolar transformaram meu modo de ver e meu comportamento como professora.

A experiência de fazer parte de um mestrado profissional não é a maravilha que eu sempre sonhava. Um dos pré-requisitos para participar dessa modalidade de pós-graduação é o vínculo obrigatório com a educação básica pública. Tínhamos que estar trabalhando, em nossas escolas, pelo menos em um período. A licença para estudar ou a bolsa de estudos não foi uma realidade para grande parte dos mestrandos do PROEF. As atividades virtuais e presenciais dos primeiros 18 meses do curso: muita leitura, interpretação, diálogo, produção, aulas presenciais, durante os finais de semana; demandava de todo nosso tempo. Conciliar os estudos com os trabalhos e suportar toda essa demanda, em tempos, em que a profissão de professor está sendo desvalorizada, denegrada, faz com que sejamos não só sobreviventes dessa guerra política, por qual passa o Brasil, somos um exemplo de resistência.

Figura 7- Grade Curricular PROEF.

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
JÚLIO DE MESQUITA FILHO

Q Digite o nome da sala ou Categoria do AVA

- PROEF - Educação Física
 - (AN/2018/PROEF/181) Ambiente Nacional
- PROEF-181-D01
 - (T4/18/PROEF/181) D01 - Problemáticas da Educação Física
- PROEF-181-D02
 - (T13/18/PROEF/181) D02 UFMG - Seminários de Pesquisa Científica em Educação Física
- PROEF-181-D03
 - (T13/18/PROEF/181) D03 UFMG - Escola, Educação Física e Planejamento
- PROEF-181-D04
 - (T13/18/PROEF/181) D04 UFMG - Metodologia do ensino da Educação Física
- PROEF-181-D05
 - (DR/2018/PROEF/181) D05 - Diálogo em Rede
- PROEF-181-D06
 - (DR/2018/PROEF/181) D06 - Diálogo em Rede
 - (T13/18/PROEF/181) D06 UFMG - Educação Física no Ensino Fundamental
- PROEF-181-D07
 - (DR/2018/PROEF/181) D07 - Diálogo em Rede
- PROEF-181-D08
 - (DR/2018/PROEF/181) D08 - Diálogo em Rede
 - (T13/18/PROEF/181) D08 UFMG - Escola, Educação Física e Inclusão
- PROEF-181-Sala de Orientação
 - (T13/18/PROEF/181) UFMG - Seminários de Trabalho Final
- PROEF-181-Currículo Lattes
 - (CL/2018/PROEF/181) Currículo Lattes

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO

Twitter Facebook Youtube Instagram

IEP - Instit em P

Aluno 2018703492 ALINE BORGES MOREIRA DIAS

Curso 1253 EDUCAÇÃO FÍSICA/MP

Relação de Atividades no Histórico

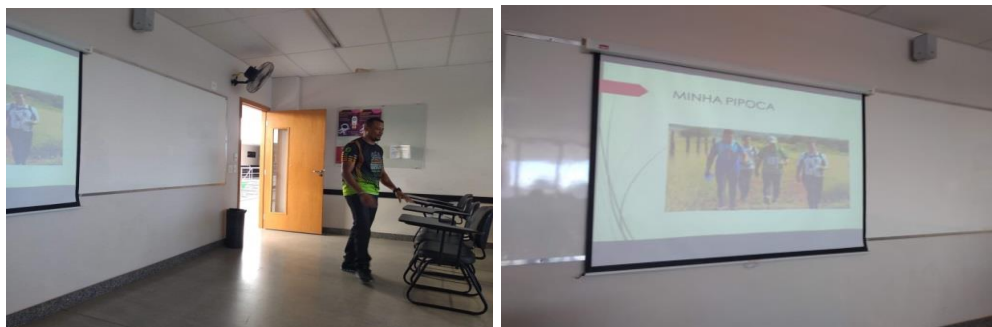
Periodo	Turma	Nome Atividade	T	M
2018/1	DIP EF1865 A	PROBLEMÁT. DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR		
2018/1	DIP EF1868 A	SEMINÁRIOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA		
2018/1	DIP EF1886 A	SEMINÁRIOS DE PESQUISA EM EDUC. FÍSICA I		
2018/2	DIP EF1866 A	ESCOLA, EDUCAÇÃO FÍSICA E PLANEJAMENTO		
2018/2	DIP EF1874 A	ENSINO DAS GINÁSTICAS		
2018/2	DIP EF1882 A	ENSINO DAS DANÇAS		
2018/2	DIP EF1887 A	SEMINÁRIOS DE PESQU. EM EDUC. FÍSICA II		
2018/2	DIP EF1888 A	SEMINÁRIOS DE PESQU. EM EDUC. FÍSICA III		
2018/2	DIP EF1892 A	METODOLOGIA DO ENS. DAS PRÁT. CORPORAIS		
2019/1	DIP FAE976 OP9	TÓPICOS ESPECIAIS - EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA		
2019/1	AAP EDF000 1	ATIVIDADES ACADÊMICAS DE PÓS-GRADUAÇÃO		
2019/1	DIP EF1873 A	ENSINO DO TEMA SAÚDE		
2019/1	DIP EF1884 A	ESCOLA, EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO		
2019/1	DIP EF1890 A	EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL		
2019/1	ETT GER000	ELABORACAO DE TRABALHO FINAL		
2019/2	DIP EF1877 A	ENSINO DAS LUTAS		
2019/2	EQP EDF005 01	EXAME DE QUALIFICAÇÃO		
2019/2	ETT GER000	ELABORACAO DE TRABALHO FINAL		
2020/1	ETT GER000	ELABORACAO DE TRABALHO FINAL		

Disciplinas cursadas no PROEF: presenciais, semipresenciais e a distância.
Fonte: AVA UNESP E MOODLE UFMG.

A formação do coletivo de professores de educação física também estava a todo vapor no primeiro semestre. Além dos ricos momentos de trocas e relatos de experiência, potencializamos a produção de pipocas pedagógicas. Tínhamos estipulado metas de produção de narrativa para participar da mostra pedagógica no Pensando a Educação Física Escolar¹³, evento realiza por um coletivo de professores de educação física das Minas Gerais, e também, queríamos, produzir um livro de pipocas pedagógicas de professores de Contagem.

Tivemos quatro encontros no primeiro semestre, antes do “Pensando a Educação Física” para que pudéssemos desenvolver a arte da escrita, validar nossas narrativas e pensar em formas de expor/publicar com eficiência. A cada encontro eu, Admir e vários colegas, que já compreendíamos a ideia do coletivo, incentivávamos os colegas a produzirem suas pipocas. Muitos empurrãozinhos para o início da produção de uma pipoca saíam das reflexões que tínhamos após um relato de experiência apresentado pelos colegas.

Foto 35- Formação continuada.



Marcílio com o relato de experiência de uma corrida de aventura que realizou com alunos do 6º ano e posteriormente virou uma pipoca.

Fonte: a autora.

¹³ No ano de 2012, em iniciativa de um coletivo de professores e professoras, surgiu o grupo Pensando a Educação Física Escolar, que visava aproximar o "chão da escola" e a produção do conhecimento nas universidades numa perspectiva de parceria e valorização dos saberes docentes. O grupo se reunia mensalmente com interesse nos problemas do cotidiano escolar, pensados a luz do referencial acadêmico e experiências docentes dos presentes nos encontros. Além disso, foram promovidos outros espaços de formação como mesas de debate, oficinas de formação e projetos de pesquisa.

Foto 36- Professores relatando experiências.



Relato de experiência de projeto de ensino de lutas feito pelo Admir no grupo da manhã e Paola trouxe em seu relato os matérias e apresentou suas técnicas de ensino de circo.
Fonte: a autora.

Foto 37 Professores relatando experiências.



Estella relatando sobre o “ Projeto Vida saudavel” que executou durante um ano em sua escola e Thais e Camila relataram sobre uma corrida de aventura inovadora que fizeram.
Fonte: a autora.

Corroborando com Ferreira, Prado e Aragão (2015), acreditamos que por meio dos registros das experiências vividas e narradas, as pipocas pedagógicas

“podem alterar a percepção dos professores sobre seu cotidiano de trabalho e permitir a produção, apropriação e circulação de novos saberes educacionais”. A cada encontro, reforçávamos a ideia de validação coletiva da pipoca. Houve um encontro, em que dividi o coletivo em pequenos grupos, e cada integrante lia a sua pipoca e ouvia a pipoca dos outros colegas, no intuito de juntos, adensarem suas pipocas, tornando-as mais saborosas.

No movimento de registrar suas práticas e pensamentos, escrever sobre o vivido aprimora o processo formativo em diversas perspectivas. Narrar é atitude de compromisso com o coletivo, realizada diante da certeza de atingir interlocutores e de estabelecer diálogo com suas narrativas. (FERREIRA, PRADO E ARAGÃO ,2015, p. 210).

Com o nosso curto tempo presencial, começamos a usar aplicativos de interação para trocar sugestões no processo de validação das pipocas e assim elas foram estourando.

Foto 38- Professores em dinâmica de validação das pipocas pedagógicas.



Reunidos em pequenos grupos os professores liam novamente suas pipocas buscando adensar a escrita com a ajuda dos colegas.

Fonte: a autora.

12 “NARRAR É ANTROPOLÓGICO, AUTOBIOGRAFAR É CIVILIZATÓRIO”

Em todos os encontros do coletivo de professores de educação física narradores, reservávamos um período para a leitura e interpretação das novas pipocas que estavam estourando. À medida que nossos autores iam escrevendo suas pipocas, passamos a desenvolver também dinâmicas em grupos menores para que todos pudessem ler e ouvir sobre suas narrativas recebendo sugestões de adensamento de escrita e reflexões para deixar o texto com formato de pipoca pedagógica.

Antes de cada encontro, corria os olhos na pasta de Pipocas Pedagógicas do Drive e imprimia todas as novidades. Atentei-me para a pipoca do professor Jean. Ele sempre manifestava despreço pela escrita embora tivesse dinâmica com a linguagem verbal. Participava ativamente das discussões do coletivo. Quando entreguei sua pipoca impressa e pedi para que lesse para os colegas, Jean ficou surpreso e envergonhado, disse que era pequena, que “nem era uma pipoca”. Todos insistiram para que ele lesse então o “trecho” que ele havia escrito:

Pirâmide não.

“Sexta-feira, último horário, e após uma cansativa semana, estava eu frente a frente com o 9º E. Alunos bastante agitados e não querendo fazer a atividade proposta de ginástica pois segundo eles, Educação Física é futebol. Após muita insistência em propor uma atividade de formação de pirâmide humana, desisti, pois, me convenceram que não estavam aptos para fazer tal atividade. O clima de desânimo pairava sobre a aula quando de repente, alguns alunos na intenção de atrapalhar a aula, fazem exatamente a pirâmide que propus no começo da aula. No final das contas deu tudo certinho e conseguimos chegar ao objetivo da aula. Aquela sexta-feira cansativa se transformou em um ótimo momento de compartilhamento de experiências.”

(1ª versão da pipoca do Jean antes do processo de validação em grupo)

Começamos nossa reflexão pensando nas dificuldades para abordar o conteúdo de Ginásticas na educação física escolar. Dificuldades que passam desde as abordagens de ensino de Ginástica que os professores recebem na formação

inicial, a falta de experiência prática com o conteúdo e as limitações ao ensino devido, também, as estruturas física e materiais.

Pensado sobre a aula na sexta feira, no ultimo horário, discutimos os inúmeros fatores que poderiam ter levado a falta de motivação para a pratica dos alunos durante a aula, seria o conteúdo tratado e a falta de habilidade, o insucesso e exclusão nas aulas motivos para não participa (DARIDO, GONZALÉZ e GINCIENE, 2018)? De fato, o dia e horário era mais um empecilho para a prática dos alunos ou uma justificativa para um possível bloqueio que o professor já demonstrava pelo conteúdo?

Indagamos por que alunos que se demonstravam tão agitados não tinham interesse pela prática? Será que essa era uma postura unânime? Refletimos sobre as múltiplas causas que levam os alunos ao desinteresse, principalmente nos anos finais, de aprender e explorar novos conteúdos (DARIDO, GONZÁLEZ e GINCIENE, 2018). Desinteresse esse que sobressai sobre as meninas dos anos finais do ensino fundamental, que em sua maioria não participam das experiências práticas das aulas de educação física.

O fenômeno futebol, tão amado por muitos professores e odiado por outros tantos por ser sempre o conteúdo solicitado, ou melhor, exigido, pelos alunos nas aulas de educação física. A forma como os professores, durante anos, conduziram suas aulas, apenas administrando os materiais da educação física, no desinvestimento pedagógico (GONZÁLEZ 2018), e hoje em dia temos mais esse enfrentamento com os alunos que não veem outras possibilidades para a educação física se não as atividades com bolas ou veem nossas aulas como momento de lazer.

Assim, a partir de uma pequena narrativa, ficamos por quase 40 minutos refletindo. O professor na condição de ouvinte não é parte passiva da construção da narrativa. Envolve-se com a trama desenvolvida por identificar-se, de alguma maneira, com os conflitos narrados. Como colocaram Ferreira, Prado e Aragão (2015), “as lições registradas deixam de ser um evento particular para tornar-se experiência compartilhada: autor, personagens e interlocutores encontram no texto um ponto para diálogo e elaboração de reflexões acerca das próprias vivências”.

Quando o professor lê a sua narrativa para o grupo pressupomos a partilha do conhecimento produzido: ao narrar, o professor amplia sua percepção

dos momentos relatados, revê suas práticas e as modifica, em diálogo consigo próprio. “É movimento de autoria, pois ele é o escritor. Entretanto, ao compartilhar suas narrativas com outros professores, ele também assume o papel de interlocutor, abrindo as portas de sua sala de aula para o leitor, convidando a ressignificar, com base em novos olhares, o conhecimento por ele construído. É movimento de partilha, pois ele também é personagem” FERREIRA, PRADO e ARAGÃO (2015).

Após todo diálogo com o coletivo de professores junto com a dinâmica em grupos menores de validação das pipocas, Jean partiria para seu momento de reflexão sozinho. Rescrever a pipoca, dando densidade à intriga narrativa que articula e dá sentido aos diferentes elementos da experiência, a partir da incorporação de suas próprias descrições, entendimentos e interpretações dos eventos narrados (SUÁREZ, 2012 p. 22).

Pirâmide, Não!

“Sexta-feira, último horário, e após uma cansativa semana de trabalho, eu estava frente a frente com o 9º E. Essa era considerada pelos funcionários da escola, a pior turma, no que diz respeito a disciplina e produtividade.

Os alunos estavam bastante agitados e não querendo fazer a atividade proposta de ginástica, pois, segundo eles, educação física tem que oferecer atividades com bolas.

Apesar da má vontade de vários estudantes, iniciamos a aula relembrando os movimentos aprendidos em aulas anteriores (rolamento para frente, rolamento para trás, vela, roda, ponte...) e resolvi após isso, ensinar a técnica para formarem algumas pirâmides humanas.

Parece que a metodologia que, utilizei, para o ensino dessa atividade, não foi a mais eficaz, pois, os dividi em grupo e a bagunça que eles fizeram no coletivo, me levaram a pensar que não era possível realizar tal atividade.

Reuni os alunos para uma conversa a respeito do comportamento deles durante essa aula, e enquanto se aproximavam, grande foi a minha surpresa, quando alguns alunos se reuniram por iniciativa própria e fizeram exatamente a pirâmide que “perdi” grande tempo tentando ensinar.

Entendi que apesar das dificuldades que enfrento no dia a dia da profissão, a Educação Física vai muito além de um simples tema a ser abordado nas aulas. Os alunos sempre nos ensinam durante as aulas. Aquela sexta-feira

cansativa se transformou em um ótimo momento de compartilhamento de experiências.”

(2ª versão da pipoca do Jean após a validação do grupo).

A narrativa de experiências já é enraizada no Coletivo de Professores de educação Física Narradores. Nossos professores são autores de saberes e que se veem como produtores de conhecimentos. Nesse sentido, é importante enfatizar que compreendíamos, que partilhar histórias pessoais com outros professores se configurava como uma experiência de formação profissional, e demanda articulação com o conhecimento científico.

No fim de maio, já tínhamos cerca de 30 pipocas diferentes produzidas e validadas. Duas turmas de coletivo bem definidas. O grupo da tarde já não me deixava tão desconfortável, pelo contrário, passei a conhecê-los melhor pelas pipocas, que escreveram, e da forma como se envolveram com o coletivo. Poucos integrantes ainda viam eu e Admir como ministrantes e não colegas de grupo. Esses integrantes, de forma geral, não entendiam o que era a validação coletiva, e nossos atritos surgiram, porque esperavam que nós escrevêssemos por eles ou “aprovássemos” a primeira narrativa que escreveram.

O encontro do mês de maio foi abrilhantado com presença do professor Guilherme do Val Toledo Prado, da Unicamp, que também faz pesquisas narrativas e é o pioneiro no Brasil das “pipocas pedagógicas”. Essas surgiram em seu grupo de pesquisa GEPEC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada da Faculdade de Educação da UNICAMP

Desde o início do ano, Admir falava do trabalho de Guilherme para o coletivo, e articulávamos uma suposta visita ao nosso grupo caso ele viesse a Belo Horizonte no primeiro semestre. Por uma feliz coincidência, conseguimos casar as datas da vinda do professor a BH com o nosso encontro. Fomos pegos de surpresa uma semana antes do encontro com a chamada do sindicato para uma paralisação nacional da educação. Mesmo com a paralisação marcada, e com vários integrantes do coletivo sendo militantes ativos, fizemos o encontro com participação quase total do coletivo, bancando a reposição do dia letivo nas escolas, visto que estávamos paralisados.

Durante o encontro a palavra esteve a maior parte do tempo com Guilherme. Ele já havia lido as pipocas pedagógicas, que havíamos escrito, e trouxe

suas reflexões acerca da importância da reflexão da prática, e como trabalhar com a narrativa pedagógica, e fez provocações dos tipos de narrativas e as sensíveis diferenças entre uma pipoca e uma narrativa.

Foto 39- Encontro de formação continuada: visita do Dr. Guilherme do Val Toledo Prado.



Mesmo com a chamada de paralisação nacional a favor da educação a maioria dos professores do coletivo participaram da formação, bancaram a reposição do dia letivo e partiram para ato nacional que aconteceu no centro de Belo Horizonte.

Fonte: a autora.

13 PENSANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Chegando meados de junho, e já tínhamos inscrito o Coletivo de Professores de Educação Física na mostra pedagógica do “Pensando a Educação física Escolar”. O evento foi realizado durante o feriado de Corpus Christi, na escola municipal de Belo Horizonte. Após muitas discussões e ideias, pensamos em expor nossas pipocas em um varal e também as distribuir junto com pipocas de verdade para que os leitores pudessem saborear enquanto liam.

Nos dias que sucederam o “Pensando a E.F. escolar”, recebi de última hora a notícia que teria que substituir um colega de licença no plantão de clube do SESI. Assim não pude ir ao evento durante a mostra. Às vésperas da exposição deixei todo o nosso material separado em uma sala do colégio aos cuidados de Admir, e para minha surpresa e admiração, no dia seguinte, começaram a chegar no grupo de *WhatsApp* dos Professores Narradores as fotos da nossa exposição.

Foto 40 - Mostra Pedagógica Pensando a EF Escolar.



Gustavo, Paola e Walber interagindo com os professores que observavam nossa exposição.
Fonte: a autora.

Foto 40- Mostra Pedagógica Pensando a EF Escolar.



Gustavo e Admir interagindo com professores que se “serviam” com nossas pipocas.
Fonte: a autora.

Foto 41- Mostra Pedagógica Pensando a EF Escolar.



Gizele, Patrícia, Paola e Gustavo marcando presença no Pensando A Educação Física Escolar.
Fonte: a autora.

Fiquei muito feliz de ver que Admir havia montado a mostra das Pipocas Pedagógicas e que os professores do coletivo, que haviam se inscrito para o Pensando a Educação Física, estavam lá, falando do nosso trabalho, explicando o que eram as “Pipocas pedagógicas”, contando para professores de todo o Brasil que em Contagem, também, tínhamos um coletivo dentro do espaço de formação continuada.

No encontro seguinte da formação continuada, reservamos um momento para apresentar para todos do Coletivo o que foi o Pensando a Educação Física Escolar, e como foi a nossa participação. Fiz uma breve apresentação da programação do evento e todas as suas possibilidades de participação, mostrei

como as nossas pipocas foram preparadas e expostas na mostra pedagógica, e deixamos um momento para que os professores, que participaram do evento, pudessem colocar as suas considerações.

De forma geral, todos os professores, gostaram muito de terem participado do evento. Relataram que durante a mostra pedagógica muitos professores perguntaram como era o nosso coletivo e como nós conseguimos nos estabelecer dentro do espaço de formação continuada de Contagem. Muitos queriam saber do envolvimento da secretaria de educação com as práticas do coletivo. Diante dos questionamentos dos observadores, da exposição, chegamos a várias conclusões juntos no momento do diálogo: nosso coletivo precisava se organizar melhor politicamente para consolidar nossos encontros no espaço de formação continuada; tínhamos condições de organizar um evento semelhante ao Pensando a E.F, seguindo a mesma ideologia de oficinas, relatos de experiência, palestras e mostras pedagógicas, na rede de Contagem; éramos muito “amadores” no sentido de publicitar nossas produções, precisávamos dar mais visibilidade ao nosso coletivo nos de *sites* ou redes sociais.

Encerrando os nossos encontros, do primeiro semestre, já deixamos demarcados os nossos principais objetivos para o segundo semestre. Tínhamos que terminar a produção do livro, publicá-lo no CONBRACE, e tentar organizar um seminário final para novembro (tendo o Pensando a E.F. como modelo). Admir ficou de conseguir uma reunião com Dagmar para que pudéssemos apresentar a ela tudo que havíamos feito no primeiro semestre e fazer algumas solicitações: tentar que a Seduc produzisse a versão *e-book* e impressa do nosso primeiro livro com pipocas pedagógicas; íamos tentar financiamento e liberação do trabalho na escola para ir ao CONBRACE fazer o lançamento do livro e participar do congresso de professores de educação física mais tradicional do Brasil.

14 NARRAR É CONTAGIANTE!

A ideia de publicar um livro, em um primeiro momento, era ousada e absurda. Nossos professores eram espontâneos e abertos ao diálogo, mas a escrita era uma barreira a ser superada. Ouvir e refletir as pipocas lidas pelo Admir, por mim, ou pelos colegas, que já se arriscavam a escrever era um convite encorajador para o nascimento de um narrador. O caminho para se tornar um professor narrador é longo, e Suárez (2004) propõe uma série de momentos ou instâncias de trabalho, não necessariamente sucessivos e, na maioria das vezes repetidos, nos quais os professores narradores se envolveram durante o percurso da formação. São eles: condições institucionais no sistema para o envolvimento ativo no processo de documentação narrativa; identificar e selecionar as práticas pedagógicas para relatar e produzir registros; escrever e reescrever inúmeras versões de experiências pedagógicas até chegar a uma versão publicável; editar de forma pedagógica a história narrada; publicação da narrativa; fazer circular o conhecimento produzido.

Para quem trabalha na educação básica da rede municipal ou estadual, sabe o quanto é difícil para o professor ter garantido seu tempo de estudos e planejamentos (TP). Um terço da carga horário do professor, garantido por lei, deveria ser dedicada a momentos de estudo, planejamento e atendimento da demanda pedagógica. Muitas vezes, esse tempo de planejamento do professor é demandado para uma substituição de professor que faltou, quebrar um galho, resolução de conflitos dentro da escola, e assim os professores deixam de utilizar o TP da maneira devida.

Um dos pontos positivos da formação continuada de Contagem era que ela ocorria fora do nosso ambiente de trabalho e com nossos pares. Tínhamos essa oportunidade de desligar por algumas horas da escola, romper com as modalidades convencionais de trabalho docente e com o fluxo da rotina de atividades escolares para pensarmos, entre os pares, na nossa prática docente, no conteúdo e especificidades da educação física.

O convite para a constituição de um coletivo de professores narradores feito pelo Admir aos professores de Educação física de Contagem aliados ao espaço/ tempo da formação continuada em parceria com a SEDUC foi a condição

institucional ideal para o envolvimento ativo dos professores no processo de documentação narrativa. (SUÁREZ ,2012).

Figura 8- Print do site da Prefeitura de Contagem.



Matéria que foi publicada no site de Contagem sobre o Início da formação continuada oferecida pela SEDUC.

Fonte disponível em: <<http://www.contagem.mg.gov.br/estudacontagem/seduc-da-inicio-a-nova-rede-de-formacao/>> acesso 22/06/2019 às 18h.

Como a reflexão da prática docente sempre foi a prioridade nos encontros do coletivo, pelos relatos de experiência e das leituras das pipocas pedagógicas, tínhamos bem estabelecidos os conteúdos das nossas possíveis narrativas. Além, das abordagens do conteúdo da educação física, refletíamos as situações de aula, conflitos escolares, relações humanas entre alunos e professores, entre professores e gestores, entre outras questões gerais que permeiam o ambiente escolar. Identificar e selecionar as práticas pedagógicas, que seriam narradas, era algo espontâneo no processo de condução dos encontros de formação.

Quando os professores pediam a fala e compartilhavam suas experiências, ouviam as reflexões dos colegas do grupo a respeito do que foi apresentado e assim, naturalmente, o professor se via autor inspirado para colocar

no papel sua versão escrita do relato compartilhado. Compartilho, aqui, das reflexões de Maria da Conceição Passeggi¹⁴ que afirma que na narrativa é antropológica, os professores narram com naturalidade, porém, a produção da escrita narrativa de si é civilizatória, pois requer o domínio de técnicas e reflexões que foram adquiridas ao longo do processo de formação.

Criei no aplicativo *Drive* uma pasta intitulada Pipocas Pedagógicas, a qual era compartilhada com todos os integrantes do coletivo. Por essa pasta, tínhamos um ambiente virtual, onde poderíamos compartilhar nossas narrativas e todos poderiam acessar para ler, comentar e acessar também outros textos, referências para inspirar o processo de escrita. Tínhamos durante os encontros presenciais os momentos de leitura e interpretação das pipocas elaboradas pelos colegas. A leitura e interpretação em grupo trazia a reflexão sobre a prática à tona. Leituras e releituras próprias e de outros professores, individuais e coletivas, das versões parciais e finais da narrativa. Posteriormente fazíamos uma releitura em grupos menores com o objetivo de adensar a escrita. Este é o “momento em que é fixada literalmente à experiência, na qual atinge seu mais alto grau de objetividade, e ao mesmo tempo, em que os professores, informados por comentários e conversas com seus colegas e coordenadores do processo de inquérito, eles compõem, recompõem e dão densidade à intriga narrativa que articula e dá sentido aos diferentes elementos da experiência, a partir da incorporação de suas próprias descrições, entendimentos e interpretações dos eventos narrados” (SUÁREZ, 2012,p.22).

¹⁴ Reprodução de fala de PASSEGGI em palestra ministrada aos integrantes do LapenSI em novembro de 2019.

Foto 42- Professor Rodrigo fazendo a leitura da sua pipoca para o coletivo.



Com o passar dos encontros os professores não só perderam a vergonha de ler suas narrativas como também passaram a fazê-las de pé.

Fonte: a autora.

Assim que, nossos professores reescreviam suas narrativas pedagógicas, eles postavam essa nova versão no arquivo intitulado “Pipocas Pedagógicas Validadas” no aplicativo *drive*. Nessa condição, de pipocas validadas pelo grupo, as pipocas agora seguiriam para a publicação. Eu e Admir fizemos um processo delicado de ler todas as narrativas, e se preciso fosse ajustar para publicação. Editamos as narrativas para participar da mostra pedagógica do “Pensando a Educação Física Escolar”, e editamos definitivamente para a publicação do livro *Pipocas Contagiantes*.

No processo de elaboração das Pipocas Pedagógicas, foi possível identificar, até o momento, dois tipos de narrativa. Um conjunto de narrativas se relaciona à escrita das aulas; isto é, narram o processo de ensino e aprendizagem de práticas corporais na Educação Física escolar. Essas narrativas evidenciam a presença de conteúdos variados representativos da diversidade que compõe a cultura corporal de movimento, tais como: diferentes tipos de jogos e brincadeiras, esportes, danças, lutas, ginásticas e práticas corporais de aventura; com destaque

para a participação dos estudantes na definição dos temas. Além disso, as narrativas também apresentam práticas de avaliação da aprendizagem relacionadas aos respectivos conteúdos. Nesse sentido, pensamos ser correto afirmar que as Pipocas Pedagógicas indiciam um movimento significativo de busca de materialização de uma organização curricular do componente Educação Física - como proposto por Fensterseifer e Silva (2011) - no contexto de atuação docente nas respectivas escolas.

Um segundo grupo de pipocas relaciona-se de forma mais intensa com a “condição docente”, ou seja: apresentam dilemas, desafios e tensões vividos pelos professores e professoras nos cotidianos escolares, nas relações estabelecidas com diferentes sujeitos da comunidade escolar. Algumas narrativas, explicitam as tensões geradas em torno de um processo mobilizado pelos docentes, que buscam garantir o reconhecimento da educação física como um componente curricular com a mesma relevância e importância que os demais. Esse processo se dá mediante diálogos, debates e enfrentamentos com diferentes sujeitos a saber: gestores, coordenação pedagógica, estudantes e responsáveis pelos alunos.

As pipocas dos nossos narradores, agora, alcançariam olhares e leituras “estrangeiras”. Dialogando com Suárez (2012) neste momento-chave do processo de documentação em que os professores narradores se “posicionam e se afirmam mais do que nunca como autores de experiências, conhecimentos e histórias pedagógicas, ao mesmo tempo perdem controle sobre seu texto, pois, de uma certa perspectiva e até certo ponto, como já foi publicitada, a narrativa agora está fora de seu domínio e alcance diretos, superou os limites do grupo de pares ,transcendeu, e se tornou pública”.

Com a publicação do livro Pipocas Contagiantes, temos o objetivo de fazer circular parte do conhecimento que emergiu nos encontros e reflexões do Coletivo de Professores de Educação Física Narradores de Seus Saberes e Fazeres.

Foto 43 Momentos em que tornamos publicas as nossas pipocas pedagógicas.



No “Pensando a Educação Física Escolar” e CONBRACE não só publicitamos o conhecimento que produzimos com também estávamos presentes para vivenciar esse momento.
Fonte: a autora.

A elaboração das Pipocas Pedagógicas tem se mostrado uma estratégia muito significativa para a produção de sentidos sobre o que é um Coletivo Docente, em um contexto específico de uma ação de formação continuada, que propõe narrar as experiências e escrever das aulas de Educação Física. Josso (2004, p.219) nos lembra de que “o trabalho biográfico de si mesmo dá início à aprendizagem da implicação permanente em jogo, no trabalho individual e no trabalho coletivo”. Nesse sentido, o acompanhamento e a mediação biográfica têm demonstrado uma gradativa e crescente implicação dos professores e professoras com a formação, com sentimentos que emergem da dinâmica de escrita, com o compartilhamento e validação das narrativas.

15 DEVAGAR ESCOLA!

Na escola, seguia firme com as aulas de ginástica, Poliana havia voltado da licença maternidade, e como sempre fazíamos, conversávamos sobre as aulas, os conteúdos e as possíveis sequências que podíamos dar. Ela abraçou as minhas ideias e estabelecemos fazer uma apresentação de ginástica com todos os alunos da escola. A ideia inicial seria uma apresentação por sala, e cada sala obedecendo as limitações e orientações que foram propostas, respeitando as individualidades trabalhadas por cada professora. Foram dois meses de muito desgaste psicológico e físico, muitas desavenças com equipe pedagógica e direção (associado a outros problemas estruturais da escola). Pensamos em desistir várias vezes por achar que os alunos estavam extremamente desinteressados. Achávamos que nossos alunos iam dar conta da tarefa, por isso fizemos uma proposta ousada: queríamos uma coreografia usando os elementos da ginástica abordados durante as aulas que envolvesse toda a turma explorando todas as capacidades e limitações.

Durante os 15 dias, que antecederiam a apresentação, quase fomos a loucura com os alunos: eles tinham vergonha em apresentar, dificuldade de se organizar, dificuldade em executar as ideias, dificuldade em aceitar as proposições do grupo, dificuldades em trabalhar em grupo. Tentávamos não interferir impositivamente nos ensaios e víamos nossos alunos, lentamente, se desenvolvendo, tentando resolver conflitos, tentando explicar, ouvir e serem ouvidos.

- *“Professora, o Matheus não para quieto, ele não escuta, brinca o tempo todo. Tira ele da nossa apresentação professora? – Ouvi esse tipo de comentário em várias turmas de vários alunos”.*

- *“Está vendo só o que é que a gente passa? É assim sempre que preciso explicar alguma coisa! Professor sofre, estão sentindo na pele como é! - Essa era a minha resposta mais confortante.”*

Por traz de todo chamado desesperado, mesmo depois de me deliciar vendo os alunos “sofrendo na pele de professor”, tinha que interferir. Conversava separadamente, caso a caso, com quem não estava cooperando. Assim com trabalho de formiguinha, eu e Poliana, uma resgatando a outra, e nós duas, incentivando os alunos, conseguimos, surpreendentemente, que o festival

acontecesse. Foi muito melhor e maior do que esperávamos. Valeu a pena cada investida.

Ginástica x Motivação

“Ano de 2019, final do segundo semestre, e decidi pela primeira vez na minha carreira docente abordar o conteúdo de Ginástica com meus alunos das séries finais. Sentada fazendo meu planejamento, busquei ajuda nos relatos de experiência dos colegas de profissão da formação continuada e nos materiais que tive acesso em cursos, também deixei um tempinho para preparar meu psicológico para superar as dores físicas desse novo desafio. Comecei, então, com as aulas nos 8º e 9º anos. Planejei muitas aulas práticas com elementos ginásticos, acrobáticos, de equilíbrio e aeróbicos. Planejei, também, uma aula teórica para poder mostrar com vídeos a diferença entre as modalidades olímpicas e a execução das grandes atletas, e para encerrar e avaliar, gostaria que eles conseguissem montar uma coreografia, utilizando todos os elementos que aprendemos. Pronto! Construí uma base legal para começar a ensinar Ginástica para os meus alunos. Será que eles vão entender os movimentos sem eu conseguir demonstrar? Será que eu vou conseguir dar as orientações sem me machucar e sem que eles se machuquem? Como motivar esses meninos a fazer algo que tenho tanto receio?

Iniciei então o conteúdo há alguns dias. Muita rejeição a princípio:

- Ah professora, isso é chato. Não consigo.*
- Está muito cedo, não quero.*
- Isso não é educação física, vamos jogar bola.*

Com as aulas de acrobacias, os alunos começaram a largar seus celulares e chegar mais perto do tatame pelo menos para ver os colegas experimentando os novos movimentos e formas e nas aulas de pirâmides acrobáticas a adesão de algumas turmas foi de quase 100%.

Estou sendo persistente, mesmo com vontade de deixar essa ginástica para lá, com dores tremendas na coluna e com a paciência sempre no limite. Tem

horas que minha vontade é de deixar os esportes do quarteto fantástico voltar à tona.

Segunda-feira às 7:00 da manhã, na volta do feriado de Corpus Christi, completamente, desencorajada a trabalhar fazia 15°, muito frio e vento, cheguei à quadra e disse aos alunos:

- Vamos montar o tatame nesta metade da quadra e treinar pirâmides, e a outra metade da quadra vamos deixar para quem quiser jogar bola.

Entreguei o material aos alunos e fiquei observando de longe. Pouco a pouco, eles foram tirando seus sapatos e se voltando para o tatame. Começaram a fazer pirâmides, fizeram saltos que eu havia ensinado na primeira aula do conteúdo, fizeram uma disputa de rolamentos, praticaram a vela e a parada de mãos. Ajudavam e desafiavam uns aos outros. No fim do horário, até brincaram de deslocar no tatame como eu já havia ensinado para eles há dois anos quando fizemos lutas.

Eu me ausentei da aula por todo o horário. Sem intervir, fiquei pensando em por que não me sentia motivada com aquele conteúdo diante do que acontecia na frente dos meus olhos...

07h55min encerrei a aula. Todos retornaram à sala satisfeitos e eu... provocada.”

(Aline Borges).

Foto 44 – Festival de Ginástica E. M. Albertina Alves do Nascimento.



Momentos das apresentações das turmas durante o Festival de Ginástica.
Fonte: a autora.

Às vésperas do recesso de julho, Admir conseguiu um encontro com Dagmar, para que pudéssemos apresentar o que havia sido realizado na formação continuada durante o primeiro semestre, e fazer as devidas solicitações para as futuras demandas. Preparei um vídeo com muitas imagens e frases curtas explicando como tinha sido nossas dinâmicas dos encontros e a nossa participação no Pensando a E.F. Escolar, também, levei cerca de 30 pipocas pedagógicas impressas com intuito de mostrar as narrativas que estávamos produzindo. Eu e Admir tínhamos 3 requerimentos principais para essa reunião: queríamos ajuda para a produção e publicação do livro; precisávamos de auxílio e liberação para participar do CONBRACE, visto que seria em período letivo e muitos professores demonstraram interesse em ir; queríamos produzir um evento de encerramento da formação, nos

moldes do Pensando a E.F.E, e precisávamos da colaboração e envolvimento dos professores envolvidos nas outras formações e da SEDUC.

Após a fala do Admir, a breve apresentação do vídeo e das pipocas, que foram espalhadas sobre a mesa, Dagmar se apresentou, bem surpresa com o material, que lhe mostramos, e pelo fato dos professores de Educação Física estarem escrevendo e produzindo tantos registros. De prontidão ela se mostrou disposta a ajudar na publicação do livro e garantiu que teríamos o *e-book* produzido para o CONBRACE pela equipe de design gráfico da prefeitura de Contagem, prometeu também 300 cópias impressas do livro para dezembro.

As demais solicitações foram abafadas e descartadas com a mesma desculpa: falta de verba. Não tinham como custear, em nada, a ida dos professores ao CONBRACE, nem mesmo a liberação dos dias letivos ela cedeu; após sugestão e muita conversa de Admir, ela aceitou que por meio de uma carta endereçada pelo CENEX/ UFMG, cada professor negociaria internamente com sua direção e equipe pedagógica a ida ao evento sem que prejudicasse a carga horária do aluno e o andamento escolar.

O possível evento de encerramento dos encontros de formação continuada também foi vetado, já que não havendo verba, não teríamos como garantir o espaço físico, material e o pessoal que havíamos idealizado. Enfim, saímos da reunião com a triste sensação que merecíamos mais. Fomos pouco contemplados. Tínhamos um curto prazo para fechar todas as pendências do livro e enviar o material para a SEDUC, para que o livro ficasse pronto em tempo hábil.

O CONBRACE aconteceria entre os dias 15 e 20 de setembro na cidade de Natal-RN. Além do lançamento do livro, também iria participar com a apresentação de pôster contando a trajetória do nosso coletivo. Mesmo sem o financiamento esperado da prefeitura, muitos professores tinham interesse em participar do evento. Fizemos vários orçamentos e não seria uma viagem acessível. O valor da inscrição do congresso, mesmo sendo um valor voltado para professores da educação básica, correspondia a quase 20% do nosso pagamento, os custos com passagens, hospedagens, alimentação e deslocamento era o equivalente a um mês e meio de salário. A necessidade de negociar nossa ausência por uma semana internamente nas escolas foi o maior empecilho para que mais professores pudessem ir ao congresso.

16 RUMO AO CONBRACE.

Passamos o recesso de julho e o mês de agosto trabalhando na produção do *ebook*. O nome do nosso livro foi sugerido e escolhido pelos próprios participantes do coletivo. Entre as várias sugestões a mais votada foi “*Pipocas Contagiantes*”, fazendo alusão a origem dos narradores, a cidade de Contagem, e a empolgação que o leitor sente ao ler as narrativas produzidas pelos professores.

A capa e as ilustrações também foram escolhidas por votação. Walber, um dos professores do coletivo, além de ter ótimas habilidades gráficas, mergulhou na ideia de criar uma capa que simbolizasse bem o nosso coletivo. Discutimos as imagens e símbolos que representavam a educação física no Brasil, mas acordamos que eles não caracterizariam o nosso trabalho. Walber teve a ideia de invadir (porque ela se encontra fechada ao público e abandonada pela prefeitura) um patrimônio cultural de Contagem, a Casa de Cacos, e fazer alguns registros fotográficos para compor a capa do livro. Em sua montagem gráfica também conciliou cores que são referências à história da cidade como o laranja abóbora e o vermelho. Ele, melhor do que ninguém descreve a representatividade da nossa capa e das figuras que escolhemos para ilustrar o livro:

“A criação da capa do livro foi inspirada a partir da construção coletiva de narrativas sobre os saberes e fazeres da educação física escolar em diferentes contextos e realidades das escolas públicas municipais de Contagem. São textos, fragmentos, partes de realidades diferentes que se juntam para formar um todo, ou seja, para construir um livro onde as pipocas pedagógicas nos levam a saborear os prazeres, desafios e obstáculos que estão presentes no contexto escolar.

A partir dessa ideia de fragmentos que se juntam, podemos dar forma e sentidos às narrativas escritas por diversos autores/professores do município de Contagem, revelando assim a visão de um todo que se constitui na educação física vivenciada e experimentada no chão das escolas.

Como elementos iconográficos foram escolhidos detalhes da fachada do muro de um ponto turístico muito importante da cidade de Contagem, conhecido como “Casa de Cacos”, no qual expressam essa ideia das partes (os cacos – os

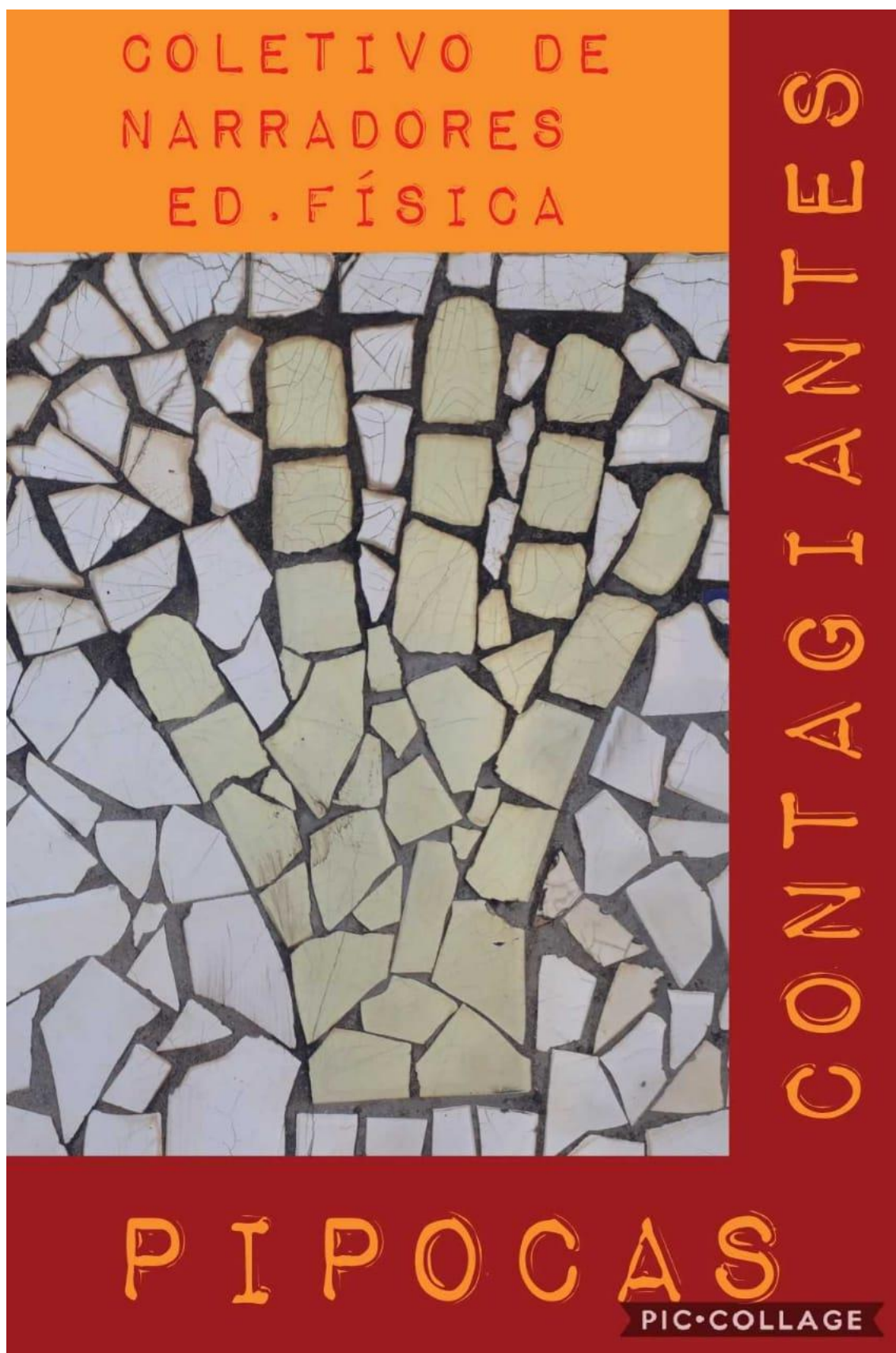
autores) que se juntam para formar o todo (um Coletivo – o livro de narrativas) com histórias singulares, divertidas e reflexivas sobre a educação física escolar.

O elemento principal que foi escolhido para o layout da Capa do Livro é muito simbólico e representa bem o nosso coletivo de narradores/professores – a figura de uma “Mão” feita de cacos, que representa diretamente não só o ofício de escrever essas narrativas, como também o nosso sacrifício em concretizar a produção coletiva desse livro.

Foi nessa perspectiva de ideias e conceitos que construímos a proposta de criação da capa para o nosso livro”.

(Ficha técnica do livro Pipocas Contagiantes elabora por Walber).

Figura 9- Capa do livro Pipocas Contagiantes criada por Walber da Silveira



Fonte: :Walber da Silveira, produtor de toda a arte do livro Pipocas Contagiantes.

A uma semana do Congresso, Dagmar atendendo as cobranças de Admir, finalmente, encaminha o nosso material para o setor gráfico da prefeitura, e nas vésperas da nossa viagem, começamos a receber todo o material para o lançamento do livro. Além da produção e a diagramação do *e-book*, os designers da prefeitura produziram um banner e 500 marcadores de páginas para ajudar na divulgação do livro.

Além de mim, mais três professores do coletivo toparam embarcar rumo ao CONBRACE. Walber, o autor da capa do nosso livro, é professor de Educação Física efetivo na rede pública de Belo Horizonte no turno da manhã e em Contagem no turno da tarde. Casado com Liziane e pai do Kauan de 3 anos, conseguiu negociar sua ida ao congresso nas duas escolas, teria que repor quase 30 aulas quando voltasse. Walber está sempre estudando, seus livros de cabeceira são todos da educação, e atualmente, faz uma pós-graduação de educação física inclusiva na UFJF.

Patrícia é professora de Educação Física em uma escola particular e em Contagem a 25 anos, e embora esteja liberada para aposentar, não é esse o seu desejo. Em uma conversa, mais pessoal, durante a viagem, onde expusemos nossos pontos de vista sobre a “sonhada aposentadoria,” questionei por que ela não queria parar: -“ *Me sinto muito ativa, desposta a aprender e a ensinar ainda, não é a hora de parar, tenho muito a contribuir.*”- durante a viagem a compreendi melhor. Com 57 anos, além de trabalhar em duas escolas, Patrícia têm vários alunos de personal, e é atleta de corrida de aventura, já participou de maratonas na selva e no deserto.

Poliana, como já citei em vários momentos desse memorial, é minha grande amiga e colega de área na mesma escola onde trabalho. Trabalha em Contagem desde 2012, e sempre muito engajada com as questões pedagógicas e humanas da escola. Vive me motivando, e me espelho em suas atitudes e determinação docente. 2019 não tem sido um ano fácil para ela, maternidade e a perda do seu companheiro, Márcio, nos primeiros meses de vida da Lara, transformaram radicalmente sua rotina habitual. A viagem ao CONBRACE será sua primeira viagem, após o falecimento do marido, sozinha com a filha. Além das superações pessoais, Poliana também embarca em busca de formação e está sempre se prontificando na busca por conhecimento. Nós duas também tivemos que

negociar a reposição de todas as nossas aulas para podermos participar do congresso.

Embarcamos, os 4 e a pequena Lara, cheios de expectativas. Aflitos com a programação imensa, da qual optamos por estar pelo menos em um turno no congresso. Chegamos a Natal no sábado à noite, e no domingo de manhã, participamos de cursos. Fomos conciliando os momentos de formação com os passeios e encontros com vários colegas professores de Educação Física que estavam na cidade.

Foto 45 - Momentos do CONBRACE



Participação em minicurso, cerimônia de abertura, mesas e palestras durante o CONBRACE.
Fonte: a autora.

O lançamento do livro estava marcado para terça-feira às 19:00 horas. Nos organizamos e chegamos bem mais cedo ao Campus da UFRN, junto a sessão de lançamento de livros, iria acontecer um coquetel de comemoração de 40 anos do CBCE e várias apresentações culturais.

O lançamento do livro foi um momento muito marcante para o Coletivo de professores narradores. Estávamos em um momento, onde vários participantes do Congresso estavam reunidos e perguntavam do nosso trabalho, queriam ler nossas pipocas e muitos se identificavam com nossa trajetória. Foi, também, um momento de reencontro: vários professores que contribuíram para a graduação de Poliana estavam presentes no congresso e se interessaram em conhecer nosso trabalho.

Outros 52 livros também estavam sendo lançados e tivemos a oportunidade de conhecer alguns autores da Educação Física que são referência desde a graduação até os dias atuais como Valter *Bracht*, Paulo Evaldo Fensteisenfer e Mauro Betti. Também, conheci alguns mestrandos e professores do PROEFE do polo Brasília, e trocamos informações sobre o andamento de nossas pesquisas e das percepções do programa.

Em um certo momento, distanciei-me da nossa mesa e, com muita alegria, consegui registrar meus colegas narradores apresentando o nosso trabalho, falando a respeito do coletivo e do livro.

Foto 46- Lançamento do Livro no CONBRACE.



Cerimônia de lançamento de livros do CONBRACE.
Fonte: a autora.

Durante todo o congresso, senti-me muito provocada com impressões que fomos criando. A primeira e maior dessas provocações, foi o grau de “cientificismos,” que grande parte dos participantes insiste em sustentar. Fazem citações em todos os diálogos que se alimentam e cobram que nossas palavras também sejam embasadas em algum teórico renomado. Houve professores que mesmo antes de saber o conteúdo do nosso livro, perguntavam qual era o nosso embasamento teórico. Também fiquei bem provocada com o tipo de participantes que frequentam o congresso. Embora, maior parte da programação do evento seja voltada para a educação física escolar na educação básica, a grande maioria dos

participantes do congresso são acadêmicos (graduação e pós- graduação), ou professores que já atuam no nível superior ou em Institutos Federais.

Após a provocação do momento do lançamento do livro, fiquei preocupada com a hora da apresentação do pôster. Como nunca havia participado de um congresso científico de tamanha proporção, tudo para mim era uma novidade. Havia me preparado para apresentar o pôster, porém decidi fazer algumas alterações na véspera da apresentação.

Partimos para o ginásio e fiquei a espera para apresentar o pôster. Para minha alegria foi um momento muito mais tranquilo do eu esperava. Minha avaliadora chegou por volta de 18:h30m, a professora Silvane Fensterseifer Isse da UFRGS¹. Durante a apresentação, ela disse que já tinha familiaridade com as “pipocas pedagógicas,” e por fim acabei lhe entregando algumas pipocas do livro, e ela deixou seu email para que eu pudesse enviar o livro posteriormente. Também, trocamos algumas ideias sobre o trabalho que ela fazia na UFRGS.

Foto 47 – Apresentação de Poster CONBRACE



Momento de apresentação de poster do GT da Escola no CONBRACE.
Fonte: a autora.

Foto 48- Apresentação de poster CONBRACE.

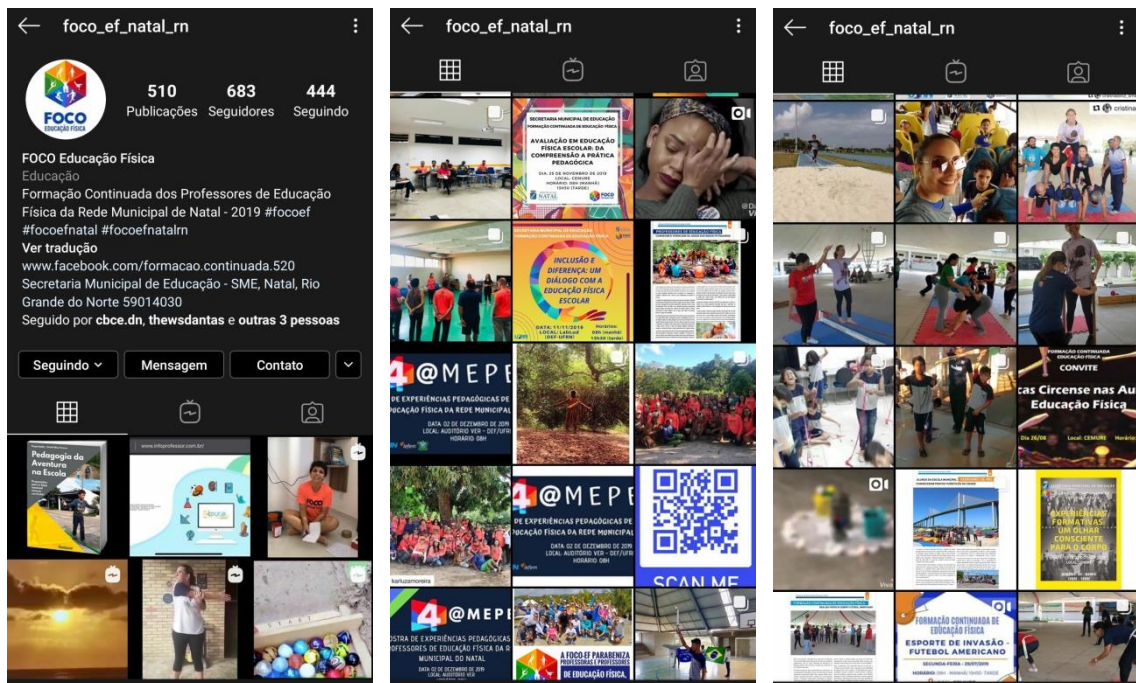


Eu e Admir durante sessão de apresentação de poster no CONBRACE.
Fonte: a autora.

Passado a tensão da avaliação, conversando com meus colegas de Contagem, fomos abordados por dois professores da cidade de Natal. Curiosamente, eles se identificaram com o nosso pôster. Ficamos conversando até quase às 22:h00m já nos dirigindo para o descanso. Os professores Matheus e

Gabriel, trabalham na rede publica de Natal-RN. A prefeitura de Natal proporciona formação continuada para todos os servidores da educação nos moldes bem semelhantes ao que Contagem iniciou. Durante a conversa, percebemos que os professores de Educação Física de Natal, também ,se organizaram como um coletivo e caminham em passos largos em direção a uma formação continuada exemplar com um coletivo sólido. Durante os encontros, eles vivenciam os relatos de experiência, oficinas e seminários, fazem também muitas oficinas em ambientes inovadores como trilhas na natureza e museus. Durante as trocas, que fizemos durante a conversa, comecei a seguir no instagram o perfil foco_ef_natal_RN. A equipe de professores que participa da formação continuada em Natal já está tão consolidada, que pelo instagram, conseguimos acompanhar tudo que eles planejam e executam durante os encontros. Suas publicações têm sido grande fonte de inspiração para o nosso coletivo também.

Figura 10 Print do Intagram.



Pagina da Formação Continuada dos professores de educação física da prefeitura de Natal.
Fonte: disponível <https://www.instagram.com/focoefnatalrn/?hl=pt-br> acesso 19/09/2019 às 20h.

“O inverno voando para receber a primavera, e eu aterrissando em Natal para participar do CONBRACE.

Quantos anos sem participar desses encontros. Tudo novo, novas vivências.

Domingo, minicurso. Depois de vinte anos, ouvir de um educadora física, o relato do trabalho realizado no SAMU de Sobral, só me deixou orgulhosa de saber que muitos dos meus colegas conquistam dia a dia, espaços que fazem parte da nossa formação com profissionalismo e respeito de outras áreas da saúde assim como dos governantes.

Rever professores, que fizeram parte da minha formação acadêmica serem homenageados nacionalmente, conhecer, ouvir autores famosos e respeitados, ali debatendo, defendendo suas ideias foi emocionante.

Presenciando o desmonte da educação universitária, e tudo que envolve a educação nacional, relembrei da minha formação e trajetória com lutas, greves e conquistas.

As palestras, trabalhos apresentados, discursões entre as gerações de ideias, e ideais, confraternizações simpáticas ou não, atuação dos universitários deixaram as minhas lembranças, e eu, hoje, fortalecida na esperança e no trabalho continuo na defesa da educação e especialmente da educação física.

Trabalhando isoladamente, sem ter com quem discutir sobre a educação física, dialogando comigo mesma, durante anos nas escolas, em 2018 participei de uma formação em educação física.

Iniciando minha participação, com a orientação da jovem e competente professora Ohana. Finalmente, conhecer, conversar, discutir, aprender com meus colegas sobre a educação física.

O trabalho positivo, envolvente, engajado de todo grupo da formação conseguiu que em 2019, a formação continuasse, e com uma proposta nova e empolgante, as "Pipocas Pedagógicas" com a orientação do Professor Admir e sua aluna orientanda de mestrado Aline.

Empolgados com a proposta desse trabalho, hoje, estamos aqui, no CONBRACE, divulgando todo este trabalho, através do livro "Pipocas Contagiantes", escrito por todos os professores de educação física, contando um pouco da vivência de aula de cada um.

Enfim, depois de abraçar esse projeto, pipocar ali, aqui, cheguei a Natal, participei do CONBRACE. Há quanto tempo não me sentia orgulhosa, livre, surpreendida com tudo, todos, comigo. Bronzeei o corpo, a alma, o intelecto. Descarreguei nas ondas salgadas a preguiça, o comodismo. Trouxe de lá, um novo olhar no acreditar do trabalho, sabendo das dificuldades a enfrentar.

Um novo trabalho começou a ser planejado para 2020.

Então... Que venha.”

(Patrícia Valéria)

Entre mesas, mamadeiras e palestras.

“O ano de 2019 começou bem pesado pra mim, mudanças, perdas, mais mudanças, pela primeira vez na vida, eu não fazia a menor ideia do que seria o dia seguinte. Não tinha mais planos, não sabia o que fazer em nenhum âmbito da minha vida. No trabalho, eu vivia uma licença maternidade, que apesar de todos os benefícios, me manteve distante da formação de professores, na qual sempre fui assídua.

Tínhamos iniciado, o trabalho sobre as pipocas pedagógicas, e eu havia dito que mesmo de licença, iria participar. O psicológico não colaborava...

Acabou a licença e voltei perdida, angustiada, mas num ambiente revigorante. Vieram informações sobre o CONBRACE, que eu só tinha ouvido falar. Não fazia a menor ideia do que era, mas precisava participar. Lá fui eu, com uma criança de nove meses no colo, muitas malas e certa angústia por não saber o que me esperava.

No primeiro dia, depois de algumas voltas em Natal, por termos confundido o local do minicurso, chegamos. Fui surpreendida pelas discussões produtivas.

No dia seguinte, na abertura, uma nova surpresa ao ver cinco dos meus professores da graduação, profissionais que eu sempre admirei. Ao conversar com todos eles, comecei a me sentir mais tranquila, me sentir "em casa". Daí em diante pude observar e admirar a grandeza daquele evento. Fomos apresentados a grandes nomes da Educação Física, pessoas que eu achava que só existiam em

livros. Nos dias seguintes pude perceber que eles são pessoas mesmo, como a gente e que estávamos ali, lado a lado. Isso é legal demais!

Então veio o dia do lançamento do livro, junto veio à tensão e a preocupação por novamente não fazer ideia do que seria. Eu tinha que falar sobre um trabalho que eu nem me sentia digna pra falar, afinal tinha participado tão pouco, mas novamente foi incrível. Uma festa com apresentação de grupo folclórico (que minha filha queria fazer parte), coquetel, capoeira, etc. Minhas professoras se aproximando para saber qual era a minha pipoca, pessoas elogiando o trabalho e algumas pessoas se aproximando pra fazer perguntas para nos desestruturar. No final sobrevivemos, quebradas, mas sobrevivemos.

O CONBRACE foi uma fantástica experiência profissional, mas foi uma experiência pessoal maior ainda, em que tive pessoas que me ajudaram, incentivaram, me deram força e me ajudaram a me reerguer. Saí de lá uma pessoa diferente e com vontade de me tornar uma profissional muito melhor.

Entre mesas, mamadeiras e palestras, foram dias de grande aprendizado.”

(Poliana Barreto)

Ou isto ou aquilo - Do paradoxo das escolhas à caverna de Platão.

“Eis que surge a possibilidade de participar de um congresso acadêmico em Natal com um grupo de professores/narradores do município de Contagem, para publicarmos as famosas Pipocas Contagiantes produzidas nos encontros de formação profissional oferecidos pela prefeitura deste município.

Inicia-se então um processo de angústias diante da necessidade de fazer escolhas: ir ou não ir? Sacrificar-me ou não para participar deste evento sendo que a própria prefeitura não teria financiamento para os professores participarem? Investir ou não em educação? Questões a serem pensadas tendo em vista os problemas e obstáculos do cenário educacional brasileiro no qual se desvalorizam os profissionais da educação em todo o país.

O sofrimento foi inevitável. A angústia de não ter condições de ir, mas querer muito participar! Esse paradoxo foi cruel comigo e com os outros colegas do grupo de formação.

Fiquei elaborando as hipóteses e as possibilidades por vários dias:

- Vou ou não vou?
- Pago pra ir ou espero o financiamento da prefeitura?
- Investimento ou sacrifícios?
- Estudar ou ficar alienado?

Parafraseando Cecília Meireles, ou guardo dinheiro e não vou ao CONBRACE, ou vou ao CONBRACE e não guardo dinheiro.

Oh céus, dúvida cruel! Esse era meu sofrimento em ter que ESCOLHER algo e abrir mão de outras possibilidades e oportunidades.

Esse dilema existencial foi resolvido e num passo de loucura, estava eu, indo comprar as passagens, arrumar as bagagens, contratar os serviços de hospedagem, e enfim, levantar recursos pra viajar nesse sonho de última hora. Talvez, diria então, um pesadelo em construção!?

Nesse caso, refiro aos vários problemas que seriam criados aqui, como minha ausência nas escolas onde trabalho, os horários de Educação Física, os alunos sem aulas, os colegas de trabalho questionando, outros incentivando, os amigos apoiando, os meus gastos com essa viagem, minha família ficando para trás, minha programação de férias com a família sendo adiada, dentre outras tantas coisas que teria que escolher para então seguir nessa aventura em Natal.

E fui... Na cara e na coragem! E também contando com o apoio dos colegas pipoqueiros/narradores que estavam contagiados pela emoção de estarem representados no lançamento do nosso livro de educação física lá no CONBRACE de 2019.

Chegando lá, achando que não mais sofreria com as escolhas que fizera, deparei-me, logo de cara, com mais outras tantas escolhas e angústias que viriam a me seguir durante uma semana de participação no congresso, tais como:

- Protestar ou não, logo no momento de abertura do congresso? Nesse caso, foi mais fácil escolher e agir, juntamente com meus colegas profissionais. Eram muitos professores de todos os cantos do Brasil protestando e lutando por uma EDUCAÇÃO PÚBLICA de qualidade.

Logo ali na minha frente, todos de mãos erguidas, aclamando uma participação coletiva e gritando palavras de ordem contra alguns representantes do governo federal que compunham a mesa de abertura do congresso. Um sentimento

revolucionário foi tomando conta de mim e de todos que estavam ali no ginásio da Escola de Educação Física da UFRN.

Foi emocionante participar desse ato de LUTA, logo no início de um evento acadêmico tão importante para a Educação Física em nosso país. Já me senti representado! Reconfortando e acalmando todos meus questionamentos que surgiram antes da minha ida para o congresso.

Mas não parou por ali! Vieram depois muitas outras dúvidas, gerando mais situações de escolhas e sofrimentos:

- Participar de qual Grupo de Trabalho? Os famosos GTs do CONBRACE/2019.

- Vou para o GT Escolar? Mas e o GT de Lazer? E o GT de Gênero e Diversidade? E o GT de Formação Profissional? Mas, o GT de Inclusão? Vou pra esse ou pra aquele? Mas se for nesse, perco aquele. E aquele outro, e o outro... E as praias famosas de Natal? Ir nessa ou naquela? E as cervejas geladas que caiam muito bem com aquele calorão no litoral? E o “Balde de água fria”? Ah, mas sobre esse, diria agora, outra pipoca pudesse escrever.

Realmente Cecília tinha razão: “é uma grande pena não se possa estar ao mesmo tempo em dois lugares!”.

E assim seguiram-se os meus dias em Natal. Escolhendo isso e deixando de fazer aquilo. Assistindo isso e perdendo aquilo. Sofrendo e também estudando e me divertindo nas horas vagas do congresso.

Fui me oxigenando e ressignificando com os debates, os textos, os pôsteres, as apresentações e as mesas redondas. Aquelas vivências e experiências me enchiam de energia e ao mesmo tempo acalmava meu coração.

E tudo foi se materializando e transformando aquele humilde professor que saíra de Contagem para participar de um importante congresso no litoral, e que não mais voltaria à sua terra natal da mesma forma como teria saído. Novas luzes e caminhos para seguir no retorno à Contagem!

Tudo que foi vivenciado e aprendido naquele espaço acadêmico iluminava meus pensamentos e devaneios a partir de então. Muitas sombras foram apagadas e agora, não por angústia e dúvidas, mas pela certeza de que outros caminhos seriam percorridos na minha jornada acadêmica e profissional.

Foi como se tivesse saído das cavernas, enxergando luzes no fundo do túnel! Foi transformador!

Diria até que as águas salgadas daquela região deram mais tempero à minha vida profissional. Ah, nem sei mais o que dizer ou pensar!

“Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...e vivo escolhendo o dia inteiro!”

Afinal, deixo para você, leitor, tirar suas próprias conclusões, e se aventurar nesse paradoxo modo de ver e interpretar a vida e as escolhas.”

(Walber da Silveira)

Nós retornamos do congresso com novos animos, tanto para encarar o ultimo trimenstre na escola, quanto para continuar investindo na nossa qualificação profissional. Patricia, Walber e Poliana voltaram certos que iriam se dedicar para tentar entrar para o mestrado. As convivencias durante o congresso fizeram que eles se lembrassem do quanto a cademia é estimulante e ficaram entusiasmados para buscar mais esta qualificação. Combinamos que no próximo encontro do Coletivo de Professores de Educação Fisica Narradores, cada um daria seu depoimento sobre a participação no congresso com o intuito de motivar nossos colegas a também participarem de futuros eventos academicos.

De volta a escola, eu e Poliana tivemos 3 longas semanas de organização e execução de um torneio interno na escola. Organizamos os jogos de forma que as turmas dos professores que nos substituiram durante a semana do congresso estariam sempre jogando e desse forma nos iriamos compensar aos professores os horarios devidos.

Para fechar o ano durante o mês de novembro resolvi abardor a prática de atividade física, alimentação e saude com emus alunos. Incentivada pela disciplina Educação Fisica e Saude que tivemos no PROEFE com a professora Meily Asbú, tentei colocar em prática um projeto de ensino que produzimos na disciplina. Com a ajuda do documentário “ Muito além do peso” iria problematizar os habitos alimentares da nossa geração e da cominidade escolar e o conceito de qualidade de vida e saúde relacionados com a pratica de atividade física.

Encerramos as aulas de educação física com um piquinique onde alunos apresentavam o lanches que levaram e explicavam os contras e os prós de cada alimento trasido. A ideia não era discriminar os alimentos industrializados e exaltar

a alimentação saudável mas sim criar a consciência daquilo de se consome e o por quê se consome na nossa sociedade. Embora as discussões da disciplina de Educação Física e Saúde tivessem me apontado um repertório para ser trabalhado durante um ano inteiro com o conteúdo em um mês só consegui focar nos hábitos alimentares.

Novembro e dezembro são meses muito corridos na escola. Muitas provas, notas a serem lançadas, recuperação paralela, recuperação final, conselho de classe, feriados, formaturas, calendário de 2020, festa de confraternização, amigo oculto, organização escolar, matrículas...enfim o encerramento e a preparação para começar tudo novamente.

Nos últimos encontros da formação continuada dos Professores de educação física Narradores conversamos muito sobre o lançamento do livro e a nossa participação no CONBRACE e tive que conter os colegas que queriam, a todo custo, promover um evento de lançamento do livro em Contagem.

Fizemos várias propostas para o lançamento do livro em Contagem: tentamos participar da Bienal do Livro ², tentamos realizar um seminário final das turmas de formação continuada de professores de educação física; tentamos fazer uma cerimônia de lançamento do livro e encerramento da formação de 2019; tentamos garantir as cópias impressas do livro para distribuição; todas as nossas tentativas não foram concluídas por falta de apoio e envolvimento da SEDUC visto que não podíamos contar com tempo, recursos financeiros e materiais vindos da prefeitura.

Entre todas as organizações de final de ano, uma que sempre afeta aos professores de educação física em especial, são as formações estruturais que a Seduc impõe as escolas. Para 2020 estava sendo programado que muitas escolas teriam uma diminuição no número de professores visto que a prefeitura precisava enchutar a folha de pagamento e tinham muitos professores com horas aula sobrando. Sendo assim, as escolas deveriam organizar sua grade curricular com um número mínimo de professores e muitas escolas optaram por reduzir a quantidade de aulas de educação física e inglês. Passamos parte do nosso encontro conversando sobre esta situação que todo ano se repete e aflige a tantos professores que ficam excedente e pensando em formas de lutar pela garantia de pelo menos duas aulas por semana de educação física nas escolas.

Fizemos no ultimo encontro uma avaliação final de como tinha sido o ano de 2019 e quais eram as expectativas para o ano de 2020. Contamos para todos os professores do Coletivo que haviamos recebido o convite da superintendente da educação básica, Cristiane XXXXX, para dar continuidade a formação continuada no ano seguinte. Na avaliação que eu e Admir fizemos relembramos todas as conquistas do coletivo durante o ano e fizemos uma proposta de ementa para o coletivo. Dentre as novas demandas, propusemos a criação de novas formas de escrita: relatos de experiência, estudo de casos, artigos científicos além , é claro, das pipocas pedagógicas.

“Coletivo de Professores (as) de Educação Física Narradores (as) de Seus Saberes e Fazeres”

Narrativas de Práticas Curriculares.

O Coletivo de Professores (as) de Educação Física Narradores(as) de Seus Saberes e Fazeres se constituiu a partir de um convite do Professor Admir Soares de Almeida Junior aos professores da rede pública de Contagem, participantes da formação continuada oferecida pela Seduc, para que esses narrem suas experiências docentes e escrevam referente às suas aulas como forma de refletir e fazer circular um conjunto de saberes produzidos na prática pedagógica.

Ao longo do ano de 2019, foram realizados (09) nove encontros, em que os professores (as) foram desafiados a produzirem narrativas pedagógicas no tocante ao ensino e aprendizagem nas aulas de Educação Física. Esse processo resultou na publicação de um *e-book* denominado “Pipocas Contagiantes”.

Para o ano de 2020, propomos a continuidade das ações desenvolvidas junto ao Coletivo, com a realização de oito encontros mensais, com as seguintes atividades:

- Elaboração de narrativas em diferentes formatos (Pipocas Pedagógicas, Casos de Ensino, Relatos de Experiência, Narrativas Audiovisuais, Narrativas Fotográficas) sobre o ensino e aprendizagem de diferentes temas e conteúdo da Educação Física Escolar.

- Apresentação de relatos de experiência de práticas curriculares desenvolvidas nas escolas.
- Publicação do um segundo livro do Coletivo: “Formação Continuada de Professores(as) de Educação Física: Narrativas de práticas curriculares”.

Quadro 2- Proposta de cronograma 2020.

26/03/2020	Primeiro Encontro do Ano: Apresentação de diferentes tipos de narrativas pedagógicas Discussão sobre formato do segundo livro do Coletivo, publicação de relatos de experiência e artigos (RBEB-FAE/UFMG e Caderno de Formação RBCE).
23/04/2020	Relatos de Prática e/ou Oficina. Elaboração de Narrativas.
28/05/2020	Relatos de Prática e/ou Oficina. Elaboração de Narrativas
25/06/2020	Participação do Coletivo com apresentação de trabalhos no Seminário do PROEFE (EEFFTO/UFMG).
27/08/2020	Relatos de Prática e/ou Oficina. Elaboração de Narrativas.
24/09/2020	Relatos de Prática e/ou Oficina. Elaboração de Narrativas.
29/10/2020	Relatos de Prática e/ou Oficina. Elaboração de Narrativas.
19/11/2020	Lançamento do segundo livro do Coletivo: “Formação Continuada de Professores(as) de Educação Física: Narrativas de práticas curriculares”

Fonte: a autora.

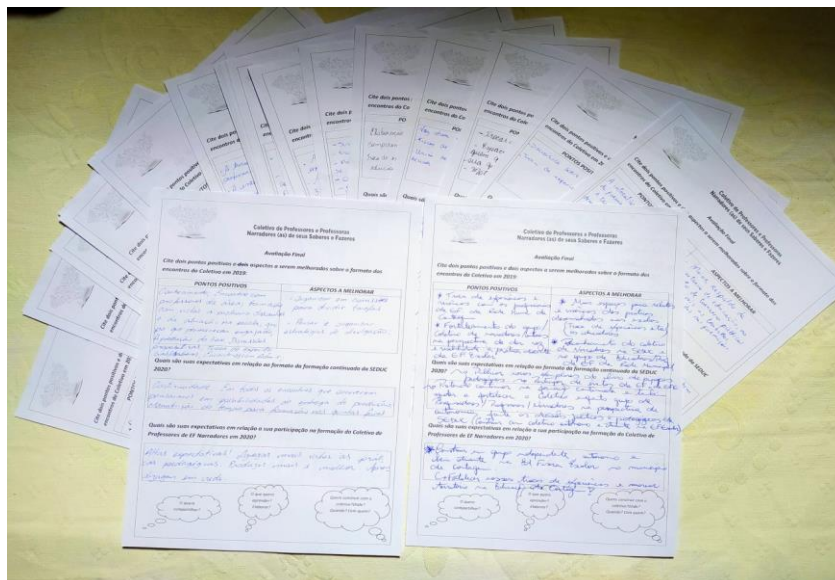
Criei um questionário de avaliação para que os professores respondessem ao fim do encontro, para que pudéssemos considerar a opinião dos colegas para o ano de 2020. Fizemos um questionário escrito e sem necessidade de identificação, para que os colegas pudessem ficar à vontade para expressar suas opiniões. Trinta e um participantes do coletivo responderam ao questionário. Abaixo listei os fatores mais citados pelos professores:

Quadro 3- Questionário.

<i>Pontos Positivos de 2019</i>	<i>Aspectos a Melhorar</i>
<ul style="list-style-type: none">• Troca de experiências;• Abordagem do conteúdo específico da Educação Física.<ul style="list-style-type: none">• Dinâmica e organização dos encontros.• Voz ativa dos participantes nas tomadas de decisões.• Valorização do saber do professor.• Incentivo a participação em eventos fora da prefeitura de Contagem.• Visita de professores convidados para a formação.• Interatividade e representatividade dos professores que estavam frente da formação.	<ul style="list-style-type: none">• Visibilidade e publicidade dos encontros e das produções.• Apoio e envolvimento da SEDUC.• Mais oportunidades de participar em eventos da Educação física Escolar.• Garantia dos encontros de formação e tempos pedagógicos de todos os professores de educação física da rede as quintas feira.• Ampliar o referencial bibliografico sobre narrativas.• Aumento do numero de encontros e distribuição das funções de organização do coletivo.• Mais oficinas e abordagens práticas.

Fonte: a autora.

Foto 48- Proposta de avaliação da formação continuada.



Avaliação dos encontros de formação continuada do Coletivo Professores Narradores.
Fonte: a autora.

17 MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO

Além das disciplinas do mestrado e a formação continuada de Contagem, preciso relatar algumas cenas dessa história, que foram importantes para meu processo de aproximação e reconhecimento do campo da pesquisa narrativa e autobiográfica. Entre os colegas de mestrado, professores do coletivo e professores e mestrandos do meio acadêmico, que convivi nesses últimos dois anos, percebi certa desconfiança de alguns personagens em reconhecer a narrativa como campo de pesquisa consolidado.

Rodrigues e Prado (2015) em diálogo com Bruner (1988) propõem dois modos de produção de conhecimento científico: o paradigmático e o narrativo. O modo paradigmático é mais coerente com as investigações de cunho quantitativo (mensurável, controlável), podendo, também, ser utilizado em investigações qualitativas, dado seu caráter de objetividade e ênfase na categorização e abstração. Por outro lado, o modo narrativo “apresenta-se como mais coerente com os desenhos qualitativos de investigação, considerando que não se parte de categorias prévias; a partir da análise dos dados, emergem categorias que podem possibilitar o encontro de regularidades ou emergem elementos singulares que configuram a história de cada sujeito investigado”.

Meus primeiros movimentos rumo à compreensão da pesquisa narrativa, como campo de pesquisa, aconteceram nos encontros de orientação, que tinha com Admir. Em nosso primeiro encontro, em setembro de 2018, já idealizando os percursos para a construção desse memorial, Admir me apresentou vários artigos, autores, congressos e revistas brasileiras que trabalham na perspectiva narrativa. Voltei para casa, após esse encontro com um bom arsenal, do qual faço uso a todo o momento no processo de adensamento da minha escrita. Nos encontros prévios a formação continuada de Contagem, também, tínhamos conversas muito esclarecedoras quanto as diferenças estruturais entre a *narrativa pedagógica X pipoca pedagógica*. O meu entendimento entre a tipologia dos textos foi crescendo e facilitando meu envolvimento com as práticas que desenvolvíamos no coletivo.

Em maio de 2019, recebemos a visita do professor Guilherme do Val Toledo Prado a Belo Horizonte para cumprir agenda na UFMG, em disciplinas e grupos de pesquisa na Faculdade de Educação. Admir teve a perspicácia de

organizar um encontro de orientação em grupo, entre três de seus orientandos e Guilherme. Eu, Rodrigo Gavioli e Thátilla Freire estávamos desenvolvendo pesquisas no campo da narrativa, abordando o tema da formação continuada. Tivemos a oportunidade de ouvir o projeto de pesquisa dos colegas, falar do próprio projeto e pensar nas possibilidades em diálogo com as contribuições de Guilherme. A partir desse encontro, comecei a perder o medo da escrita. Vivia cheia de dúvidas: Sobre o que escrever? Por que contar minhas experiências? Por que me apegar a detalhes? Que sentido os leitores verão no meu trabalho? Por onde começar? Mesmo já tendo encontrado respostas para essas perguntas, anteriormente, nas referências que lia, é bem diferente e encorajador ouvir do próprio Guilherme a importância, os modos e as possibilidades de trabalhar com a pesquisa narrativa.

Foto 49 Aula disciplina Pesquisa Narrativa e (auto) biográfica em educação física.



Alunos da disciplina Pesquisa Narrativa e (auto) biográfica em educação física ofertada pelo professor Admir no PROMESTRE- FAE/ UGMG.
Fonte: a autora.

No primeiro semestre de 2019, consegui me matricular em uma disciplina eletiva que era ofertada pelo Admir no PROMESTRE da Faculdade de Educação da UFMG: Pesquisa Narrativa e (auto) biográfica em educação física. A turma contava com 18 alunos na turma entre mestrandos do PROEF, mestrandos do PROMESTRE e professores do Coletivo de Contagem cursando a disciplina isolada. Embora o nome da disciplina sugerisse que seria voltada para professores de educação física, tivemos colegas da pedagogia e da matemática também, o que acabou tornando nossos diálogos mais amplos e abrangentes e fazendo com que as 30 horas da disciplina passassem como um estalo. Entre textos de Walter Benjamin, Pierre Bourdieu, Antônio Bolívar Botía, teses, dissertações, narrativas pedagógicas, pipocas pedagógicas e várias canções de samba, interpretadas por Dóris dos Santos¹⁵ extrapolávamos nosso tempo e entrávamos noite adentro conversando sobre as narrativas e provocando nossos sentimentos emoções.

¹⁵ Elzelina Dóris dos Santos, mineira, nascida em Belo Horizonte, além de pesquisadora, educadora e mestranda do PROMESTRE é autora do projeto Cantando a História do Samba e atua como interprete desde 1997.

Foto 49- Aula disciplina Pesquisa Narrativa e (auto) biográfica em educação física.



Momento em que Doris faz a interpretação da canção “Madureira” como exemplo de narrativa (auto) biográfica.

Fonte: a autora.

Também, no início de 2019, à convite do professor Admir, aderi ao *LapenSI*- Laboratório de Pesquisas e Estudos em Narrativas de SI e Processos Formativos Docentes, coordenado pelos professores/as Admir Soares de Almeida Junior (Educação Física), Rosvita Kolb (Belas Artes) e Cláudia Starling (Didática - FaE). O Laboratório é uma rica oportunidade de construção de parcerias, estudos e pesquisas sobre Narrativas de SI e Formação Docente. O grupo se propôs, inicialmente, a elaborar narrativas próprias sobre a relação individual de cada um com a pesquisa narrativa autobiográfica. Nos encontros seguintes, a proposta era dialogar com autores do campo, promovendo encontros e debatendo os métodos de pesquisa narrativa da atualidade.

Foto 50- Foto grupo de pesquisa LapenSI.



Encontro organizado pelo LapenSI com a participação do professor Guilherme do Val Toledo Prado.
Fonte: a autora.

18 CHEGAMOS, TEMPORARIAMENTE, AO FINAL DE 2019.

É experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar-nos nos forma e nos transforma... esse é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao largo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece... por isso ninguém pode aprender da experiência de outro a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria. (JORGE LARROSA **APUD** PRADO e SOLIGO, 2005, p.54).

Final do ano letivo, estamos todos sobrecarregados, professores suplicando pela chegada das férias, com a sensação de dever cumprido. Meu ano letivo foi marcado por muito trabalho, estudo, deslocamentos, laços que se estreitaram, gratidão, e acima de tudo, superação.

No PROEF, já caminhamos para conclusão. Não temos mais os encontros presenciais e as obrigações agora são com a escrita. Cada professor com seu orientador, trabalhando rumo as defesas que se iniciam em abril de 2020. Todos os 12 mestrandos já passaram pela qualificação e estamos vivendo momentos de extrema ansiedade, preocupação e dificuldade de concentração para manter o foco na escrita nessa reta final. Alguns colegas chegaram a pensar até em desistir, mas vamos conversando diariamente e buscando forças uns nos outros para conseguirmos chegar a uma versão final desse trabalho. Fico na torcida para que saia logo o edital para a entrada de uma nova turma. Nossos professores do coletivo estão ansiosos por essa oportunidade também. Com meus colegas pretendo cultivar as relações que construímos, os diálogos, as trocas, a admiração, nem que seja apenas pelo nosso grupo de *WhatsApp*.

O Coletivo de Narradores, a que tudo indica, não se diluirá tão cedo. Não só eu e Admir, mas todos os professores que participam, se reconhecem, compreendem e dialogam com a proposta. Vamos juntos buscando apoio para continuarmos a nos encontrar, “*pipocar*”, trocar experiências, relacionando os saberes científicos com o conhecimento prático, tentando publicitar, cada vez mais, e de diferentes formas, o conhecimento por nós produzido. Para além dos ganhos individuais, que a escrita reflexiva favoreceu, houve um aspecto político de igual ou maior relevância: a publicação dos textos produzidos pelos que fazem a educação deste país – narrando suas experiências, revelando suas ideias, refletindo o que

fazem – na verdade é uma conquista de toda a categoria profissional. (PRADO e SOLIGO, 2005)

Confesso que quando aceitei o convite de Admir para compor o coletivo e produzir esse memorial de formação, não tinha ideia do quão trabalhosa seria essa jornada e o quanto ela me transformaria pessoalmente e profissionalmente. Concordando com Bragança (2016) hoje percebo que as minhas vivências de vida são indissociáveis da minha experiência profissional. Por meio do resgate de lembranças e da abertura do meu “baú de memórias”, vejo que minha formação vai muito além do espaço/tempo escolar, a “formação humana tem na vida sua territorialidade. Como professora vi, principalmente, nos processos de formação continuada a motivação necessária para que não caísse no desinvestimento pedagógico. A rotina e os obstáculos da docência no sistema educacional do Brasil são cruéis com o professor que se forma inspirado a fazer a diferença no ensino/aprendizado de seus alunos. Minha motivação vinha do modelo de formação interativo - reflexiva (HENRIQUE e FERREIRA, 2016) com interação entre os pares, trocas de experiência e reflexão sobre a prática docente, ou seja, “de uma formação reflexiva e emancipadora, realizada de maneira crítica e autônoma, que valorize não só a formação em si, mas o pensamento e a experiência do professor como elementos essenciais na construção de novos saberes e competências profissionais” (NOVOA 1992).

Como formadora, a frente da organização dos encontros do Coletivo de Narradores, junto com Admir, passei por diferentes estágios. Inicialmente, sentia muita ansiedade, nervosismo e insegurança de estar à frente dos colegas. Com o passar dos encontros, e das relações que fui estabelecendo com os professores, as trocas de experiência, as conversas mais próximas do dia a dia, o auxílio com os trâmites da escrita e validação das pipocas pedagógicas, passei a entender o verdadeiro sentido de um coletivo. Quebrei meus paradigmas no que tange a formação e formador, o modelo clássico que eu sempre vivenciei, reestabeleci meus conceitos a respeito do tempo, lugar e as circunstâncias para continuar me formando.

Narrando a minha vida, ou melhor, os processos formativos da minha vida e aprendendo um pouco mais sobre a narrativa estou descobrindo a potência formativa que é escutar os professores. Nós clamamos por sermos ouvidos. Os

professores do coletivo por meio dos relatos de experiência, das pipocas pedagógicas, e das reflexões que repercutiam sobre cada história narrada, tornaram-se protagonistas em um espaço, em que antes eram coadjuvantes. Como foi difícil “contê-los” assim que descobriram o potencial que tinham! Cortou-me o coração ter que acalmar os ânimos dos professores no penúltimo encontro do coletivo, onde todos se reviravam em ideias para um possível lançamento do nosso livro, já em versão impressa, na prefeitura de Contagem, indo contra todas as delimitações da própria SEDUC.

Volto agora à Escola Municipal Albertina Alves do Nascimento, onde trabalho há exatos 3 anos, a escola que mais tempo já estive. Aqui que minha jornada, na formação continuada, oferecida pela prefeitura de Contagem, também, teve início, como já pude narrar anteriormente. Também, foi aqui, que nesses 10 anos de docência, pela primeira vez tive a oportunidade de trabalhar com outra professora de educação física, dividindo espaços, experiências, planejando juntas, executando projetos, enfrentando desafios e buscando o reconhecimento da educação física como disciplina obrigatória na cultura escolar. No Albertina passei também pela experiência de seguir com um grupo de alunos, dei aula para as mesmas turmas durante 3 anos, e isso me fez desenvolver muito profissionalmente pois era uma “professora de planejamento único,”¹⁶ dado que sempre fiquei um ano em cada escola, e a cada vez que mudava, fazia poucas alterações ao meu planejamento anual para adaptar à realidade da escola.

Como todo fim de ano, nas escolas de Contagem, mudanças são realizadas. Dessa vez, minha escola está sofrendo uma reformulação no número de turmas, que poderemos abrir no próximo ano, e esse número influencia no quadro de professores da escola. Diminuíram quatro turmas para 2020, e com isso a escola também perde um quantitativo de seis professores, assim, eu acabei ficando excedente¹. Ainda não sei em qual escola estarei no ano que vem, se terei outra (o) colega de trabalho, se a escola terá quadra ou material esportivo, em quais anos do

¹⁶ O termo “professora de planejamento único” surgiu entre os alunos da disciplina Escola, Educação Física e Planejamento e caracteriza o professor que se organiza para dar aula durante um ano na mesma escola. O planejamento assim é aproveitado em outras escolas visto que os alunos não tiveram a mesma abordagem anteriormente e o professor não se emprega em fazer a progressão dos conteúdos.

ensino fundamental irei atuar, ou quantos quilômetros terei que percorrer para chegar ao trabalho dessa vez!

Meu primeiro sentimento, assim que fiquei sabendo da minha excedência, foi de insegurança pela possibilidade de cair novamente em regiões distantes demais e/ou com condições ruins de trabalho como as que vivenciei nos meus primeiros anos de docência, tristeza por mais uma vez estar mudando de escola. Acredito que o vínculo com o local de trabalho e o bom relacionamento com os envolvidos é mais um motivante para a nossa profissão. Entretanto, não sou mais a Aline de 10 anos atrás, e pretendo usar da minha experiência para mudar meu estado de espírito. Agora, prefiro pensar que novas oportunidades surgirão, novos desafios, novos colegas e novas inspirações. Meu tempo no Albertina venceu. Que bom que pude usufruir de todos os ensinamentos e vivências que essa escola me proporcionou.

A experiência que vim adquirindo com o passar dos anos, e quem vem sendo percebida e reconhecida por mim por meio do processo de reflexão e escrita deste memorial me faz perceber o quanto minhas andanças, trocas de escolas e momentos distintos de formação transformaram minha concepção de escola, de educação física escolar, ensino, aprendizagem, aluno e professor. Eu precisei viver tudo isso para não ver mais a excedência como um ponto final. Tomo emprestado os dizeres de Larrosa (2002 p, 24) para verbalizar esse momento de reflexão, parar e olhar para trás para planejar o futuro:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Na perspectiva de tentar, temporariamente, finalizar esse trabalho, paro, escuto. Escuto mais devagar, olho mais devagar, penso mais devagar. Leio e releio com mais atenção todo esse percurso investigativo, na tentativa de buscar formas de descrever com mais e, outras palavras, qual o conjunto de aprendizados dos meus últimos dois anos. Como fazer que o leitor compreenda a satisfação que um

professor/a sente quando consegue atingir seus alunos? Como fazer que o leitor perceba o significado de trabalhar em pares ou de constituir um coletivo? Como conseguir comunicar ao leitor a essência de relatar as experiências vividas por mim e pelos meus colegas? Tão difícil quanto narrar acontecimentos é descrever sentimentos. Sentimentos gerados daquilo que vivi, daquilo que passei. Nem mesmo as melhores palavras trarão sentido ao leitor daquilo que ele não viveu, não experimentou.

Finalizo, temporariamente, esse memorial com a certeza, que irei retomá-lo para refletir com mais calma, demorar-me nos detalhes. Porém, nesse momento preciso obrigatoriamente parar. Vivendo um paradoxo de tempos, no qual estamos todos forçados a parar, em isolamento social, não porque queremos, mas porque vivemos uma pandemia mundial. Forçados a parar, forçados a suspender o automatismo e vontades. Parados e enfrentando os questionamentos internos sobre quais rumos nossas vidas tomarão com o passar de toda essa “*paradeza*”.

REFERÊNCIAS

- BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. 14-24, 2001. Temas polêmicos.
- BRACHT, V. *et al.* **Pesquisa em ação: Educação Física na escola**. Ijuí, RS: Ed. da Unijuí, 2003.
- BRAGANÇA, I. F. S. **Sobre a escrita de memoriais: caminhos de transformação**. Memoriais de formação: narrativa e autoria no processo formativo docente / Aline Gomes da Silva, *et al.* (Org.). São Gonçalo: UERJ, 2016, p. 10-18.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica**. Orientações Gerais: Rede Nacional de Formação Continuada de Professores. Brasília: MEC, 2005. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>, acesso em 19/09/2019, às 20H30MIN.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002a. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>, acesso em 23/05/2019, às 16H30MIN.
- CAMPOS, C. M.; PRADO, G. V. T. (ORGS.). **Pipocas Pedagógicas: narrativas outras da escola**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013. 96p.
- CARLAN, P.; KUNZ, E.; FENSTERSEIFER, E. P. O esporte como conteúdo da Educação Física escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica "inovadora". **Movimento**, Porto Alegre, V. 18, nº 04, pág. 55-75, out-dez de 2012.
- DARIDO, C. S. **Relação entre ensinar a fazer e ensinar sobre o fazer na educação física escolar**. Texto produzido para disciplina "Problemáticas da Educação Física" do PROEF- Ambiente Virtual de Aprendizado.
- DARIDO, C. S.; GONZÁLEZ, J. F.; GINCIENE, G. **O afastamento e a indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física escolar**. Texto produzido para disciplina "Problemáticas da Educação Física" do PROEF- Ambiente Virtual de Aprendizado.
- DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e Educação**. Figuras de l'indivíduo-projeto. Trad. Maria da Conceição Passeggi, João Gomes Neto, Luis Passeggi, São Paulo: Paulus; Natal, RN: EDUFRN, 2008.
- DIAS, A.B.M. Re: **Mestrado profissional/ UFMG/ Segunda Chamada**. E-mail Yahoo: 12 de março 2018. 17:33. 1 mensagem de e-mail.
- DIAS, A.B.M. **Seminário do dia 07/07/2018 AJUDA**. E-mail Yahoo. 30 de junho 2018. 10:03. 1 mensagem e-mail.

FARIA, A. B.; BRACHT, V. Cultura escolar, reconhecimento e educação física. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 2, supl., p. S310-S323, abr./jun. 2014

FENSTERSEIFER, P. E.; SILVA, M. A. Ensaando o “novo” em Educação Física escolar a perspectiva de seus atores. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 119-134, jan./mar. 2011

FERREIRA, J. S.; HENRIQUE, J. **Um olhar sobre os modelos e práticas de formação continuada de professores**. Didática e Prática de Ensino na relação com a Formação de Professores EdUECE- Livro 2. 06529. 2016

FERREIRA, L. H.; PRADO, G. V. T.; ARAGÃO, A. M. F. A formação do professor por suas narrativas: desafios da docência. **Revista Hipótese**, Itapetininga, v. 1, n. 4, p. 204-227, 2015.

FREITAS, C. M. **Mestrado profissional**. Mensagem no Messenger. 12 de março 2018. 20: 23. 1 mensagem Messenger.

GARIGLIO, J. A. **Mestrado profissional/ UFMG/ Segunda Chamada**. E-mail Yahoo: 12 março 2018. 17:16. 1 mensagem e-mail.

GEPEC-FE-UNICAMP. Pipocas Pedagógicas: causos de professores. In: **IV Seminário Fala Outra Escola**. Caderno de Resumos e de Programação. Campinas, FE-Unicamp, 2008, p. 106.

GONZÁLES, J. F. FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da EF escolar I. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 9-24, set. 2009

GONZÁLEZ, J. F. Atuação dos professores na educação física escolar: entre o abandono do trabalho docente e a renovação pedagógica. In: BRACHT, V.; ALMEIDA, R. U.; WENETZ, I. (Org) **A educação física escolar na américa do sul: entre a inovação e o abandono/ desinvestimento pedagógico**. P. 27- 44 CRV, Curitiba, 2018

GONZÁLEZ, J. F. **Educação Física Escolar: entre o "rola bola" e a renovação pedagógica**. Texto produzido para disciplina “Problemáticas da Educação Física” do PROEF- Ambiente Virtual de Aprendizado.

JOSSO. M.C. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Claudino e Julia Ferreira. São Paulo: Cortez. 2004

JUNIOR, A. S. A. Foto (e) grafias na formação de professores/as de educação física. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 02, n. 06, p. 661-681, set./dez. 2017

JUNIOR, A. S. A. Re: **Seminário do dia 07/07/2018 AJUDA**. E-mail Yahoo. 01 de julho 2018. 11:38. 1 mensagem.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí, RS: Ed. Da Unijuí, 2001.

LUIZ, C. I.; MELLO, S. A.; VENTORIM, S.; NETO, F. A.; SANTOS, W. **Investigação, narrativa e formação continuada de professores de educação física: possibilidades para uma prática colaborativa.** J. Phys. Educ. v, 27, e2721, 2016.

MATOS, C. N.; SOUZA, R. E.; NASCIMENTO, V. J.; PINTO, G.M.; SOUZA, B. R. A. A Formação Continuada de Professores da Educação Básica: uma Revisão Sistemática. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 11, n. 28, p.45-64. maio/ago. 2016. Disponível em http://www.utp.br/cadernos_de_pesquisa, acesso à 19h.

MILITÃO, A. N.; LEITE, Y. U. F. A Historicidade do Conceito de Formação Continuada: uma análise da visão de Paulo Freire sobre a formação permanente. In: VII Congresso Brasileiro de História da Educação, 2013, Cuiabá. **Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação.** Cuiabá - MT: SBHE, 2013. v. 1. p. 1-15.

MOLINA NETO, V.; MOLINA. R.K. Pesquisa Qualitativa em Educação Física Escolar: a experiência do F3P-EFICE. In: MOLINA NETO, V.; BOSSLE, F. (ORGS). **O Ofício de Ensinar e Pesquisar na Educação Física Escolar.** Porto Alegre: Sulina, 2010. P.09-36

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C.; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: Pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.27, n.01, p.369-386, abril 2011.

PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. Memorial de formação- quando as memórias narram a história de formação. **Porque escrever é fazer história. Revelações subversões superações.** Campinas, 2005. P 47-62.

PRADO, G.V.T.; DAMASCENO, E.A. Saberes Docentes: narrativas em destaque. In: VARANI, A. FERREIRA, C.R., PRADO, G.V.T. (ORGS). **Narrativas docentes: trajetórias de trabalhos pedagógicos.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. P.15-28

REIS, M. E. T.; AFFONSO, S. A. B.. Os programas de formação continuada e sua relação com os saberes docentes. **Revista de educação do curso de pedagogia do campus avançado de jataí da universidade federal de Goiás.** Vol. I – n.3, jan./jul., 2007.

ROSSI, F.; HUNGER, D. A formação continuada de professores: entre o real e o "ideal". **Revista Pensar a Prática.** Goiânia: v.15, n.4, p.821-1113, out./ dez., 2012.

SANTOS, S. R. M. **Formação Continuada: decisão institucional ou espaço de construção de autonomia?** TEIAS. Rio de Janeiro: ano 5, n.9-10, jan./dez, 2004.

SUÁREZ, D. H. Docentes, narrativa e investigación educativa. La documentación narrativa de las prácticas docentes y la indagación pedagógica del mundo y las experiencias escolares. In: SVERDLICK, I. (comp.). **La investigación educativa. Una herramienta de conocimiento y acción.** Buenos Aires: Novedades Educativas, 2012, p. 71-110.

VAGO, T. M. O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente. Um diálogo com Valter Bracht. **Revista Movimento** - Ano III - No 5 - 1996/2. P. 4-17.

VAGO, T. M. Pensar a educação física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 25-42, set. 2009.

ZEICHNER, K. M. **A formação reflexiva de professores: ideias e práticas**. Lisboa: Educa, 1993.